

## VERÃO NA CASA 09

O Verão na Casa dá-lhe a conhecer tudo o que se passa na Casa da Música desde o concerto de S. João, que marca o início das noites de música ao ar livre na Praça, até ao ClarinetFest, que em Agosto faz do Porto a capital mundial do clarinete.

Há muito a descobrir no período em que a programação é mais ecléctica. O Festival Mestiço centra-se nos fenómenos da world music da actualidade, este ano com particular destaque para grandes nomes da música brasileira, país tema da programação em 2009. O Brasil marca igualmente Uma Casa Portuguesa, numa edição que se estende ao longo de várias semanas e celebra as músicas tradicionais, as bandas filarmónicas e as múltiplas expressões do fado no ano em que se assinala o 10º aniversário da morte de Amália.

Para além dos Festivais, a Casa da Música dá continuidade aos seus ciclos de concertos nas mais diversas áreas, reservando mesmo algumas surpresas inéditas. No jazz, os nomes de Chico Pinheiro, pela primeira vez em Portugal, e Brad Mehldau são incontornáveis e reúnem-se para um concerto encomendado pela Casa da Música. A Orquestra Nacional do Porto surpreende todos ao abrir o universo da música clássica ao irreverente hip-hop ou ao acompanhar o grande nome da música brasileira Egberto Gismonti.

São muitos os motivos para passar o Verão na Casa. As actividades educativas multiplicam-se em propostas para todas as idades. O Drumming-Grupo de Percussão também escolheu a Casa da Música para celebrar o seu 10º aniversário, percorrendo os best-of da carreira com ilustres convidados.

E é em entrevistas exclusivas com os artistas que poderá ficar a saber o que esperar dos concertos que aí vêm. Rui Reininho fala dos 28 anos dos GNR, Naná Vasconcelos desvenda a voz de Virgínia Rodrigues, o vocalista dos Babylon Circus antecipa a estreia no Porto de La Belle Étoile, os Natiruts, representantes do reggae brasileiro, projectam o seu próximo álbum, a Comunidade Nin-Jitsu fala daquela que será a sua primeira actuação fora do Brasil, Hamilton de Holanda defende o lema “moderno é tradição”. Diversos artistas portugueses traçam o retrato actual da música tradicional e do fado, Bernardo Sassetti e Mário Laginha revisitam o legado de Amália Rodrigues no idioma do jazz e Jorma Panula fala-nos do que é ser maestro.

Venha descobrir quem toca para si e tudo o que pode ouvir no Verão na Casa.

## Concerto de S. João

Desde comer sardinhas nas Fontainhas a perder-se nas ruas da baixa ao ritmo dos martelinhos, há muitas formas de festejar o S. João na cidade do Porto. Para os que não dispensam a música, o ponto de paragem obrigatório é a Boavista, onde a Casa da Música o convida a entrar num verdadeiro carrossel de som e luz. A Orquestra Nacional do Porto apresenta um programa feito de grandes sucessos da música sinfónica, inspirado em comboios, barcos e aviões. Depois do tradicional fogo de artifício, a viagem prossegue pelos temas mais marcantes dos 28 anos de carreira dos GNR com a promessa de uma noite bem festiva.

Jun

23 Ter 22:00

PRAÇA | Entrada Livre

Concerto de S. João

**ORQUESTRA NACIONAL DO PORTO**

Pedro Neves direcção musical

Dmitri Chostakovitch Galope de Hipoteticamente assassinado

Heitor Villa-Lobos O trenzinho do Caipira (Bach. Bras. nº2)

Eduard Strauss Polca Bahn frei

Richard Rodney Bennett Valsa de Crime no Expresso do Oriente

Eduard Strauss Polca Ohne bremse

Jonathan Dove Cenas do Aeroporto

Maurice Ravel Um barco no oceano

John Adams A Short Ride in a Fast Machine

## ORQUESTRA NACIONAL DO PORTO

### NUM CARROSSEL DE S. JOÃO

Quando começa o S. João? Quando há manjericos nas ruas... Quando se montam as barracas das sardinhas e as roulettes das farturas...sim, e se compram os martelos e os alhos porros... e os carrosséis na Rotunda? Sim, a Rotunda sempre foi o lugar dos carrosséis, dos comboinhos, dos aviões e dos carrinhos de choque. E nem de propósito, aqui na Rotunda, onde está agora a Casa da Música, era a remise dos eléctricos. Isso é que era...

Já se imaginou num carrossel de S. João a toda a velocidade? A Orquestra Nacional do Porto convida-o a embarcar numa viagem delirante nos mais variados meios de transporte que serviram de inspiração a diversos compositores. Desde o ruído ritmado das máquinas a vapor às mais belas paisagens marítimas, o programa de S. João da ONP reproduz ambientes bem diversos numa noite que se quer festiva.

O concerto começa “a galope” com uma dança frenética de Chostakovitch. O ambiente é simultaneamente delirante e sofisticado nas múltiplas síncopas do seu ritmo binário. Esta peça dá o mote para as polcas de Eduard Strauss. É com um apito de comboio que partimos ao som de uma banda vienense em Bahn frei, dança escrita em homenagem aos trabalhadores dos caminhos-de-ferro.

Mudamos de linha para entrar em O trenzinho do Caipira de Villa-Lobos, um comboio a vapor que percorre cantares da música tradicional do nordeste brasileiro. “Muita-terra, pouca-terra,” parece ouvir-se no som que emana da orquestra. Num outro comboio, ficamos com o célebre Hercule Poirot, personagem do policial de Agatha Christie Crime no Expresso do Oriente, romance que deu origem a um filme com banda sonora de Richard Rodney Bennett.

E de repente ficamos sem travões! É a polca Ohne bremse de Strauss com o seu ritmo imparável.

Da terra para o ar com a Suite Cenas do Aeroporto da ópera cómica Flight de Jonathan Dove, um dos maiores sucessos do teatro lírico da última década. As sonoridades embriagantes e sofisticadas de Ravel levam-nos ainda por mais um percurso, desta feita num barco que rasga o oceano.

“Só mais uma voltinha”, parece ouvir-se por entre o público deste concerto que chega ao fim de uma forma verdadeiramente empolgante: A Short Ride in a Fast Machine é a peça perfeita para terminar este programa. Breve e a grande velocidade, esta partitura de John Adams atinge um clímax orquestral espectacular sendo, por isso, a música mais tocada na actualidade em encores orquestrais nos Estados Unidos. O tradicional fogo de artifício é a cereja em cima do bolo. A Praça da Casa da Música transforma-se, assim, num carrossel de som e de luz que desperta o sonho para as aventuras da mais longa noite do ano na cidade.

**GNR**

Jun  
23 Ter 24:00  
PRAÇA | Entrada Livre  
Concerto de S. João

**GNR**

Rui Reininho promete um concerto festivo com os temas mais comemorativos dos GNR

**“O S. JOÃO É UMA NOITE SOLSTICIAL!”**

Depois do fogo de artifício, a festa continua ao som dos GNR. Um grupo do Porto que dispensa apresentações pelos seus 28 anos de carreira e 13 álbuns editados que, num momento ou outro das nossas vidas, nos marcaram e, desde então, fazem parte do nosso imaginário.

Música pop cantada em bom português com ironia, sentido de humor e sarcasmo. Quem não se lembra de Dunas, do álbum Os Homens Não Se Querem Bonitos; Efectivamente, retirado de Psicopátria; Ana Lee, Sub-16, Sangue Oculto ou Pronúncia do Norte, todos juntos no bem sucedido Rock in Rio Douro que, em 1992, atingiu o galardão de platina com vendas superiores a 160 mil unidades? São muitos os motivos que fazem de Rui Reininho, Jorge Romão e Toli César Machado o pilar de um grupo que já conquistou o estatuto máximo em Portugal, mas sem comodismos. Atentos ao desenvolvimento da música nacional e internacional, olham as novas gerações com proximidade derrubando as barreiras do estrelato que, por vezes, ofuscam os demais. Talvez por isso se tenham deixado visitar por vários grupos de hip-hop, R&B e reggae nacionais em 2006. Uma homenagem, aquando das Bodas de Prata do grupo, que resultou na edição de Revisitados 25-06, um olhar da nova geração de músicos portugueses sobre o repertório histórico dos GNR.

Talvez por isso, ainda, tenham convidado Andy Torrence (guitarra), Hugo Novo (teclados) e Rui Lacerda (bateria) para se juntaram a eles ao vivo, formando uma banda coesa e funcional. Músicos da nova geração, com outras influências e que, como grande parte de nós, cresceram a ouvir os GNR.

Paralelamente, o trio editou uma coletânea, em jeito de best of, que deixa em aberto o futuro, não se chamasse Continuação – o Melhor dos GNR Vol. 3, e que conta com dois inéditos: Continuação e Quero Que Tudo Vá Para o Inferno, original de Roberto Carlos.

O espectáculo na Casa da Música será festivo, como explica Rui Reininho em entrevista. Enquanto não chega o sucessor de Lago dos Cisnes (2002), o último de originais, previsto para o final deste ano, os GNR recuperam o vasto e rico repertório que tem vindo a marcar a história do rock português.

Coube aos GNR animar a noite de S. João na Praça da Casa da Música. Um palco por onde passam, a 23 de Junho, muitos dos entusiastas que durante a noite mais longa do Porto deambulam da Ribeira até à Foz. O que estão a preparar para este concerto?

Sem dúvida que será um concerto festivo! É, por tradição, uma noite fantástica no Porto. Curiosamente, há alguns anos era perigosíssimo fazer um concerto no S. João. Lembro-me de, nos anos 80, chegarem a tentar algo do género, mas de ter sido sempre um flop porque as pessoas querem andar de um lado para o outro na rua. Com o passar do tempo as coisas foram mudando e agora há verdadeiros percursos de animação por toda a cidade a que o público já se habituou. Acho óptimo!

E o Rui, como portuense, gosta da noite de S. João?

Claro que sim! Mas não vou para a baixa sujeitar-me a levar umas cacetadas. Desde miúdo que vejo o S. João como uma noite solsticial, de festa na cidade. Quando era moço, esta era a noite mais esperada porque podíamos ficar na rua até mais tarde. Digamos que era o único dia que tínhamos para nos divertir pela noite dentro. Por isso será, com certeza, um espectáculo festivo. Vamos recuperar os temas mais comemorativos do nosso repertório. Sabemos que o público dessa noite tem outras exigências. É uma noite que tem, à partida, de ser divertida. Mas não nos sentimos obrigados a optar pelos chamados “imperdíveis” e “imprescindíveis” porque é uma carga que não reconheço às nossas canções.

O último disco dos GNR saiu em 2006 e marcou os 25 anos de carreira da banda. Uma reunião dos melhores temas e alguns nunca antes editados. No entanto, já se passaram sete anos sobre a edição do último registo de originais, Lago dos Cisnes. Para quando está previsto um novo álbum? Eventualmente, no final deste ano. Precisamos de arranjar espaço para fazer as coisas com calma. Estamos sem editora e ainda não sentimos necessidade de assinar novo contrato. É engraçada a ideia de fazermos nós o disco e, quem sabe, no final procurarmos uma distribuidora. Depois de tantos anos ligados a editoras, está na altura de invertermos os papéis. É bom que o público que nos ouve tenha a noção de que as editoras, ao ficarem com o repertório das bandas, podem transformar os seus artistas em escravos durante vários anos. Por exemplo, apesar de já termos saído da EMI, eles continuam a dispor das nossas músicas conhecidas e apesar de já não haver um elo de ligação entre as partes, a verdade é que eles têm direitos sobre os temas. Ou seja, as músicas nunca são dos seus autores na totalidade.

Então o próximo disco dos GNR sairá em edição de autor?

Para já está tudo em aberto. Será um assunto que teremos de abordar quando começarmos a trabalhar no novo disco. Por exemplo, quando estava a gravar o meu disco Companhia das Índias, que as pessoas dizem que é a solo, a minha intenção era editar por mim mas acabei por não resistir à vertigem da Sony/BMG. Isto aconteceu

por uma questão de confiança, que é muito importante para mim. Eles assinaram sem ouvir a gravação final do disco, o que foi muito simpático e nem sempre acontece. Tenho mais de 30 anos de palco e é muito desagradável sentir que as pessoas estão sempre à espera de ver o que é que sai, nunca confiando no que poderá ser apresentado.

E 28 anos depois do nascimento dos GNR, o que vos apetece fazer agora? Já têm o conceito pensado para o álbum?

Para nós é muito difícil dar o próximo passo porque as pessoas querem mais do mesmo. E é isso que temos verificado em todo o mundo. As grandes bandas internacionais têm tendência para fazer mais do mesmo, sem surpresas, porque sabem que é o que o público está à espera. Nos GNR nunca tivemos essa tendência. Por exemplo, o Lago dos Cisnes é um disco mal amado porque nós optámos por retirar as teclas e fazer um disco de guitarras.

Fica difícil mostrar que evoluíram como músicos.

Nem é só isso. Temos de nos identificar com o que estamos a fazer. Quando empancamos num tema e ele deixa de ter significado em termos criativos, abandonamos a ideia de o apresentar ao vivo, por muito que as pessoas peçam. Até que surja um arranjo novo que dê nova vida àquele tema. Por exemplo, a entrada do Andy Torrence no grupo fez-nos recuperar o Tirana porque ele tem um toque diferente de guitarra. Digamos que estamos condicionados, no bom sentido, pelos músicos que nos acompanham. O Hugo Novo, continuando, é dos melhores teclistas que já passaram pelos GNR e isto ajudou-nos a recuperar um repertório que já não estávamos a tocar há algum tempo, entre eles o Vídeo Maria.

Os músicos da nova geração que estão a tocar convosco trouxeram novas abordagens. Foram uma “lufada de ar fresco” na banda?

Sim, mas acho que é geral. Os músicos de agora fazem coisas muito boas. Todas as semanas me dão a conhecer projectos novos e eu gosto muito de falar com os músicos porque fazem parte de uma geração sem complexos, que assume as suas influências. Os que se dizem génios, sem influências, têm de ser testados pelo país real. Tenho passado muito tempo na capital do Império e aquela gente sofre muito do complexo de Vila Franca. Como fazem as coisas uns para os outros vão sobrevivendo, mas quando têm de ir a Salvaterra de Magos e têm de mostrar porque são tão interessantes e bons, a realidade é outra.

Estreou-se na Casa da Música, no final de Abril de 2008, com uma encomenda para o ciclo Música e Revolução. Qual a sua opinião sobre esta sala de espectáculos?

É um elemento incontornável da cidade. Positivo, porque criou o hábito nas pessoas de se cultivarem graças à sua programação regular. Desde 2001 que a oferta cultural da cidade diminuiu drasticamente, sem querer entrar em políticas. Tenho falado com gente que quer lançar novos trabalhos e são poucos os sítios para tocar, onde as bandas possam testar as músicas, sejam bandas novas ou com carreira. Lembro-me dos tempos em que começávamos no Carlos Alberto, passávamos pelo Rivoli e depois íamos ao Coliseu. Havia um percurso natural que agora não existe. Temos bares, mas parece-me uma moda terrível. Os portugueses apanham sempre a moda errada. A moda copiona é muito triste...

Moda copiona? A que se refere?

Ao chamado djaying, que é um termo muito triste. Primeiro, porque não conheço nenhum DJ inteligente. Não há universidades de DJ, nem nenhuma linha de pensamento. Mas parece-me que é uma função que tem vindo a substituir a música ao vivo que continua a haver em todo o mundo, mas só nós é que ficámos com este

estigma de gostar da moda de ver alguém a passar discos. Para mim já não é alternativo, está ultrapassado! Quanto me dariam para ir a Atenas ver um DJ? As pessoas acham que é giro.... Mas é mais uma daquelas coisas parolas que os portugueses têm, tal como gostarem de fingir que são estrangeiros. Por exemplo, nas exposições, os nomes das obras têm sempre termos em inglês. Parece o complexo da loira, que o jovem alternativo tem, que é conhecer estrangeiros e fingir que é igual aos outros.

É uma consequência da globalização, que tem coisas boas mas também pode levar à perda da identidade.

É anti-globalização! No entanto, o meu emprego é, como o das prostitutas, dos advogados e juizes, o mais antigo do mundo. Os músicos vão ter sempre de existir. Estamos aqui há séculos e séculos e a verdade é que a música em Portugal tem cada vez mais importância. As novas gerações ouvem vários tipos de música e têm acesso a tanta coisa que o seu conhecimento é vasto. Fico surpreendido quando ouço os adolescentes a falarem de Led Zeppelin e Black Sabbath. É bom que eles comecem a adecer-se de que existe mundo para além dos Hi5's e dos Facebooks.

J.B.

“O meu emprego é, como o das prostitutas, dos advogados e juizes, o mais antigo do mundo. Os músicos vão ter sempre de existir. Estamos aqui há séculos e séculos e a verdade é que a música em Portugal tem cada vez mais importância”

Jun

26 Sex 21:00 | Vários espaços

22:00 | Praça

Entrada livre

**SONÓPOLIS**

Ensemble do IV Curso de Formação de Animadores Musicais; Coro Ala dos Afinados; BeatBox Ensemble; Orquestra de Guitarras e Baixos Eléctricos; Tuba Ensemble; Crassh!

Paul Griffiths, Sam Mason, Tim Steiner Direcção artística

António Tavares Movimento

Nuno Merino Instalação Cenográfica

**SONÓPOLIS**

**MÚSICA NO COLO DA CIDADE**

Cinco projectos musicais, independentes, dão cinco performances dentro e fora da Casa, enquanto convergem para o palco – aí fundem-se num espectáculo único oferecido à cidade.

A Casa da Música é berço e palco, pelo terceiro ano consecutivo, de um projecto artístico inspirado na diversidade de sons, ritmos, culturas e vivências que pululam, emergem e se misturam no tecido urbano. Por se fazer da cidade, Sonópolis pode ser descrito como um painel musical em que cada peça contribui com a sua identidade própria para a harmonia do conjunto – um processo que leva tempo, longos meses de

trabalho e que tem no espectáculo final também um princípio de novos projectos, nunca o termo da linha. Afinal, tem sido assim desde 2007, quando a iniciativa se chamava ainda Ritmos da Cidade.

Associado ao Curso de Formação de Animadores Musicais, realizado anualmente na Casa da Música, Sonópolis tem por intuito promover o diálogo entre comunidades muito distintas. Em 2008 juntou-se, por exemplo, um coro de utentes da Santa Casa da Misericórdia da Maia, a maioria idosos, a uma jovem comunidade inspirada nos ritmos do Brasil. Este ano há outros cruzamentos inesperados de sons e compassos de vida: um ensemble de tubas e outro de beatbox, uma orquestra de guitarras e baixos eléctricos, um coro formado por reclusos e um grupo que tem a mania de percutir com tudo o que lhes chega à mão. Individualmente, todos eles têm a sua própria história, em conjunto fazem um espectáculo naturalmente eclético e bom de ouvir.

De ano para ano, Sonópolis investe na inovação – de métodos, de intervenientes, de musicalidades. Em 2009 a novidade maior recai no modelo de apresentação ao público. Num Primeiro Andamento, os grupos participantes vão actuar isolada e simultaneamente, dentro e à volta da Casa da Música, realizando performances em movimento. Enquanto interpretam o seu próprio repertório, convergem para o palco da Praça, e aí sim, acontece o espectáculo de fusão de estilos, instrumentos e ritmos, tudo feito sob a trama musical do Ensemble do Curso de Formação de Animadores Musicais. Venha então a festa; apresentem-se os grupos protagonistas...

## A VOZ LIBERTA-SE NA ALA DOS AFINADOS

Na primeira sessão compareceram oito, um número aquém do desejado. Havia um “receio e preconceito inicial em relação à ideia de coro”, algo que não parecia inclinado para o perfil de “homem duro” de uma população masculina reclusa. Mas os oito gostaram e outros vieram, fez-se a multiplicação. Hoje, e ao longo dos meses de trabalho no Estabelecimento Prisional do Porto, a Ala dos Afinados tem uma média de 40 elementos, um número que vai oscilando à conta das vicissitudes que marcam a rotina numa prisão.

Com presença garantida no palco do Sonópolis, a Ala dos Afinados foi-se aproximando, ao longo das sessões de trabalho, da ideia de coro idealizada por Jorge Prendas, o mentor do projecto: “A formação de um grupo de homens que cantasse o que lhes vai na alma com a mesma força de um canto alentejano ou de um gospel. Era ter homens duros em palco com a mesma atitude dos gumboots da África do Sul, mineiros que cantam e dançam como se lutassem”.

Em causa está, desde o início e mais do que a qualidade musical (que também se foi impondo), a entrega à emoção que deve marcar uma experiência desta natureza. Mais um ponto que foi conquistado aos poucos num território onde os sentimentos são menos livres do que os homens.

A Ala dos Afinados apresenta-se com temas originais; as letras concebidas pelos membros do coro, a música desenvolvida por Jorge Prendas. Formada por homens que estariam longe da ideia de um dia subirem ao palco, representa uma das facetas maiores do Sonópolis: a música a tecer encontros, descobrindo cor em todas as vidas.

“A formação de um grupo de homens que cantasse o que lhes vai na alma com a mesma força de um canto alentejano ou de um gospel. Era ter homens duros em palco com a mesma atitude dos gumboots da África do Sul, mineiros que cantam e dançam como se lutassem”. Ala dos Afinados

## BEATBOX, DUAS FLAUTAS E UM VIOLINO

Arte urbana de atitude hip-hop, o beatbox anda na boca de cada vez mais gente. Em Novembro passado foi objecto de um workshop na Casa da Música e aí começou a formar-se o Beatbox Ensemble que integra este Sonópolis. Orientado por Jorge Queijo, o grupo tem um padrinho e conselheiro de peso: Hobbit, estrela internacional do beatbox, que participou em várias sessões de trabalho e se associa ao espectáculo na Praça.

No conjunto são mais de vinte jovens, rapazes e raparigas, com vivências e sensibilidades bastante diferentes. Do Porto chegam directamente das ruas dos bairros do Cerco ou do Aleixo, mas também de escolas de música. Vários deslocam-se de Braga, Gondomar e outras cidades. Desta bendita multiplicidade faz-se um ensemble que pretende promover uma arte mais difícil do que parece, que vive do show colectivo e também da performance individual (em dose certa e numa disputa de amigos, aplaude-se a exibição de cada intérprete).

O grupo apresenta em Sonópolis um trabalho marcadamente performativo e uniões inesperadas graças a outros atributos musicais de alguns dos seus elementos – se a inclusão da palavra por uma rapper é até natural, mais curioso será ver a conjugação neste registo do som de duas flautas e um violino...

Determinado em fazer carreira, o ensemble quer contribuir, com repertório próprio, para a divulgação desta técnica exigente de recriação com a boca de instrumentos e ritmos eléctricos ou acústicos. Como diz Jorge Queijo, todos podem imitar um som, “difícil é fazê-lo na perfeição”.

Do Porto chegam directamente das ruas dos bairros do Cerco ou do Aleixo, mas também de escolas de música. Vários deslocam-se de Braga, Gondomar e outras cidades. Desta bendita multiplicidade faz-se um ensemble que pretende promover uma arte mais difícil do que parece (...).

## CRASSH OU A TENTAÇÃO DE PERCUTIR

Vêm de Aveiro, têm uma energia danada para percutir e a onomatopeia assenta-lhes bem: os Crassh fazem música com objectos do quotidiano e, como se costuma dizer, partem a loiça em espectáculos marcados pelo movimento e a comédia visual.

Vassouras, revistas, latas, caixas de fósforos ou baldes, além do corpo, ganham outra vida em performances com uma forte componente cénica e teatral.

O que começou por ser um método de ensino formulado por Bruno Estima, com o intuito de motivar os seus alunos de percussão, depressa se transformou num projecto artístico – os Crassh autonomizaram-se em 2008 e desde então não pararam; têm uma agenda crescente de espectáculos e uma logística cada vez mais profissional. Surpreendente, sobretudo ao saber-se que os seus treze elementos têm entre 12 e 20 anos. No Sonópolis o grupo apresenta-se alargado, acolhendo alguns dos Green Level (alunos de Percussão e sub-12 dos Crassh).

Esta é a segunda participação de Bruno Estima no Sonópolis: em 2008 foi formando no Curso de Animadores Musicais, agora regressa como fundador e elemento de um grupo convidado. Na Casa da Música os Crassh prometem esbanjar energia e envolverem-se com o público. Tal como fariam os STOMP?, pergunta-se. A provocação não belisca o músico; admite que é inevitável a comparação e usa-a até por

“necessidade de marketing”: não é à toa que o último espectáculo do grupo se chama Crassh playin’like STOMP. Mas atenção, a rapaziada de Aveiro “tem uma identidade própria”.

Vassouras, revistas, latas, caixas de fósforos ou baldes, além do corpo, ganham outra vida em performances com uma forte componente cénica e teatral.

## GUITARRAS E BAIXOS ELÉCTRICOS NUMA ORQUESTRA INÉDITA

“A Casa vai tremer...” – Peixe (ou Pedro Cardoso) ri-se ao vaticinar uma boa descarga de decibéis no Sonópolis, por obra da Orquestra de Guitarras e Baixos Eléctricos, formação inédita a investir agora na sua autonomia. E escrevemos agora porque o grupo nasceu na Casa da Música, no Curso de Formação de Animadores Musicais 2007-08. Ou seja, na sua curta carreira, a Sonópolis segue-se Sonópolis, mas muda o estatuto e a visibilidade.

Com 25 elementos (dezoito guitarras, seis baixos e uma bateria), a Orquestra apresenta um conceito novo para instrumentos íntimos do rock. O projecto tem direcção artística de Peixe, que na organização do grupo conta com Maria Mónica, uma baixista a salvar a honra feminina da formação que, de resto, dedilha no masculino. “Calhou assim”, dizem ambos, e não é algo que implique com os objectivos de todos: “Apresentar um som bastante envolvente, experimental a todos os níveis, e realizar espectáculos sempre diferentes. A propriedade sónica e a performance improvisada são as características principais”.

Na primeira parte do Sonópolis vão tocar em movimento, o que implicará alguns ajustes na sua concepção de concerto: os amplificadores, portáteis, são a pilhas (decibéis ligeiramente mais fracos, nada que depois não se compense no palco) e Peixe vai ter de arranjar formas alternativas de tocar e dirigir os músicos enquanto andam, já que o método adoptado tem sido um léxico de sinais gestuais, comunicados enquanto corre a música e não os seus intérpretes... Mas é só mais uma prova à capacidade de improviso, levada com um sorriso.

“Apresentar um som bastante envolvente, experimental a todos os níveis, e realizar espectáculos sempre diferentes. A propriedade sónica e a performance improvisada são as características principais”.

## A TUBA FAZ-SE A NOVOS TERRITÓRIOS

Se os instrumentos fossem falados pela personalidade, dir-se-ia que a da tuba é forte e aventureira. Distante do retrato a sépia em que surgia confinada à banda filarmónica, nos últimos anos fez-se a novos territórios musicais e tomou o gosto pela experimentação. É o prazer da incursão por repertórios imprevisíveis que está na origem do Tuba Ensemble, especialmente constituído para o Sonópolis.

Formado por cerca de 20 elementos, a maioria jovens estudantes de música, portugueses e ingleses, o ensemble é dirigido por Sérgio Carolino e Oren Marshall, dois dos responsáveis pela modernização do repertório para tuba. Com o público cada vez mais preparado para ouvir o instrumento e um crescente número de interessados em aprender a dominá-lo, foi muito fácil reunir este grupo.

Apresentando-se no Sonópolis com “a sua própria música”, o Tuba Ensemble revela a intenção, desde o início, de “fugir aos padrões tradicionais” para tuba a que músicos e

público estão tendencialmente habituados, propondo o desenvolvimento de “um trabalho criativo”. Os resultados vão estar à vista na Casa, com estes tubistas a executarem um programa que atravessa estilos musicais e fronteiras. Um abraço à música do mundo e outro ao jazz, um passeio pelo funk e outro pela música improvisada, tudo enfim pode ganhar som de tuba. Namoros, muitos neste Sonópolis: por exemplo, com a rapaziada do Beatbox Ensemble e os frenéticos Crassh. Porque a tuba, além de carácter, tem o coração grande.

Um abraço à música do mundo e outro ao jazz, um passeio pelo funk e outro pela música improvisada, tudo enfim pode ganhar som de tuba.

## **MONOBLOCO**

Jun.  
27 Sáb 22:00  
PRAÇA | € 10  
[Brasil]

**MONOBLOCO**  
COM PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS DE ROBERTA SÁ E ZÉ RENATO

Foi uma simples oficina de percussão, no intervalo de uma digressão do quinteto PLAP – Pedro Luís e a Parede, que deu origem ao fenómeno em que se transformou o Monobloco. O PLAP atingira já um estatuto elevado na Música Popular Brasileira, contando nos seus discos com participações de Ney Matogrosso e dos Paralamas do Sucesso. Samba, rap, rock ou hip-hop, maracatu ou funk aprendem a conviver no balanço deste projecto que conta com três percussionistas (Celso Alvim, C.A. Ferrari e Sidon Silva), um baixista (Mário Moura) e o próprio Pedro Luís como compositor, cantor e guitarrista. A ideia de usar a instrumentação do samba aplicada a diferentes ritmos já tinha sido explorada por Celso Alvim enquanto professor. Mas aconteceu que aquela semana de aulas em contraponto à intensa actividade de concertos do grupo não foi tão pacata quanto se esperava. As vagas previstas tiveram que ser duplicadas perante um número surpreendente de candidatos e logo ali se tornou claro que a ideia tinha que continuar. Hoje em dia a Oficina Monobloco funciona no Rio de Janeiro, todos os anos a partir de Abril, antecipando o período carnavalesco, e já recebeu mais de meio milhar de alunos. Em pouco tempo o projecto conseguiu revitalizar o conceito de bloco de rua, atraindo um grande número de jovens que pareciam afastados do samba. Desde 2001, protagoniza o desfile de encerramento das festas, na manhã do domingo seguinte ao Carnaval, num cortejo com cerca de 130 ritmistas seguido por um público de 400 mil em enorme folia pelas ruas do Rio de Janeiro. Em 2004 o Prémio Rival foi concedido ao conjunto da obra dos artistas fundadores – PLAP e Monobloco.

Não se pode dizer que haja um segredo para o sucesso do Monobloco, porque está à vista de quem o quiser ouvir. É precisamente a música que tocam e a forma como o fazem. Os instrumentos são os tradicionais do samba: as percussões (repique, surdo, tamborim, agogô, chocalho e caixa), o cavaquinho e a voz; mas também o baixo e a guitarra eléctrica, sonoridades menos óbvias na escola de samba e especialmente num bloco de rua. A percussão é tratada de modo semelhante ao que acontece no PLAP, mas o repertório é completamente distinto. Enquanto o quinteto se foca nas composições originais de Pedro Luís e de vários parceiros, no Monobloco é o enorme acervo nacional da música popular que serve de ponto de partida. Não apenas as

marchinhas de Carnaval e os sambas-enredo, mas também os êxitos da MPB, o frevo, o forró, o funk... Pode ser uma canção de Roberto Carlos, de Zeca Pagodinho ou Beth Carvalho. Pode ser até o Bolero de Ravel, que no último Carnaval preencheu parte do desfile domingueiro pelo centro do Rio de Janeiro. Tudo é possível. É, na verdade, uma ode à música brasileira com o genuíno batuque do samba. Um repertório de baile, mais popular e voltado para a folia do que o do grupo que lhe deu origem.

O regresso do Monobloco à Europa, por onde tem passado não só em concertos mas também em workshops de percussão em vários países, traz uma versão compacta do colectivo, com os cinco elementos do PLAP e mais oito músicos. Conta ainda com duas grandes vozes da música brasileira como convidados: o consagrado Zé Renato, dono de uma discografia multipremiada que inclui o recente *É Tempo de Amar*, e uma revelação dos últimos anos já com três álbuns editados, Roberta Sá. Após esta tournée o grupo continuará a investir na sua discografia com a gravação prevista de um DVD, a juntar aos títulos *Monobloco (2002)* e *Monobloco Ao Vivo (CD e DVD, 2006)*.

Uma ode à música brasileira com o genuíno batuque do samba

Não se pode dizer que haja um segredo para o sucesso do Monobloco, porque está à vista de quem o quiser ouvir. É precisamente a música que tocam e a forma como o fazem. Os instrumentos são os tradicionais do samba: as percussões (repique, surdo, tamborim, agogô, chocalho e caixa), o cavaquinho e a voz; mas também o baixo e a guitarra eléctrica, sonoridades menos óbvias na escola de samba e especialmente num bloco de rua.

### CHICO PINHEIRO E BRAD MEHLDAU CONVIDAM FLEURINE E LUCIANA ALVES

Jun  
28 Dom 22:00  
SALA SUGGIA | € 25  
[Jazz] [Brasil]

#### CHICO PINHEIRO E BRAD MEHLDAU CONVIDAM FLEURINE E LUCIANA ALVES

Chico Pinheiro voz e guitarra  
Brad Mehldau piano  
Fleurine e Luciana Alves vozes  
Doug Weiss baixo  
Edu Ribeiro bateria

Este é um concerto que junta dois compositores líderes na renovação de linguagens musicais. Um deles, norte-americano, reconhecido como um dos mais geniais criadores do jazz contemporâneo, que não hesita em visitar os mundos paralelos ao seu em busca de novas cores para uma música em permanente actualização; o outro, brasileiro, anunciado como a nova estrela guia da música popular brasileira, introduzindo novas ideias harmónicas que muito devem ao jazz. Tendo o Brasil como país tema em 2009, a Casa da Música desafiou os dois músicos a criarem um novo concerto que combinasse estes universos que lhes são tão familiares, em parceria com duas cantoras com quem dividem afinidades musicais.

Quando em digressão em duo com a sua mulher, a cantora holandesa Fleurine, vemos facilmente Mehl dau a navegar pelas melodias magistrais dos grandes criadores brasileiros. A gravação do recente San Francisco de Fleurine foi a primeira ocasião para a colaboração do duo com Chico Pinheiro. O álbum foi dedicado à música de três compositores de nome Francisco: Chico Buarque, Francis Hime e o próprio Chico Pinheiro. Também naturalmente surge a voz de Luciana Alves, colaboradora de longa data do guitarrista brasileiro. É desta troca de influências e do culto das cumplicidades artísticas que nos fala Chico Pinheiro, em entrevista à Casa da Música.

Luciana Alves é uma cantora que colabora consigo desde há muito, como intérprete privilegiada das suas composições. Quais são os factores que motivam este entendimento musical tão completo?  
Conheci a Luciana em 2000, por ocasião de um concurso nacional para compositores e instrumentistas. Precisava de uma intérprete que defendesse as minhas canções. Liguei então para um amigo guitarrista, perguntando sobre alguém que pudesse cantar comigo. Ele foi enfático – “Chame Luciana Alves, cantora bem jovem e maravilhosa. Acho-a ideal”. Quando ela chegou para o ensaio, apresentámo-nos rapidamente, e logo no momento em que começou a cantar fiquei arrebatado com tamanha precisão, maturidade e, sobretudo, com o profundo sentimento no seu canto. Desde então seguimos trabalhando juntos, e devo dizer que é um grande prazer e uma felicidade tê-la por perto, Lu é uma intérprete especial.

Nesta ocasião dividem o palco com Brad Mehl dau e Fleurine, igualmente um compositor/instrumentista e uma cantora com grande cumplicidade artística. Para além do interesse antigo de Fleurine pela música popular brasileira, que outras pontes permitem a fluência dos diálogos entre todos os músicos?

Não é de hoje que o jazz e a música brasileira conversam com fluência, com grande afinidade. São escolas de raízes e ingredientes comuns (África, Europa) que se desenvolveram em locais distintos, América do Norte e Sul... É mais ou menos como se uma família tivesse dois filhos, e esses irmãos fossem levados para longe de casa, separados quando pequenos. Quando se reencontraram, mais especificamente com a bossa nova dos anos 60, foi uma grande festa, uma empatia imediata. Em relação à fluência dos diálogos, à ponte unificadora, creio que essa vem justamente do facto destes músicos específicos virem de raízes e histórias diferentes, mas terem um carinho e respeito especial pela música do “outro”. Neste caso: eu, Luciana e Edu pelo jazz; Fleurine, Brad e Doug pela música brasileira.

Como surgiu a colaboração com Fleurine e Mehl dau no disco San Francisco?

Em 2000, Fleurine e Brad vieram ao Brasil e fui ao show convidado por amigos. Fiquei imediatamente encantado com a música dos dois, com o trabalho do duo. Eles têm uma afinidade muito grande entre eles, é bonito de se ver. Anos depois, encontrei o Brad no Brasil e ofereci-lhe o meu segundo álbum Chico Pinheiro, dizendo-lhe que talvez Fleurine gostasse do CD, pois sabia que gostava de música brasileira. Alguns dias depois eles escreveram-me e tudo nasceu assim, de forma casual.

Tem sido apontado como a nova estrela guia da música brasileira por nomes tão importantes como Edu Lobo, Moacir Santos ou Tárík de Souza. Em que papel se sente confortável no contexto da MPB e do jazz brasileiro? Para onde ambiciona levar a sua música?

Considero-me sobretudo um instrumentista apaixonado por canções, pela palavra. Amo música e todas as suas formas de expressão; seja o contexto de música instrumental improvisada (que adoro), a canção letrada, a música orquestral, clássica,

pop; a minha afeição por todas é grande. Depois, com o tempo a gente acaba por se aprofundar nos “códigos” musicais todos, e na teoria. Mas acho que o mais importante é a “magia inicial”, a génese de tudo aquilo que faz alguém tornar-se músico profissional. Creio que o que qualquer músico ambiciona na verdade é poder continuar essa magia, que por vezes nasce logo da primeira vez que se pega um violão nas mãos, um piano, um contrabaixo, bem pequenino... Enfim, seja lá para onde a música me levar, estarei feliz com esse sentimento lúdico e inexplicável junto de mim.

No início da sua carreira chegou a tocar com figuras como Chico César, Rosa Passos e César Camargo Mariano. O que o levou a procurar aprofundar os estudos de jazz no Berklee College of Music e quais foram as maiores vantagens que daí retirou?

Sempre adorei tocar com outros artistas, sobretudo cantores. A gente passa a ter uma visão de música diferente tocando com os outros e aprende a enxergar a música um pouco sob a lente deles. Mas depois de um tempo senti a necessidade de expandir meus horizontes, decidi então partir para a Berklee. O facto é que durante a minha estadia em Boston nunca me senti tão brasileiro. Lá aprendi bastante sobre a riquíssima cultura americana, sobre o jazz de que tanto gosto, sobre muitas outras culturas e nacionalidades com colegas com quem convivi vindos de todos os cantos, mas sobretudo descobri o que era ser brasileiro e músico em um contexto maior. Essa aprendizagem e as saudades de casa fizeram-me olhar para as minhas raízes como nunca o havia feito, de forma determinante.

Brad Mehldau tem sido um inovador na introdução de novos standards da música pop contemporânea na linguagem do jazz. No seu caso, há uma identificação assumida com a MPB e a aplicação recorrente da voz e do formato canção, mantendo uma linguagem permanentemente actualizada com o jazz contemporâneo. Faz bem ao jazz esta procura das ligações com a cultura popular do nosso tempo?

Acho muito interessante essa procura, as “intersecções” que dela surgem. O jazz sempre teve os ouvidos abertos para outros estilos. Dizzy Gillespie flertou com a música caribenha na sua United Nation Orchestra, John McLaughlin com a música indiana; Miles Davis, Weather Report e outros aproximaram-se do rock. Stan Getz, Gerry Mulligan e Sinatra da música brasileira de João Gilberto, Jobim e companhia. Pat Metheny e Wayne Shorter prosearam com Minas Gerais, com o Clube da Esquina de Milton, Toninho Horta e Lô Borges, que beberam dos Beatles. Brad, por sua vez, sendo um artista inquieto, sensível e extremamente inteligente, encontra belas melodias ainda que estejam escondidas, para que daquele ponto de partida as reinvente a seu modo.

O jazz surgiu assim, como uma mistura de ingredientes e temperos.... é de sua natureza fundir elementos díspares e criar algo novo.

Esta será a sua estreia em Portugal, mas sei que o jazz português não lhe é completamente estranho. A playlist do seu blog já incluiu um dos álbuns de Maria João e Mário Laginha – Chorinho Feliz. Não lhe parece que a troca de experiências entre os músicos de jazz portugueses e brasileiros ainda é um território por explorar?

Certamente. As nossas histórias estão profundamente entrelaçadas, falamos a mesma língua, temos essa visão da vida bem apaixonada, lírica, e um sentimento inerente que nos une. Parece-me que o intercâmbio musical entre os dois países seja também algo natural e crescente. O disco Chorinho Feliz de Mário Laginha e Maria João ilustra bem como pode ser tão bonita e amorosa essa troca de experiências.

O ano do Brasil na Casa da Música já nos trouxe várias tendências do jazz brasileiro, do lendário João Donato ao free jazz de Ivo Perelman. Do lado

dos novos artistas, provavelmente menos conhecidos do público português, quais são aqueles que mais interesse lhe despertam? Gosto da Spok Frevo Orquestra, Trio Corrente, André Mehmari, Hamilton de Holanda, Trio Curupira, Daniel D'Alcântara, Danilo Brito, Rafael Vernet, e por aí vai...

Julho

### FESTIVAL MESTIÇO

De 2 a 5 de Julho, a 4ª edição do Festival Mestiço percorre geografias e géneros bem diferentes, dando a ouvir alguns dos grandes fenómenos da world music da actualidade, incluindo as sempre inovadoras mestiçagens entre tradições ancestrais e tendências contemporâneas de géneros como o hip-hop, a electrónica ou o rock. São quatro noites consecutivas que cruzam propostas bem variadas de artistas com quem o Verão na Casa falou.

Naná Vasconcelos e Virgínia Rodrigues são figuras de cartaz de um Festival que celebra o país tema da Casa da Música com outras propostas tão apelativas quanto a Orquestra Imperial, para um serão dançante de ritmo carnavalesco, a banda Natiruts, com o seu “reggae brasileiro”, Lei Di Dai, rainha do DanceHall ou, ainda, a Comunidade Nin-Jitsu, naquela que é a sua primeira actuação fora do Brasil. JP Simões apresenta Boato, uma antologia que revisita 10 anos de carreira e estreia vários inéditos. Divertidos, críticos, bem-humorados e festivos, os Babylon Circus estreiam-se nos palcos do Porto e apresentam pela primeira vez no nosso país, La Belle Étoile, o último álbum deste frenético agrupamento francês. A música transe chega-nos do Congo na sonoridade internacionalmente aclamada do projecto Konono N°1, num Festival que nos traz o kuduro de Angola na figura de Bruno\_M e, ainda, Batida, dando mostras das novas tendências urbanas de inspiração afro.

### NANÁ VASCONCELOS VIRGÍNIA RODRIGUES

Jul  
02 Qui 22:00  
SALA SUGGIA |15€  
[Brasil]

**NANÁ VASCONCELOS** e **VIRGÍNIA RODRIGUES** (Brasil)  
**JP SIMÕES** (Portugal)

Naná Vasconcelos voz e percussões  
Virgínia Rodrigues voz  
Lui Coimbra violoncelo, voz e guitarras  
Alex Mesquita guitarra acústica

“Um encontro espiritual” – é assim que Virgínia Rodrigues descreve o que acontece em palco ao lado de Naná Vasconcelos. Com uma carreira que é tudo menos previsível, a baiana lançou já quatro álbuns que tanto se voltam para os afro-sambas de Baden Powell e Vinícius de Moraes, como para clássicos de Tom Jobim ou Chico Buarque ou ainda para a música dos blocos afro do Carnaval da Bahia. O mais recente, Recomeço,

coloca-a ao lado do pianista Cristóvão Bastos num registo intimista que contrasta com a exuberância de títulos anteriores. Mas a surpresa perante as escolhas de Virgínia ficam para segundo plano quando ouvimos a sua voz. As distinções entre o canto popular e o lírico não existem, resultado de referências tão díspares como Billie Holiday, Aretha Franklin ou Jessye Norman e Marian Anderson – para não mencionar, é claro, a admiração pelas grandes vozes femininas da música popular brasileira como Maria Bethânia. O resultado é uma voz expressiva e cristalina que surpreendeu o veterano Naná Vasconcelos: “Eu sempre admirei a Virgínia desde o surgimento dela. Ela me mostrou de uma certa forma todo o lirismo africano existente no afrobrasileiro e sempre tive uma grande vontade de fazer um trabalho com ela.” Quem cedo reparou no potencial da cantora foi Caetano Veloso. Virgínia participava numa peça do Bando de Teatro Olodum, em 1995, representando uma surda-muda que apenas no final recuperava a voz. A voz que então surgia era, sem dúvida, merecedora da espera. Caetano, que assistia a um ensaio, não conteve a emoção e depressa a convidou para abrir um dos seus concertos, apadrinhando de seguida a produção do álbum de estreia, Sol Negro. Entre os convidados do disco incluíam-se nomes como Milton Nascimento, Gilberto Gil e Djavan. Uma entrada triunfal no mercado da música popular brasileira que a levou a ser apelidada de “Cinderela da Bahia”, em virtude das suas origens humildes. Sendo natural de uma favela de Salvador, deixou os estudos aos doze anos para ajudar a família, trabalhando como lavadeira, empregada doméstica e manicura. A música encontrava-a enquanto membro de coros de várias igrejas, tanto católicas como evangélicas – era a música e não a fé que a movia –, e em trabalhos extra cantando em casamentos. É nos coros que tem a oportunidade de aprender a ler música e de estudar canto lírico.

A explosão da carreira de Virgínia Rodrigues coincide com o regresso do mais famoso percussionista pernambucano ao Recife. Naná Vasconcelos viveu durante décadas entre Nova Iorque e Paris, viajando pelo mundo com Pat Metheny, Egberto Gismonti, Jan Garbarek, o seu trio Codona e muitos mais. Foi eleito por oito vezes pela Down Beat como o melhor percussionista do mundo. No entanto, como revela à Casa da Música, “nunca estive desligado das minhas raízes. Voltei para o meu ponto de referência, para a minha realidade cultural, e isso é muito importante.” O regresso foi antes de mais “um resgate cultural pessoal”. Esta mudança trouxe-lhe a oportunidade de trocar mais experiências com os músicos brasileiros, uma realidade que vem ao de cima todos os anos no Carnaval do Recife, um símbolo da multiplicidade cultural do qual é anfitrião deste 2001. Para além de se apresentar com os mais variados artistas nacionais, protagoniza a abertura dos festejos com centenas de batuqueiros de maracatu num cortejo impressionante pelas ruas da cidade.

A conversa com Naná Vasconcelos não podia deixar de focar o trabalho social que o músico tem desenvolvido no Recife, procurando levar a arte às crianças mais desfavorecidas da região. A consciência dos grandes benefícios da música para a formação pessoal e social leva-o a travar provavelmente uma das lutas mais difíceis da sua carreira. “Nas artes em geral, a música é a mais imediata porque a música é o momento, a música vai do silêncio ao grito. Ajuda na inspiração, na dicção, disciplina. A música mexe com os sentimentos.”

Em 2003, Virgínia Rodrigues edita o seu terceiro álbum, Mares Profundos, que a lança definitivamente no mercado internacional. Muito significativamente, é a Deutsche Grammophon que assume no ano seguinte a edição internacional, sendo a cantora uma das primeiras contratações na área da música não clássica. O repertório dos afro-sambas de Vinícius de Moraes e Baden Powell leva-a ao Carnegie Hall e ao Hollywood Bowl, ao Barbican Theatre e ao Royal Albert Hall. Quando, em 2005, Naná Vasconcelos é convidado para realizar uma viagem musical pelo Recôncavo Baiano, registada no documentário Diário de Naná (de Paschoal Samora), surge a primeira oportunidade para uma colaboração entre os dois músicos. O documentário procura o

sagrado na música popular e encontra em Virgínia uma intérprete de eleição para os cantos religiosos afro-brasileiros – a cantora é membro do candomblé desde há mais de duas décadas. Depois de se apresentarem na abertura do Carnaval do Recife em 2006, iniciam uma colaboração que chega agora pela primeira vez a Portugal da Música. Um regresso ao nosso país que o percussionista antecipa com grande expectativa: “Eu adoro mostrar um pouco do meu trabalho em Portugal. Sei que há um movimento muito grande da percussão portuguesa, como o projecto do Rui Júnior chamado Tocá Rufar. Em 2008 participei no Festival Portugal a Rufar organizado pelo projecto.”

F.P.L.

“Eu sempre admirei a Virgínia desde o surgimento dela. Ela mostrou-me todo o lirismo africano existente no afrobrasileiro.”

### **J P Simões**

JP Simões apresenta Boato, uma antologia com temas inéditos e outros já editados

**“NÃO SOU A CINDERELA DOS TOPS, MAS GOSTAVA!”**

Dos Pop Dell’Arte aos Belle Chase Hotel, sem esquecer o Quinteto Tati, JP Simões já deu provas do seu talento como músico e compositor de canções/fábulas em português. A estreia aconteceu em 1995, como guitarrista dos Pop Dell’Arte no álbum Sex Symbol. Seguiu-se o projecto Belle Chase Hotel e o registo que os deu a conhecer, Fossanova (1998), a que se seguiu La Toilette dès Étoiles (2000).

Versátil e criativo, seguidor atento de Chico Buarque, JP Simões foi desafiado por João Paulo Costa e pela companhia do Teatro do Bolhão, a escrever, em 2003, a comédia musical Ópera do Falhado, composta a meias com Sérgio Costa, eterno companheiro dos tempos dos Belle Chase Hotel e do Quinteto Tati. Antes de apresentar o espectáculo Canções do Jovem Cão – que anunciou o lançamento da sua carreira a solo – ainda lançou Exílio, o último álbum do Quinteto Tati, que deambula por valsas, tangos, rumbas e que contou com um sexteto de excelentes músicos latino-americanos.

Em 2007, JP Simões estreia-se em nome próprio com 1970, considerado por muitos a sua obra-prima. Com influências de Chico Buarque, Tom Waits, Tom Jobim, João Gilberto, David Bowie e Sérgio Godinho, 1970 ocupou durante três semanas o Top 30 dos álbuns mais vendidos em Portugal.

Para além da música, JP Simões já escreveu argumentos e bandas sonoras para cinema, interpretou papéis em filmes de Fernando Vendrell e Edgar Pêra, fez partituras para documentários e editou um livro de contos, O Vírus da Vida, com ilustrações de André Carrilho, que venceu o prémio Edição Ler – Booktailors, na categoria de Melhor Ilustração Original.

O convite para a Casa da Música surge no seguimento da edição do seu segundo trabalho a solo, Boato. Gravado ao vivo em Novembro passado nos Jardins de Inverno do Teatro S. Luiz, em Lisboa, este disco conta com 12 temas originais e ainda algumas canções dos Belle Chase Hotel, do espectáculo Ópera do Falhado e do Quinteto Tati. Pensado para marcar os dez anos sobre a edição de Fossanova, este concerto levou o músico a trabalhar um alinhamento que reflectisse a última década da sua carreira. Uma antologia ao vivo onde as atenções se centram nos temas inéditos com as participações de Manuel João Vieira, em A Canção do Jovem Cão, e Luanda Cozetti (Couple Coffee), em Se Por Acaso.

Antes do espectáculo na Casa da Música, onde vai apresentar um concerto festivo num registo diferente do captado em Boato – como nos explicou em entrevista –, JP

Simões viajou até ao Brasil, a convite da Fundação Casa Grande e do SESC do Ceará, para participar no Festival de Cariri das Artes dos Países de Língua Portuguesa. Para Outubro está já agendado o regresso do músico àquele país para uma tour na Amazônia com paragens em Pará, Manaus, Belém e Santarém.

Boato é um disco ao vivo que mistura originais com temas já editados em outros álbuns e de outros projectos. Como apresenta Boato?

É verdade que este disco recupera algumas coisas que fiz ao longo dos anos, nos vários projectos. Mas não deixa de ser um disco de originais. Editei-o porque tinha 12 temas originais. Se o objectivo fosse só reeditar algumas músicas nunca o teria feito porque não gosto de me repetir.

Um trabalho gravado ao vivo no Teatro S. Luiz em formato acústico e em dueto, consigo à guitarra e o Sérgio Costa no piano. Como o vamos ouvir na Casa da Música?

Estou a preparar um espectáculo com uma banda renovada onde vou insistir mais na secção rítmica. Em contraponto ao disco, que é hiper-simplificador, não tem banda e é muito acústico. Pretendo apresentar algo mais festivo, bastante mais rico em arranjos e ritmo. E, claro, com temas do Boato, do 1970 e de outros. Durante algum tempo tive a preocupação de não repetir repertório, mas estou numa fase em que já pondero fazê-lo enquanto não me ocorrer nada de novo para fazer.

Lançou Boato em edição de autor por opção ou falta de alternativa?

A Valentim de Carvalho queria editar, mas estava presa à iPlay que, apesar de ter passado por um período menos bom, não deixou a Valentim de Carvalho avançar com os artistas. Esperei meses para ver a luz ao fundo do túnel e como nunca mais resolviam as questões burocráticas optei, como outros artistas, por sair da editora e criar uma oportunidade. Os discos têm um sentido e são para editar quando se acabam de gravar. Não podia ficar eternamente à espera. Infelizmente, o disco não está a vender tanto como gostaria. Mas, na verdade, também nunca fui um autor de massas. Não vendo discos por surtos. Não sou a Cinderela dos tops, mas tenho pena. Quem me dera ter muitos ouvintes e vender muitos discos!

Quando preparou os dois espectáculos no Teatro S. Luiz, já foi com o intuito de gravar em disco ou essa oportunidade surgiu depois?

Durante os ensaios apercebi-me de que o que ia apresentar ia ser muito bonito e que todo o espectáculo podia resultar bastante bem. Fiz vários ensaios com o Sérgio e os temas ficaram a soar muito bem, por isso resolvemos arriscar a gravação e o resultado é maravilhoso. A ideia de editar o disco foi surgindo à medida que o repertório e os arranjos, que saíam dos ensaios, começaram a sugerir que era uma boa oportunidade fazer isto. Desta forma, aproveito para marcar os 10 anos após a edição do meu primeiro disco, Fossanova.

Ao vivo têm-se baseado no disco, em duo?

Sim, o Boato tem sido apresentado por mim e pelo Sérgio e é neste formato que a coisa corre melhor, porque foi assim que foi gravado. No entanto, também já experimentei convidar outros músicos, mas é algo que ainda está em fase de estudo porque implica bastante trabalho, uma vez que os temas estão pensados apenas para piano e guitarra. Para o espectáculo da Casa da Música vou seleccionar os que melhor se adaptam ao formato banda e os mais apelativos. Quero ver se fujo ao registo melancólico. Este disco é muito divertido, tem um painel muito variado de emoções. Se fosse um romântico, o Boato tinha os ingredientes todos: a loucura, a sanidade, a tristeza, a alegria, a ironia, o espanto.

O Brasil tem muita influência na sua música e é um mercado que quer explorar. Como são as reacções dos brasileiros a um bossanovista português?

Uma vez um senhor, no final de um espectáculo, disse-me que gostava que houvesse alguém no Brasil a fazer Fado como eu faço bossa nova em Portugal. É um mercado muito tentador com que me identifico.

É licenciado em jornalismo e está a tirar um mestrado em Teoria da Literatura. Chegou a escrever para a agência Lusa e outras publicações. Como se deu a troca do jornalismo pela música?

Tento fazer o que gosto e me dá mais liberdade. Tenho tido algum sucesso como músico e tenho conseguido viver com este trabalho portanto vou-me deixando ficar. Mas se algum dia precisar de optar por outra profissão para sobreviver não hesitarei em colocar todas as hipóteses de novo em cima da mesa.

Qual a interpretação que deu a Boato, para que fosse o título escolhido para o seu novo disco?

Precisava de um nome que explicasse o porquê do disco também ter um lado antológico. Não foi fácil chegar a acordo comigo mesmo, para saber se era mais brasileiro, mais cabaret, mais francês, ou mais fadista. E então, escolhi o nome boato, como forma de dizer que isto é a verdade nua e crua até que provem o contrário. Hoje em dia na informação não existe verdade. O que distingue uma verdade de um boato? São coisas muito parecidas. Parece-me que a verdade é um boato que gera algum consenso, mas que, dois ou três dias depois, dá origem a outro boato. Além disso, também me reporto a um desencontro interior. Ao facto de uma pessoa não ser sempre a mesma ao longo dos anos e encontrar-se no meio dos seus próprios registos, como que à procura do Santo Graal. Falo mais no boato ligado à lenda, aquele que cria a suspeita de qualquer coisa, de uma existência da qual não temos um registo preciso. É muito difícil dizer a verdade e ser-se preciso.

“Quero ver se fujo ao registo melancólico. Este disco é muito divertido, tem um painel muito variado de emoções. Se fosse um romântico, o Boato tinha os ingredientes todos: a loucura, a sanidade, a tristeza, a alegria, a ironia, o espanto”

Jul  
03 Sex 22:30  
PRAÇA | 10 €  
[BRASIL]

**BABYLON CIRCUS** (França)  
**ORQUESTRA IMPERIAL** (Brasil)

### **Babylon Circus**

David, vocalista dos Babylon Circus, antecipa estreia no Porto de La Belle Étoile

**“A HUMILDADE AJUDA-NOS A VIVERMOS COM NÓS PRÓPRIOS”**

Os Babylon Circus estão de volta. Eles não mudaram, nem cresceram. Eles renasceram! E, ao vivo, estão mais poderosos do que nunca. No regresso a Portugal, o grupo francês traz o quarto álbum de originais, depois de 10 anos de carreira e cerca de mil concertos em 30 países diferentes. Ao longo deste percurso têm sido sempre notícia, por onde quer que passem, mas nem sempre pelos melhores motivos. Depois de uma pausa forçada por um acidente que lesou gravemente o vocalista David, o grupo retomou os concertos, meses depois do acidente, e gravou La Belle Étoile, o esperado e bem recebido sucessor de Musika (1997), Au Marché des Illusions (2001) e Dances of Resistance (2004). Bem, não desmotivou, mas teve bastante repercussão no seio do grupo. Enquanto dantes eles ouviam e eram influenciados por The Clash, Mano Negra ou Bob Marley, hoje são as histórias do dia-a-dia, os sentimentos, o amor e a amizade que movem os Babylon Circus.

Ska, punk, reggae, rock, swing e música cigana, com um toque circense, que tem por base uma mensagem bastante positiva, cantada em francês ou inglês. Recorde-se que tudo começou em Lyon, em 1995, pela mão de David e Manu que, rapidamente, encontraram sete cúmplices: Georges (guitarra), Oliver (teclados), Dadé (bateria), Basile (baixo), Rimbaud (acordeão e saxofone), Laurent (trompete) e Clément (trombone). Desde então já foram mais palhaços do que são agora, mas o espírito continua o mesmo. Divertidos, críticos, bem-humorados e festivos, os Babylon Circus estreiam-se nos palcos do Porto e apresentam pela primeira vez no nosso país La Belle Étoile. Falámos com David Baruchel que, apesar da atribulada digressão com concertos quase diários, partilhou a energia que os move e algumas das histórias do grupo francês.

Editaram La Belle Étoile em Março e será a primeira vez que vão apresentar ao vivo este trabalho em Portugal. O que pode esperar o público da Casa da Música?

Acho que nunca nos divertimos tanto a tocar juntos ao vivo. Continuamos na mesma cheios de energia, mas algumas canções trouxeram algo de novo, o que nos faz sentir ainda melhor, e o resultado tem sido excelente. Portanto, o público português pode esperar muitas e boas surpresas da sua banda francesa favorita... ehehehe!

E como apresentam este novo trabalho? Que tipo de energia trouxe para a banda?

É difícil de dizer, apesar do álbum já ter sido editado há dois meses. Lemos nas nossas páginas do myspace, facebook e em outros sítios na Internet que La Belle Étoile soa diferente, mas que ao mesmo tempo é o melhor disco que fizemos até agora. Estamos muito contentes com o resultado. Decidimos correr o risco e acrescentar elementos novos à nossa música, mas a verdade é que continua a soar a Babylon Circus, ao nosso mundo.

Passaram-se cinco anos do lançamento de Dances of Resistance que vos levou em digressão pelo mundo. Depois de tudo o que viveram, era este o disco que ansiavam fazer?

Quando começámos a trabalhar no La Belle Étoile não fazíamos ideia de como iria soar. Primeiro porque é difícil prever, já que todos contribuimos para o resultado final, mas também porque passámos por experiências muito dolorosas durante esse período. O acidente que tive depois do concerto em Moscovo deixou-me em bastante mau estado no hospital durante três semanas. Caí de umas escadas e fiquei com um traumatismo craniano. Não fui visitar o Kremlin, mas conheci cinco hospitais diferentes em Moscovo - fiz o chamado turismo hospitalar. Por todas estas razões, o La Belle Étoile foi a melhor coisa que nos aconteceu nos últimos tempos.

Em Dances of Resistance concentraram-se em temáticas anti-guerra. E em La Belle Étoile?

Continuamos preocupados com os mesmos assuntos: o mundo onde vivemos, as pessoas, o amor... a maior diferença é que agora abordamos os assuntos de outra maneira, o que nos deu um sentimento diferente. A batida, as melodias e as letras são diferentes porque estamos com outro estado de espírito, com outra disposição. No entanto, não somos outras pessoas, a nossa música continua a soar como nenhuma outra no mundo. Somos os Babylon Circus e estamos muito orgulhosos disso!

Nos últimos cinco anos partilharam o palco com muitos e diferentes artistas. Há alguma história que gostassem de partilhar?

No Verão passado, num espectáculo na Áustria, os Calexico chamaram-nos ao palco para tocarmos uma canção deles e para fazermos uma versão de um tema dos Les Negresses Vertes. Foi muito engraçado e resultou bem. Acho que foi das melhores coisas que nos aconteceram. Adoramos a música dos Calexico e os músicos.

Entretanto, já nos voltámos a encontrar em Paris e conversámos sobre fazer música juntos um dia destes. Quem sabe...

Como é que vocês se entendem? São quase uma big band e tocam praticamente todos os dias. Como é o ambiente nos bastidores?

É verdade! Estamos juntos há 15 anos e ainda somos uma família feliz. Trabalhamos muito e no duro. Não só na música, mas na encenação, na dança e em todas as coisas que acrescentamos aos espectáculos, e aprendemos muito com tudo isto. Aprendemos, por exemplo, que temos de manter os pés assentes no chão se nos quisermos manter aqui por mais algum tempo. A humildade ajuda-nos a vivermos com nós próprios e com o resto do mundo.

Nos últimos anos têm surgido algumas bandas com declaradas influências ciganas na sonoridade. Por exemplo, Emir Kusturica & The No Smoking Orchestra ou Gogol Bordelo. Costumam cruzar-se com eles na estrada?

Este tipo de música está-nos no sangue e faz-nos muito felizes. Conhecemos esses artistas há muito tempo e ficamos contentes por terem conseguido impor-se e gozarem de tanta popularidade. Já tocámos em alguns festivais juntos e o Eugene Hutz, dos Gogol Bordelo, já nos falou em levar os Babylon Circus para os EUA, o que seria excelente!

Já estiveram em Portugal, em 2006, na Festa do Avante. O que recordam de Portugal?

Nós adoramos tocar em festas populares. Com jovens, famílias, trabalhadores, e outros músicos... o ambiente é do melhor que se pode encontrar e o concerto na Festa do Avante foi realmente muito importante para nós. Ficámos muito orgulhosos por estar presentes e por termos sido convidados. Também já tocámos no Festival do Sudoeste, no Faro Moto Club, no Festival de Loulé e nos Açores. Estamos muito contentes por poder voltar e tocar no Porto. Temos bons amigos em Portugal. É um país muito bonito, com pessoas muito simpáticas e dinâmicas. Adoramos!

O disco saiu há dois meses, como têm sido as reacções das pessoas nos concertos?

Até agora a digressão pela Europa está a correr muito bem. Estamos a divertir-nos e parece que vai ser a melhor digressão de sempre. Vamos ver o que acontece em Portugal, mas acho que vai ser maravilhoso. Estamos ansiosos por voltar aí!

“Lemos em muitos sítios na Internet que La Belle Étoile soa diferente mas, ao mesmo tempo, é o melhor disco que fizemos até agora. Estamos muito contentes com o

resultado. Decidimos correr o risco e acrescentar elementos novos à nossa música, mas a verdade é que continua a soar a Babylon Circus, ao nosso mundo”

“O La Belle Étoile foi a melhor coisa que nos aconteceu nos últimos tempos”

## **Orquestra Imperial**

Super grupo brasileiro apresenta álbum de estreia, Carnaval Só No Ano Que Vem

### ORQUESTRAL IMPERIAL ANTECIPA O CARNAVAL

Antes da big band francesa, a big band brasileira. Quatro anos depois de se terem estreado internacionalmente, no Festival do Sudoeste, com o EP homónimo – a que se seguiu uma digressão pelos EUA –, a Orquestra Imperial regressa ao nosso país com o primeiro álbum Carnaval Só No Ano Que Vem (2007).

Formado em 2002, com o intuito de criar uma orquestra de gafeira (local onde, tradicionalmente, as classes mais humildes praticavam danças de salão) – baseada num repertório variado, com boleros, temas dos anos 60 e clássicos da cultura de salão – o grupo nasceu da reunião de músicos da vanguarda da cena musical carioca. Lá encontramos Rodrigo Amarante (Los Hermanos); Moreno Veloso, Domenico e Kassin (do projecto +2); Nina Becker (estilista); Thalma de Freitas (actriz da Globo) e Rubinho Jacobina (irmão de Nelson Jacobina, parceiro de Jorge Mautner), a quem se juntaram Wilson das Neves (compositor dos Império Serrano, cantor de samba e baterista). Da Orquestra Imperial fazem ainda parte Berna Ceppas (produtor), Rodrigo Bartolo (Duplexx, Arnaldo Antunes), Pedro Sá (guitarrista de Caetano Veloso e baixista do projecto +2), Bidu Cordeiro (que acompanha os Paralamas do Sucesso, Reggae B e 3B Rio) e o DJ Marlboro, que já ocupou o lugar de "DJ oficial da Orquestra Imperial".

No Brasil, a Orquestra Imperial goza de grande popularidade e os “Bailes Pré-Carnavalescos”, nos verões cariocas, são já dos momentos mais aguardados das multidões que querem ouvir marchinhas e afins, com muito funk-carioca à mistura.

Big band ou super grupo? A verdade é que para além dos músicos que constituem a Orquestra Imperial, o rol de convidados que já participaram nos baile-shows representam a linha da frente da música brasileira. Entre eles, Caetano Veloso, Marisa Monte, Seu Jorge (que já fez parte do grupo), Fernanda Abreu, Ed Motta, Bebel Gilberto, Ney Matogrosso, Marcelo Camelo e Arnaldo Antunes. E do universo do samba: Beth Carvalho, Dudu Nobre, Zeca Pagodinho, entre muitos outros.

Na bagagem, a Orquestra Imperial traz à Casa da Música Carnaval Só No Ano Que Vem, produzido por Mário Caldato Jr. (Beastie Boys, Marisa Monte, Marcelo D2, Vanessa da Mata) e que já lhes valeu o Prémio APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) para Melhor Grupo, para além da nomeação para Melhor Álbum de MPB nos Prémios TIM. Porque marcar ensaios ou a gravação de um novo disco não tem sido fácil, visto cada elemento estar concentrado no seu projecto individual, as reuniões em palco transformaram-se em celebrações de amizade onde o samba é o denominador comum, embora o espírito seja mais rock que de gafeira.

E, quem diria, tudo começou por brincadeira!

Jul  
4 Sáb 22:30  
PRAÇA | 10 €  
[Brasil]

NATIRUTS (Brasil)  
COMUNIDADE NIN-JITSU (Brasil)  
LEI DI DAI (Brasil)

### **Natiruts**

Alexandre Carlo antecipa apresentação do novo álbum dos Natiruts, Raçaman

"SOMOS BRASILEIROS, NÃO FAZEMOS REGGAE JAMAICANO"

Bastam cinco minutos ligados à Internet para percebermos o alcance dos Natiruts no Brasil. Em qualquer vídeo ao vivo vêem-se milhares de pessoas a cantar, em uníssono, as músicas da banda brasileira, em ambiente de festa e confraternização.

Um fenómeno com cada vez mais seguidores em todo o mundo, com ideais bem definidos e um "reggae roots brasileiro" cada vez mais enraizado.

A história dos Natiruts começou em Brasília, em 1996, com o estudante de análise de sistemas Alexandre Carlo a mostrar as suas canções – que tinha composto como escape das suas alegrias e desilusões com a realidade brasileira – a Juninho. A partir de então, a dupla passou a animar algumas festas em casas e apartamentos da cidade dando-se início aos Natiruts. O objectivo não era serem uma banda de reggae tipicamente jamaicano, visto a influência da música brasileira nas melodias e harmonias das músicas ser muito forte. E o convite feito por Alexandre (voz e guitarra) e Juninho (bateria) a Izabella Rocha (voz), Kiko (guitarra), Bruno Dourado (percussão) e Luis Mauricio (baixo) ajudou na intenção de fazer um "reggae roots brasileiro".

As reacções à primeira demo do grupo superaram todas as expectativas e dão-lhes reconhecimento na cidade então conhecida como "capital do rock". Com as atenções viradas para o grupo, um dos melhores estúdios de gravação abriu as portas ao reggae e gravou o álbum de estreia dos Natiruts, Nativus (1997), um disco que, indiscutivelmente, marcou a sua geração. Inicialmente, este álbum vendeu 40 mil cópias, mas depois de ter sido reeditado pela EMI atingiu vendas superiores a 450 mil exemplares. Deste faziam parte Verbalize e Andei Só. A partir daqui as coisas aconteceram naturalmente para o grupo. A aceitação do povo brasileiro e da ideologia que "supera modismos e que representa uma geração" foram os pontos mais gratificantes para os músicos.

Seguiram-se Povo Brasileiro (1999), Verbalize (2001) e Qu4tro (2001), Nossa Missão (2005) e o mais recente Raçaman (2009).

No regresso a Portugal, cada vez mais receptivo ao reggae, os Natiruts apresentam na Casa da Música um espectáculo novo dedicado aos fãs, como explica Alexandre Carlo em entrevista.

É a quarta vez que vêm a Portugal, o que podemos esperar do concerto na Casa da Música?

Vamos apresentar o espectáculo que acabámos de lançar no Brasil. Diferente do antigo, onde privilegiávamos os "hits" da banda dos últimos dez anos. Agora estamos

concentrados nas músicas do novo disco Raçaman e nos chamados "lado B" mas claro que clássicos como Liberdade Pra Dentro Da Cabeça não vão ficar de fora. Digamos que é um espetáculo pensado para os fãs, para as pessoas que conhecem o nosso repertório todo, não só os singles.

Como apresentam o novo Raçaman?

Tentamos fazer um álbum ritmicamente bem variado. Temos estilos como new roots, afrobeats com influências brasileiras, roots tradicional, ska...

Contaram com o toque mágico de Mad Professor na remistura de alguns temas e ele é um selo de garantia em qualquer disco de reggae/dub. Podem contar-nos como foi a partilha de experiências em estúdio? A maior aprendizagem que retiramos do bocadinho que estivemos com ele foi inesquecível: vimos uma lenda viva do reggae demonstrar uma grande humildade e respeito ao próximo. Ficamos rendidos! Aqui no Brasil fazem-se muitos julgamentos acerca de trabalhos alheios. Vemos pessoas assumirem-se donas da "verdade" sobre o que é bom e o que é mau como se fossem os mestres do reggae. E quando chegamos a Londres e conhecemos o Mad ficamos surpreendidos com aquele poço de tranquilidade. Durante as sessões do estúdio deixámo-lo à vontade para fixar a sua experiência de décadas nas nossas músicas, e aquilo fluiu com naturalidade. Ele misturou oito ou nove temas e nós adoramos o resultado!

Fazem reggae e também têm influências dub. Mas que tipo de influência tem a música brasileira na vossa sonoridade?

Tem influência total. Desde que nos olhámos pela primeira vez ao espelho já ouvíamos música brasileira. Somos brasileiros e sabemos que não conseguimos fazer reggae jamaicano. A menos que a intenção seja criar uma banda de versões, o que não é o caso.

São de Brasília, uma cidade de bandas rock como os Paralamas do Sucesso, Legião Urbana ou Plebe Rude. Como foram recebidos, vocês e o vosso reggae?

O nosso crescimento aconteceu naturalmente, de forma espontânea. Fomos muito bem recebidos no final dos anos 90. Mas as dificuldades vão sempre existir. A chave do sucesso é a auto-estima e nós temos orgulho na nossa cultura, na música e no nosso povo. Assim, não caímos no erro de nos sentirmos menores nem maiores que os demais.

“Aperta um pra acha que ta na consciência Rastafari/ Que ser cantor de reggae é imita o Bob Marley”, ouve-se no single Raçaman. Não é imitar Bob Marley, mas é uma grande referência para quem quer fazer reggae. Tal como Gregory Isacs, Dennis Brown, Peter Tosh, Jacob Miller, Capleton, Gentleman, Damian Marley e Ziggy, Marley é referência. O Bob Marley será sempre o ícone do reggae, assim como o Tom Jobim e Jorge Ben são para música brasileira, ou os Beatles e o Jimmy Hendrix para o rock. No entanto, ser cantor de reggae pode ser cantar como Bob também. Mas não se podem crucificar os caminhos diferentes que estão a ser traçados em todo o mundo em nome da inveja ou da deturpação da verdade. Isso soa-nos a cobardia. E no Brasil vivíamos essa realidade. É maravilhoso fazer parte de uma banda que através da sua música pode formar uma opinião diferente e criar uma discussão. No final, cada um tem o direito de gostar ou não.

Dub e reggae servem de banda sonora à vossa mensagem. O que pretendem transmitir com a vossa música?

Sempre que ouço a palavra mensagem numa pergunta faço questão de dizer que não procuramos o rótulo de messias, aquela coisa ligada a religião. E religião mexe com a vida das pessoas. Eu escrevo as letras das canções e não tenho uma intenção de me tornar um mentor espiritual, que poderia ter reinos mas preferia andar descalço. Não quero vender essa imagem, nem vou deixar que as circunstâncias da vida criem essa imagem de mim, como acontece com muitas pessoas. As nossas canções são apenas uma tentativa de deixar algo de positivo para a Humanidade, de fazermos a nossa parte ao tentar plantar coisas boas na cabeça dos outros.

Qual o balanço dos 13 anos de carreira dos Natiruts? Podem eleger os momentos mais marcantes?

Todo o período de lançamento de novas canções é marcante. Assim como os espectáculos em lugares novos. Tudo que é novo alimenta a sensibilidade, a inspiração...

A edição de autor foi uma opção? Porque deixaram de trabalhar com editoras? Não havendo contratos têm mais liberdade para disponibilizar música online, gratuitamente, como fizeram com o single, por exemplo. Quando se fala em editoras estamos a falar do mercado da música. Algo totalmente diferente do romantismo. Romantismo é quando o rapaz está a pensar numa rapariga e faz uma música bonita. Ou fala das injustiças no mundo. São duas linhas que andam juntas, mas que não se devem encontrar nunca. Preferimos não ter editora por uma opção profissional, de mercado. Isto porque, já em 2002, desconfiámos que esta mudança radical no comportamento das pessoas em relação à troca, venda e compra de músicas poderia acontecer. E as editoras no Brasil, em vez de se adaptarem, continuam a querer impor o antigo modelo, pensando que as pessoas ainda saem de casa para comprar discos. Tenho um filho de nove anos e nos últimos tempos não me lembro de ele me ter pedido dinheiro para comprar um disco. Quando quer ouvir a música vai ao Youtube, Facebook, Orkut, Myspace ou procura em algum programa de troca de dados. No caso específico dos Natiruts, depois da Internet, houve uma diminuição na venda dos discos mas um aumento no número de pessoas nos espectáculos. Paralelamente notamos que há cada vez mais pessoas fora do Brasil a aceder ao nosso som. Se hoje somos uma das bandas mais tocadas nas rádios brasileiras, deve-se, sem dúvida, à decisão de sermos independentes em 2002.

“Depois de termos colocado alguma da nossa música disponível na Internet, houve uma diminuição na venda dos discos mas um aumento no número de pessoas nos espectáculos. Paralelamente notámos que há cada vez mais pessoas fora do Brasil a aceder ao nosso som. Se hoje somos uma das bandas mais tocadas nas rádios brasileiras, deve-se, sem dúvida, à decisão sermos independentes em 2002”

“No Brasil fazem-se muitos julgamentos acerca de trabalhos alheios. Vemos pessoas assumirem-se donas da "verdade" sobre o que é bom e o que é mau como se fossem os mestres do reggae. E quando conhecemos o Mad Professor ficámos surpreendidos com a sua tranquilidade. Foi inesquecível vermos uma lenda viva do reggae demonstrar tamanha humildade e respeito ao próximo”

## **COMUNIDADE NIN-JITSU**

Comunidade Nin-Jitsu estreia-se fora do Brasil a convite da Casa da Música e as expectativas são grandes, como explica Mano Changes

## “O PALCO TEM UMA MAGIA PECULIAR E SOMOS VICIADOS POR ESSA ADRENALINA”

Conhecidos como os “ninjas mais chalaças do Brasil”, a Comunidade Nin-Jitsu (CNJ) estreia-se em Portugal e, curiosamente, fora do país de origem, a convite da Casa da Música. Autores de uma das misturas musicais mais explosivas – baile funk com rock – são um fenómeno de sucesso no Brasil com mais de 100 mil cópias vendidas dos cinco álbuns já editados (Broncas Legais, Maicou Douglas Syndrome, Ao Vivo, Aproveite Agora e Comunidade No Baile). Em digressão com o mais recente Atividade Na Laje – disponível para download gratuito no site oficial do grupo – e depois de mais de mil concertos no Brasil, Mano Changes (voz), Fredi “Chernobyl” Endres (guitarra), Nando Endres (baixo) e Cláudio Calcanhotto (bateria) chegam agora a Portugal.

Juntos desde 1995 e habituados a brincar com as suas próprias gírias misturando rock com funk, hip hop, hard rock e electro, este grupo de amigos foi surpreendido com o sucesso do primeiro tema que fizeram juntos, Detetive. O videoclip deste single, da autoria de Cristiano Trein e Cristiano Zanella, foi eleito o Clip de Ouro nos prémios da MTV Vídeo Music Brasil em 1997, na categoria Melhor Demo-Clip. Este foi o ponto de partida para a CNJ, que se estreou em disco um ano depois com Broncas Legais – batidas de miami bass (ou baile funk) e guitarras hard rock que resultaram em dois anos de intensa digressão pelo Brasil.

Em 2001 editam Maicou Douglas Syndrome, que lhes valeu o segundo MTV Video Music Brasil na categoria Melhor Website de Banda. Depois de terem participado no Festival Porão do Rock, em Brasília, onde tocaram para mais de 80 mil pessoas, a CNJ ocupou a primeira parte do concerto dos Red Hot Chili Peppers em Porto Alegre, no final de 2002. Após o concerto, o baterista dos norte-americanos, Chad Smith, foi ter com o quarteto brasileiro e afirmou: "Sinceramente, vocês são uma das melhores bandas do mundo que vi a tocar na nossa primeira parte".

E porque é ao vivo que melhor mostram a sua energia, o terceiro disco do grupo, Aproveite Agora, captou essa energia com letras baseadas nas histórias vividas pela banda na estrada. No final de 2005 editam Comunidade no Baile que reúne os êxitos do quarteto readaptados para a linguagem funkeira mais roots, e temas inéditos como Martiny, que contou com a participação da bateria da Escola de Samba Estado Maior da Restinga, vencedora do Carnaval porto-alegrense, nesse ano.

Com inúmeros singles a passarem na rádio, a CNJ tem acompanhado a evolução dos tempos e conquistado cada vez mais um lugar na cena brasileira. Mas o papel deste grupo não se limita à música. O vocalista, Mano Changes, é deputado estadual no Rio Grande do Sul e tem, como explicou em entrevista, mudado a atenção que se dá à Educação no Brasil.

No ano passado, e depois de Fredi Endres ter produzido o álbum dos Bonde do Rolê, a CNJ editou Atividade na Laje, que mesmo antes de ser lançado já tinha três singles nas rádios e sido eleito, pela revista Rolling Stone, um dos melhores em 14 anos de carreira.

No Brasil, o trabalho da CNJ é reconhecido. Todos sabem o refrão de Detetive e cantam “tive, tive, detetive/ meu pai é detetive” efusivamente. Por cá, o concerto na Casa da Música poderá ser bastante revelador. Enquanto não chegam ao Porto, fica o desafio de ouvirem a Comunidade Nin-Jitsu na Internet, legal e gratuitamente. Uma banda repleta de sentido de humor, ironia, sacanagem e sem papas na língua.

Começaram a fazer música por brincadeira, mas rapidamente conquistaram a atenção do público. Pelo que se rege a Comunidade Nin-Jitsu (CNJ)?

Mano Changes: Somos uma banda rock com muita black music à mistura, principalmente baile funk, pioneiro a mesclar a batida funk com a atitude do rock de

forma espontânea. As letras das nossas canções são divertidas e a nossa família tem vindo a crescer. Por todo o lado onde passamos fazemos sempre muitos amigos e fãs.

O que podemos esperar do vosso concerto na Casa da Música?

Muita diversão! Uma batida electro contagiante misturada com o swing orgânico da banda e, ainda, muitas guitarras de rock. Há ainda a interacção com o público que nos nossos espectáculos tem muito espaço. No fim do concerto convidamos as meninas a subirem ao palco para dançarem connosco - pois é bem melhor do que contratar dançarinas – e enquanto elas dançam, eles curtem o bom e velho rock.

É a primeira vez que vêm a Portugal. Qual a percepção que têm do nosso país?

Um país fantástico, com muita cultura, excelente gastronomia, um povo simpático, bem-educado, hospitaleiro e acolhedor. No Rio Grande do Sul temos a cultura açoriana muito presente; Porto Alegre foi fundada por casais açorianos e chegou a chamar-se Porto dos Casais; já a cidade do meu pai, Santo António da Patrulha, tem muito presente a cultura portuguesa, nos costumes locais, no jeito de falar e na própria gastronomia. De certeza que me vou sentir em casa!

Na bagagem trazem Atividade na Laje. Como tem funcionado o disco ao vivo?

O nosso espectáculo é um apanhado da nossa carreira, dançante e enérgico, onde também tocamos algumas músicas do Atividade na Laje. No entanto, não tocamos só músicas novas. Gostamos que o público intervenha no alinhamento, até porque a voz do povo é a voz de Deus. Este disco tem um amadurecimento artístico importante, é mais eletro-rock. Foi muito trabalhado por todos e é ao vivo que mostramos a nossa energia. O palco tem uma magia peculiar e nós somos viciados por essa adrenalina - é essa energia que queremos passar para o público.

Seis álbuns e milhares de cópias vendidas, 14 anos de carreira e muitos concertos. Qual o balanço que fazem?

Estamos muito felizes! Nada me dá mais prazer do que me meter à estrada num país como o Brasil que tem dificuldade em se destacar artisticamente devido a falta de investimento em cultura. Nós trabalhamos bastante para ter um resultado artístico competente e vivermos só da música, mas é a nossa vida e estamos orgulhosos por sermos uma banda com personalidade que destoa das características locais. Fazemos um som único e, mesmo assim, conseguimos ter sucesso.

A vossa música tem funk-eletro-rock. Quais as vossas influências?

AC/DC, George Clinton, Afrika Bambaataa, Kraftwerk, Jimi Hendrix e 2 Live Crew... mas são só influências porque o nosso som é único. Quando ouvimos o Rap da Felicidade, em 1995, reconhecemos instantaneamente que aquela sonoridade é muito influenciada pelo som de Miami. Em 2002, quando tocámos com os Red Hot Chili Peppers, no Brasil, o Chad Smith disse-nos que a maioria das bandas de suporte que tocavam como eles eram cópias, mas que connosco é diferente porque não fazemos a mesma música, apesar de termos as mesmas influências. Foi muito engraçado porque ele subiu ao palco antes do concerto para cantar um tema dos Funkadelic connosco. Como artista, foi o maior motivo de orgulho que já tive.

Foi eleito deputado estatal do Rio Grande do Sul em 2007. Como surge a política na sua vida e o que defende?

Foi uma surpresa para todos, menos para o Fredi (guitarra) e para o Nando (baixo), que já me conhecem há muito tempo. Resolvi entrar para a política porque senti necessidade de transformar a Educação do Brasil. Precisamos investir muito mais nesta área para podermos ter escolas modernas, dinâmicas e atractivas para os alunos.

No Brasil a escola é uma coisa chata e os jovens não se interessam na educação. Há que mudar esta visão.

“Gostamos que o público intervenha nos nossos concertos, até porque a voz do povo é a voz de Deus. O palco tem uma magia peculiar e nós somos viciados por essa adrenalina. E é essa energia que queremos passar para o público”

“Em 2002, quando tocámos com os Red Hot Chili Peppers, no Brasil, o Chad Smith disse-nos que a maioria das bandas de suporte que tocavam como eles eram cópias, mas que connosco era diferente porque não fazíamos a mesma música, apesar de termos as mesmas influências”

## **LEI DI DAI**

Lei Di Dai traz o álbum de estreia Alfa e Ómega  
**A RAINHA DO DANCEHALL NO PORTO**

Coroada como Rainha do DanceHall – vertente dançante do reggae mais conhecido como Ragga – Dainne Nascimento, aka Lei Di Dai, vem à Casa da Música apresentar o seu álbum de estreia Alfa e Ómega.

Oriunda da Vila Ré, na zona Leste de São Paulo, Lei Di Dai sabe que nunca vai ceder às pressões do mundo das celebridades, “que exige pesos e medidas certinhas e formas de violão”. Aos 31 anos, Lei Di Dai afirmou à Rolling Stone Brasil: "Eu me adoro! Tenho mó presença, onde chego tudo pára”.

Cantora e compositora, cresceu rodeada de samba e reggae que os pais ouviam e dançavam em casa. A sua mensagem é simples e a inspiração para as suas músicas vem da realidade da periferia (“o salário mínimo é a máxima pressão”) e de artistas jamaicanos como Capleton (referência jamaicana de reggae e dancehall).

Figura de destaque na cena independente de S. Paulo, onde canta desde 1997, Lei Di Dai acredita que o reggae é a libertação, harmonia e amor, e acredita no poder transformador da música. “Eu canto sobre positividade para ensinar o povo preto das periferias sobre eles mesmos, sobre a África e a cultura rasta”, explica. Depois de ter participado, em 2006, na compilação Diáspora Riddim, dos Digitaldubs, com a música Original do Gueto, estreou-se a solo, em 2008, com Alfa e Ómega, que teremos oportunidade de ouvir na Casa da Música.

“Lei Di Dai se destaca em uma cena reggaeira que, como a do hip hop no passado, floresce forte nos guetos do país, pronta pra ser colhida e fazer cabeça, corpo e mente de quem se deixar levar” – Rolling Stone, Brasil

Jul

5 Dom 22:00

SALA 2 | 10 €

**KONONO Nº1** (República Democrática do Congo)

**BRUNO\_M** (Angola)

**BATIDA** (Portugal/Angola)

## **Konono Nº1**

Björk e Matthew Herbert renderam-se à sonoridade do projecto de Mawangu Mingiedi

### KONONO N°1: TRANSE MADE IN CONGO

O projecto Konono N°1 foi fundado há 25 anos por Mawangu Mingiedi, um virtuoso do likembe (aka sanza ou piano de polegar), que quando chegou a Kinshasa (capital do Congo), vindo de Bazombo – que fica na fronteira com Angola –, quis continuar a fazer a música de transe, em homenagem aos seus antepassados, e em nome dos muitos emigrantes que chegavam à metrópole. Pouco tempo depois, os subúrbios pobres de Kinshasa transformaram-se num palco privilegiado para as bandas que, sem quaisquer condições, fizeram com que a música da rua se sujeitasse a mutações incríveis transformando-a, acidentalmente, em algo semelhante ao punk, à electrónica e à música de dança.

A necessidade de amplificar os likembes para se fazerem ouvir pelas ruas e a falta de dinheiro para comprar material importado levou-os a improvisar criando artesanalmente amplificadores, recorrendo a materiais inutilizados como baterias e imans de carros de sucata ou ainda materiais de construção. E porque sem microfones não se conseguiam fazer ouvir, os vocalistas passaram a transmitir a sua mensagem através de megafones recuperados da Era Colonial. A verdade é que as experiências electrónicas funcionaram e os Konono N°1 fizeram-se ouvir pelas ruas ruidosas de Kinshasa.

O resultado é surpreendente. Uma sonoridade inquestionavelmente africana, no ritmo e nas texturas, mas muito próxima da electrónica Ocidental. Algo muito tradicional que nos remonta às experiências de John Cale, entre o punk e a música de dança.

Não se chama a esta música transe sem motivo. Quando ouvida com o volume alto, como se pretende, é capaz de nos transportar para outra esfera. Quatro anos depois de se ter estreado em Portugal, o projecto da República Democrática do Congo regressa e espera-se que, ao contrário do que aconteceu no ano passado, não tenha problemas com os vistos de autorização para sair do Congo.

Na bagagem Mawangu Mingiedi (likembe), Makonda Mbuta (likembe), Mawangu Makuntima (likembe), Waku Menga (voz), Antoine Ndombele (baixo), Ndofusu Mbiyavanga (percussão), Vincent Visi (guizos) e Mrs. Pauline Mbuka Nsiala (voz) trazem uma cultura, uma sonoridade que os tem distinguido no mundo da world music graças ao sistema de amplificação que usam há 30 anos e que lhes valeu o conceituado prémio da BBC, em 2006, na categoria de Novos Talentos.

O trabalho que têm vindo a desenvolver e o alcance da sua música fez com que Matthew Herbert e John McEntire (Tortoise) se oferecessem para remisturar temas dos Konono N°1 que foram os primeiros a editar na nova série intitulada Congrotonics, da editora belga Crammed, em 2003. Um projecto pensado para electrizar a música tradicional de Kinshasa, gravado e produzido por Vincent Kenis (Zap Mama, Taraf de Haïdouks & Koçani Orkestar), grande conhecedor da música do Congo. “Quando os ouvi numa rádio francesa, em 1980, soou-me ao equivalente do punk em África. Demorei 10 anos a ir a Kinshasa procurá-los e outros 10 a encontrá-los. E dei com eles, 20 anos depois, exactamente iguais. Nenhum equipamento tinha sido substituído”, contou. Gravado num portátil no quarto de hotel de Vincent Kenis, Congrotonics vendeu 15 mil exemplares em todo o mundo, o que para um disco tão exótico é bastante positivo.

Dois volumes depois na série Congrotonics (em que o segundo incluía outros grupos congolezes como Kasai Allstars), os Konono N°1 foram convidados a participar no single de apresentação do álbum Volta (2007) de Björk, Earth Intruders. Seguiu-se a edição de um registo ao vivo verdadeiramente hipnótico chamado Live At Colour Café, e mais uma tour mundial.

Não se chama a esta música transe sem motivo. Quando ouvida com o volume alto, como se pretende, é capaz de nos transportar para outra esfera.

O trabalho que têm vindo a desenvolver e o alcance da sua música fez com que Matthew Herbert e John McEntire (Tortoise) se oferecessem para remisturar temas dos Konono N°1

The live recordings capture the raucous buzz with fabulous immediacy, the rhythms combining a primal drive worthy of the Sweet or the Ramones, with a loose-limbed, funky swing that could only be African. Search where you will in rock and hip-hop, you won't find a more viscerally exciting album this year - Mark Hudson in Daily Telegraph

It's important to note that these are not pop songs in any sense of the word. This is traditional trance music with an electric twist, and should be approached as such. That said, it's among the most fascinating music I've heard and deserves a listen by anyone with even the remotest interest in the possibilities of sound - Joe Tangari in Pitchfork

Truly fantastic stuff, in a Mad Max/The Matrix futuristic style – Chris May in All About Jazz

## **BRUNO\_M**

Aos 24 anos, o kudurista angolano é já um exemplo para os mais jovens [BRUNO\\_M E O KUDURO “ELECTRÓNICO E DANÇANTE QUE CONTAGIA E VIRA MANIA”](#)

À África do Sul e ao Brasil segue-se Portugal no percurso de Wilson Diogo de Amaral (aka Bruno\_M, de Mágico). Para a Casa da Música, o kudurista angolano traz na bagagem o álbum de estreia, Batida Unika, que o deu a conhecer em 2004 e o celebrizou quatro anos depois. Estudante na Faculdade de Direito da Universidade Independente de Angola e a fazer um curso de jornalismo profissional, Bruno\_M tem a música como um hobby que o ajuda a pagar os estudos. Mas a relevância do seu testemunho desperta cada vez mais atenções no mundo.

Em 2004, com apenas 19 anos e por influência de amigos e vizinhos, Bruno\_M tornou-se membro de um gang juvenil chamado Alameda Squad, bastante polémico na época, sendo preso meses depois por práticas ilícitas. E foi lá, na Cadeia Central de Luanda, que ‘Scocia’ – como era conhecido no gang – começou a escrever alguns versos de kuduro para retratar as suas vivências.

“Quando conhecemos os dois lados da moeda, torna-se mais fácil compreender e lidar com situações mais complicadas. Conheci as diversas formas de má conduta juvenil e hoje sou uma pessoa regenerada e pacífica a ponto de evitar um conflito por saber, em antemão, no que resultará”, explica em entrevista defendendo que “se houvesse compreensão entre os indivíduos seria mais fácil a sociedade ter estabilidade social, mas infelizmente grande parte dos cidadãos angolanos é leiga em matérias relacionadas com os seus direitos e acaba a discutir sem conhecimento de causa, provocando grandes desequilíbrios e, logo, problemas sociais”.

Aos 24 anos, e sendo um exemplo para muitas crianças e jovens, Bruno\_M sente essa responsabilidade e procura transmitir mensagens de “desencorajamento ao crime e às más condutas sociais”. “As coisas negativas despertam mais as atenções das pessoas, por isso tenho cada vez mais cuidado com as minhas mensagens. Além de tentar contagiar o ouvinte com a alegria e folia do ritmo kuduro procuro passar as minhas experiências e fico muito contente por saber que muitos jovens já trocaram as armas por microfones. Felizmente e porque eu consegui, aperceberam-se que é possível mudar de vida e fazer algo melhor”, explica.

Vida, amor, paz, patriotismo, educação moral e cívica são algumas das mensagens que podemos ouvir nas músicas de Batida Unika, “um projecto que tem como objectivo resgatar os jovens com dificuldades sociais, mas que querem trabalhar em prol da sociedade”. Um álbum que nasceu depois do sucesso da primeira letra que Bruno M escreveu, já em liberdade, Não respeita, né?! “Quando escrevi esta canção, em 2005, procurei alguém que a cantasse, mas não encontrei ninguém. Na altura já fazia instrumentais de kuduro e captação de voz num estúdio caseiro, onde fazia a produção de vários kuduristas. Foram eles que me baptizaram Bruno\_Mágico. Como tal, resolvi cantar por cima de um instrumental que tinha composto e felizmente a música foi bem aceite”, recorda.

Após se aperceber que podia fazer algo melhor, Bruno\_M entregou-se à arte na sua forma musical arrastando consigo uma legião de jovens que encontrou no kuduro consolo e forma para se manifestar e exprimir.

Inspirado pelo “ambiente social, a rua e as cenas diárias que nela decorrem”, Bruno\_M considera o público angolano “cada vez mais idóneo” e explica: “As pessoas preocupam-se em coleccionar discos originais dos artistas nacionais, assim como em ver os nossos espectáculos. De um modo geral, o mercado musical nacional está a ser mais valorizado e, consequentemente, a vida dos músicos em Angola tende a melhorar”. A viver em Luanda, o músico e estudante acredita que “o país continua em processo de estabilização em alguns sectores e ainda existem dificuldades na gestão do bem público. No entanto, o Governo está a criar condições para que seja evidente e absoluta a desconcentração e a descentralização. Para isso está a implementar vários programas para criar melhores oportunidades e condições de vida às pessoas, o que é bastante positivo”.

De Portugal, conhece os Buraka Som Sistema – com quem já gravou o tema Tiroza do álbum Black Diamond – e baseia-se na história para dar a sua opinião sobre o nosso país: “Portugal continua muito ligado a Angola. Penso que é um dos países que mais angolanos acolhe, trabalhadores e estudantes. Em suma, os angolanos vêem Portugal como um país muito experiente com o qual contamos sempre nos mais variados domínios”.

Pronto para se mostrar ao mundo, Bruno\_M traz para a Casa da Música “um estilo musical jovem, electrónico e dançante que contagia e vira mania”.

“um estilo musical jovem, electrónico e dançante que contagia e vira mania”.

## **BATIDA**

Portugueses e angolanos partilham o palco

### **BATIDA E OS TESOUROS RECUPERADOS DA MÚSICA ANGOLANA**

Desafiados a remexerem no arquivo histórico da editora Valentim de Carvalho de Luanda, os elementos do projecto Batida recuperaram sonoridades dos anos 60 e 70, sem nostalgia mas com respeito, prestando um tributo aos seus autores originais. O trabalho, dado o prazo apertado, foi dividido entre Lisboa e Luanda. Aqui, o DJ Mpula escolheu os sons a recuperar e passou a Beat Laden para serem misturados no estúdio Ground Zero, em Chelas. Mais tarde, chamaram Ikonoklasta – o poeta da Família e membro do Conjunto Ngonguenha e Sacerdote – para escrever, e o primo Roda, de Luanda, para transformar os sons em desenhos para a capa do disco.

Para além destes, Batida contou com as preciosas participações do animador Chailoy, do kudurista consciente Rei Panda, dos De Faia, da poderosa Dama Ivone, do produtor DJ Waite e do rapper Bob Da Rage Sense. Há ainda uma faixa bónus com o

mwangolé Maskarado – jovem talento do kuduro –, remisturas do brasileiro DJ Chernobyl – que produziu o Bonde do Role – e dos Radioclit.  
Para além de ser o nome deste projecto, Batida é também o nome de muitas das compilações pirata que circulam nas ruas de Luanda. Saem todos os dias, directamente do Musseke (gueto) para todos os Kandongueiros (tipo táxi), que é o meio de transporte público usado por grande parte do povo de Luanda. Estas compilações são maioritariamente dedicadas ao kuduro e à kizomba e revelam, mais do que a própria rádio, o som que está a bater no momento. As Batidas são um instrumento essencial na promoção de qualquer artista.  
É também nome do projecto que divulga, semanalmente na rádio e na Internet, as novas tendências da música urbana de raiz ou inspiração Afro. Sonoridades como kwaito, kuduro, funk, afrobeat, dancehall ou afro house.  
Na Casa da Música, o projecto Batida vai apresentar o disco Dance Mwangolé, repleto de tesouros da música angolana, com beats pensados para pôr todos a dançar. Refira-se que “Dance Mwangolé” foi um termo usado pelo Sbem – um dos pioneiros essenciais do kuduro – para descrever tudo o que seja Techno feito por um Mwangolé (Angolano).

## **UMA CASA PORTUGUESA**

O festival Uma Casa Portuguesa propõe uma viagem pelas múltiplas expressões da música tradicional e popular portuguesa, levando-nos a paragens tão distintas quanto o fado, os agrupamentos filarmónicos ou as mais genuínas manifestações da música regional.

Os clássicos do cancionero tradicional nas sete vozes femininas do grupo Segue-me à Capela, as danças e cantares das Terras de Miranda ou o humor dos Adiafa ao som da viola campaniça alentejana revelam-nos os ambientes rurais da música tradicional portuguesa.

O universo do fado vê-se invadido pelo jazz num concerto de Mário Laginha e Bernardo Sasseti. Os dois pianistas responderam ao desafio da Casa da Música com um concerto original que assinala o 10º aniversário da morte de Amália Rodrigues. Não faltarão também oportunidades para ouvir algumas das grandes vozes da actualidade do fado, como Cristina Branco e Hélder Moutinho, ou para descobrir a nova abordagem de António Zambujo, plena de referências à música brasileira.

O ano do Brasil serve de pretexto para revelar as faces mais desconhecidas da música nordestina, os ritmos e os cantares rurais de Pernambuco e Alagoas nas vozes de Renata Rosa e do grupo Siba e a Fuloresta.

As festas populares típicas do Verão não seriam as mesmas sem a presença das bandas filarmónicas. Nas tradicionais arruadas e procissões, ou tocando música festiva no coreto, são há mais de 200 anos presença fundamental na nossa música. Tem, por isso, especial significado o encontro de bandas que traz oito agrupamentos da região ao palco da Praça.

Jul  
08 Qua 22:00  
SALA 2 | 10 €  
Festival Uma Casa Portuguesa

## ADIAFA SEGUE-ME À CAPELA

### ADIAFA

A completar 11 anos de carreira, e três álbuns depois, os Adiafa fazem revisão da carreira

#### “O NOSSO LADO HUMORÍSTICO CONTAGIA AS PESSOAS”

Quem não se lembra de ouvir o refrão de As Meninas da Ribeira do Sado? O tema que tirou os Adiafa de Vidigueira (Beja) e os deu a conhecer ao mundo? Sete anos depois o grupo de cante alentejano está de volta aos grandes palcos com a sua viola campaniça (típica da região do Alentejo e muito utilizada para acompanhar “modas” e “despiques”), adufes e outros instrumentos tradicionais.

Na bagagem, José Emídio, Tói “Marreco” Santos, Luís Espinho e João Paulo Sousa trazem uma revisão de 11 anos de carreira, antecipando o best of com edição prevista para o final de 2009. Um alinhamento composto pelos melhores e mais populares temas de Adiafa (2002), Tá o Balho Armado (2004) e Não há Vagar (2007), onde o grupo recupera os clássicos da música tradicional assim como os originais que têm assinado neste período.

Ao cante alentejano, os Adiafa foram acrescentado outros géneros musicais como o fado, blues, bolero e baião, assim como novos instrumentos. Em conversa com João Paulo Sousa, o músico explica: “Não nos podemos manter sempre iguais. Com a introdução de novos instrumentos pretendemos evoluir musicalmente. É como as televisões, se não tivessem evoluído ainda eram a preto e branco. Claro que é importante não fugir à sonoridade que nos identifica, mas creio que é enriquecedor. No entanto, a viola campaniça continua a ser o instrumento principal”.

O momento mais aguardado do espectáculo que vão apresentar, na estreia no palco da Casa da Música, será, com certeza, a interpretação de As Meninas da Ribeira do Sado, tema que trouxe grande popularidade ao grupo e os levou à Suíça e ao Canadá. Foram nomeados para os Globos de Ouro da SIC em 2003 nas categorias de Melhor Grupo e Melhor Canção do Ano (As Meninas da Ribeira do Sado) e ganharam o prémio Mais Música da revista Mais Alentejo. Em meados de 2004, a Câmara Municipal de Beja atribuiu-lhes a Medalha de Mérito da Cidade – Grau Prata.

Críticos e bem-humorados, os Adiafa prometem trazer à Casa da Música a animação que os caracteriza tendo por base a música tradicional portuguesa.

#### 3 PERGUNTAS AOS ADIAFA:

Sete anos depois de terem sido um dos grupos mais falados em Portugal, com o tema As Meninas da Ribeira do Sado, estreiam-se agora na Casa da Música. Que espectáculo têm preparado?

João Paulo Sousa: Vamos apresentar o nosso disco que acabámos de gravar com os nossos melhores temas, tipo best of, para comemorar os 11 anos dos Adiafa. A maior parte dos grupos festeja os 10 anos, mas nós optámos por celebrar os 11. Embora o disco só vá ser editado no final do ano, a digressão que andamos a fazer agora já é uma antecipação desse trabalho, onde recuperamos os temas mais populares dos nossos três álbuns.

E o que aconteceu aos Adiafa nestes últimos sete anos? Esperavam ter tanto sucesso?

Em 2002, com As Meninas da Ribeira do Sado, houve um boom e, desde então, temos vivido a ressaca dessa explosão. Foi um período com muitos concertos, mas felizmente temos conseguido manter um número razoável de espectáculos e as pessoas gostam cada vez mais. Não, não esperávamos ter tanto sucesso, nem nós nem ninguém. Nem

consigo explicar o que aconteceu. Se conseguisse perceber o que motivou tanta receptividade garanto que em cada disco repetia a fórmula (risos). Na altura, o que teve maior influência foram as crianças. A mensagem começou a passar entre os mais novos e obrigatoriamente os pais vieram a reboque. As crianças gostaram mesmo muito do Estrala a Bomba [como é conhecido no Alentejo o tema As Meninas da Ribeira do Sado].

Três álbuns e um best of na calha. Qual o balanço que fazem dos 11 anos de carreira?

Têm sido anos muito positivos. Gostamos de tocar no estrangeiro deste país (risos)... basta passar as fronteiras do Alentejo e estamos no estrangeiro. Vamos muito ao Norte e somos bem recebidos, apesar das características musicais daí serem distintas. Acho que é o nosso lado humorístico e alegre que contagia as pessoas. Vai ser uma grande honra tocar na Casa da Música, um emblema para qualquer músico.

“Em 2002, com As Meninas da Ribeira do Sado, houve um boom e, desde então, temos vivido a ressaca dessa explosão. Foi um período com muitos concertos, mas felizmente temos conseguido manter um número razoável de espectáculos. E as pessoas gostam cada vez mais”

### **Segue-me à Capela**

#### VOZES E RITUAIS NO TEMPO

Sete vozes femininas cantam, à capela, clássicos da música tradicional portuguesa. Este é o ponto de partida das Segue-me à Capela, que se distinguem pelos arranjos concebidos em torno da voz, com utilização esporádica de instrumentos de percussão como o adufe, a pandeireta, as pinhas ou as castanholas. O repertório, criteriosamente escolhido a partir de recolhas feitas por Michel Giacometti, Alberto Sardinha e G.E.F.A.C. (Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra), reparte-se pelas canções de trabalho, de amor ou religiosas.

Juntas há 10 anos, as Segue-me à Capela já marcaram presença em conceituados festivais de música tradicional em Portugal (Intercéltico do Porto, Cantigas do Maio, Sons Em Trânsito, Festival Músicas do Mundo em Sines) e em Espanha (Folk Segóvia, Etnosur, Huesca Folk, Magosta Folk).

Discograficamente estrearam-se em 2004, com um álbum homónimo que foi considerado pelo Blitz (então jornal) um dos melhores álbum de música portuguesa do ano, com o tema Tu Gitana ainda nomeado para Melhor Canção Folk/World pela Contemporary a Cappella Society of America.

Segue-me à Capela é um projecto de vozes que se desdobram para lá do canto para recriar ambientes de trabalho, romaria e alguma folia. Embora procurem reproduzir os arranjos vocais registados nas recolhas a partir das quais trabalham, o septeto recria-os, acrescentando-lhes novas linhas que conferem aos temas uma imagem diferente e “modernizada” sem perder o sabor ancestral das versões originais.

Para além da carreira em nome próprio, as Segue-me à Capela participaram no tema Cantiga Bailada, do álbum Ceia Louca (2006) da Brigada Victor Jara, fizeram uma versão de Estranha Forma de Vida, para o álbum de homenagem a Amália Rodrigues, A Tribute to Amália (2004), lançado pela editora holandesa World Connection e contribuíram no tema História da Marianita, do álbum A Cor da Vontade (2003) dos Quadrilha.

Pela primeira vez na Casa da Música, Cristina Martins (soprano), Mila Bom (contralto), Margarida Pinheiro (contralto), Graça Rigueiro (contralto), Catarina Moura (soprano), Maria João Pinheiro (contralto) e Rita Marques (contralto) contam com a participação de um músico convidado na percussão, Jorge Queijo. Ao

vivo, as Segue-me à Capela vão antecipar alguns dos novos temas que irão fazer parte do próximo álbum, São João, a editar no próximo ano.

“Segue-me à Capela é um dos projectos mais originais no universo da música tradicional portuguesa” – by Luís Bizarro Borges in Jornal de Notícias

“Há um arrepio qualquer que sobe da espinha e fica encravado algures entre a aorta e a traqueia quando se ouvem muitas vozes a cantar muitas canções vindas do mais fundo e mais antigo e mais puro que nós, portugueses, temos. E é tão bom que elas existam e resistam (ainda) assim” – in Blitz

Jul

09 Qui 22:00

PRAÇA | € 15

[Brasil][Jazz]

Festival Uma Casa Portuguesa

**PAULITEIROS DE MIRANDA 22:00**

**HAMILTON DE HOLANDA QUINTETO 22:40**

### **PAULITEIROS DE MIRANDA**

Contra o esquecimento das nossas tradições

#### **OS CANTOS E AS DANÇAS DOS PAULITEIROS DE MIRANDA**

Denotando a falta de uma das mais genuínas expressões da Cultura Portuguesa, surgiu, em 2000, o primeiro Grupo de Pauliteiros de Miranda, em Lisboa. Constituído por, na sua maioria, elementos naturais de Terras de Miranda e ex-dançadores de outras formações de Pauliteiros, este grupo recuperou a experiência, o entusiasmo, a cultura, a magia da gaita-de-foles mirandesa, o ritmo natural dos paulitos e o exotismo dos laços com que dança a vida de um povo.

Através da dança, o Grupo de Pauliteiros de Miranda mantém vivas as suas raízes, orgulhando-se deste elemento de identidade portuguesa, mas olhando o futuro através dessa magia que transforma a guerra numa dança e num hino à vida, à paz, à diversidade e à solidariedade que se exprime no ritmo harmonioso de todos os dançadores.

Em defesa dos valores que nos enriquecem e fazem parte do património da humanidade, os Pauliteiros de Miranda trazem à Casa da Música um repertório musical da dança dos paus, a que se chamam 'lhaços'\*, constituída pela música, texto e coreografia.

Um grupo de oito homens (quatro guias e quatro piões) que vestem saia bordada e camisa de linho, um colete de pardo, botas de cabedal, meias de lã e chapéu que pode estar enfeitado com flores e finalmente por dois paus (palos) com os quais estes dançadores fazem uma série de diferentes passos e movimentos coordenados. A simulação de uma luta acompanhada pela gaita-de-foles, por uma caixa de guerra e bombo ou por uma flauta pastoril, que é monotubular com três buracos e que é tocada com três dedos. E ainda por castanholas feitas à navalha com desenhos gravados à mão.

Tradicionalmente destinados a dançar em festas religiosas, estes dançadores passaram a ser chamados para todo o tipo de festas no final do século XIX.

Embora a origem da dança dos pauliteiros não reúna o consenso entre os estudiosos, concluiu-se que se trata de uma dança comum à Península Ibérica com tradições

militares dos povos autóctones, dos greco-romanos, medievais e outras – embora possa ter existido anteriormente, terá vindo com os repovoadores do reino de Leão. Ao longo de nove anos já realizaram muitos espectáculos, mas não se esperem ver apresentações repetidas. Os Pauliteiros de Miranda têm cerca de cinquenta conjuntos de danças e bailados diferentes para apresentarem e, na Casa da Música, teremos oportunidade de ver uma dança dinâmica, diferente do habitual. A gaita-de-foles transmontana, a caixa de guerra e o bombo darão o mote para uma noite de festa.

Um lhaço (escrito em língua mirandesa) é cada uma das músicas dançadas pelos pauliteiros. A maioria das letras é em castelhano, mas muitas são em mirandês e algumas em português.

### **HAMILTON DE HOLANDA QUINTETO**

Hamilton de Holanda bandolim de 10 cordas  
Gabriel Grossi harmónica  
Daniel Santiago guitarra  
André Vasconcellos baixo  
Márcio Bahia bateria

Aos trinta e três anos de idade, Hamilton de Holanda parece estar no topo da sua carreira. Com espectáculos por todo o mundo e vários prémios na bagagem, é actualmente uma das figuras de proa da chamada música instrumental brasileira e é considerado um dos melhores músicos do mundo por figuras de renome da música brasileira como Hermeto Pascoal, Maria Bethânia ou Djavan. O jovem bandolinista, já chamado de “Jimi Hendrix do bandolim”, vem ao Porto com o seu premiado quinteto apresentar música do último registo da banda, *Brasilianos 2*.

---

Hamilton de Holanda nasceu em 1976 no Rio de Janeiro, mas a sua família mudou-se para Brasília apenas um ano depois. Filho e irmão de músicos, recebeu aos três anos o seu primeiro instrumento musical, uma melódica (no Brasil chamada de escaleta), mas foi com o bandolim que recebeu no Natal, aos cinco anos, que teve início a sua aprendizagem e actividade enquanto músico. Apenas um ano depois, fazia a sua primeira apresentação pública, no Clube de Choro de Brasília, acompanhado pelo seu irmão César na guitarra de sete cordas, pelo seu pai no cavaquinho e por Pernambuco do Pandeiro. Este último adoptou musicalmente os dois irmãos e formou com eles o grupo Dois de Ouro, com o qual Hamilton faria a maioria das suas apresentações até os 22 anos de idade.

A música de Hamilton tem origem no choro (ou chorinho), género instrumental popular brasileiro que nasceu do cruzamento da música europeia com os ritmos africanos. Foi essa a sua principal influência musical durante a infância e a juventude. Mas a sua abordagem do choro é tudo menos convencional: partindo desse género musical, o bandolinista construiu a sua linguagem original, que inclui muitos outros universos musicais, como jazz, samba, rock, pop, bossa nova ou lundú. Hamilton não acredita nas perspectivas conservadoras que classificam a sua música de “novo choro”. Prefere orientar-se pelo lema “Moderno é Tradição”, considerando-se um músico do séc. XXI que faz música para as pessoas do seu tempo, embora enraizado na tradição que conhece.

Em 2001, deu-se um evento decisivo para a sua carreira e até para o progresso do bandolim: Hamilton encomendou um novo instrumento ao luthier Vergílio Lima,

pedindo-lhe que acrescentasse duas cordas ao bandolim convencional, num total de 10. O resultado foi o seu instrumento de eleição, aquele que melhor veicula as suas ideias musicais. Como descreve o músico, “o timbre é mais grave, mais aveludado, faz carinho no ouvido da plateia, do ouvinte e do músico. Com essas duas cordas a mais, posso praticar a polifonia com mais eficiência, posso tocar melodia, acordes e ritmo ao mesmo tempo. Tenho a sensação de que as ideias de improvisação e harmonia ficam mais claras”.

Hamilton de Holanda foi por diversas vezes condecorado com prémios e distinções, tanto individualmente enquanto instrumentista como com o seu quinteto. Em 2001, o bandolinista conquistou por unanimidade o Prémio Icatu-Hartford de Artes como o melhor instrumentista do Brasil. Esta distinção permitiu-lhe receber uma bolsa e uma hospedagem especial na Cité Internationale des Arts, em Paris, durante 1 ano. Esta foi uma fase de extrema importância para Hamilton, que lhe permitiu não só um grande crescimento pessoal como também um considerável aperfeiçoamento musical, nomeadamente da técnica do bandolim de 10 cordas. Desde então, os seus espectáculos na Europa continuam a aumentar e a sua relação com o Velho Continente não pára de se intensificar. Como o próprio afirma, “Hoje não vivo sem a Europa. É minha segunda casa. E a França é o meu segundo país”.

A produção discográfica de Hamilton diz muito do seu talento e pioneirismo. 1 byte 10 strings (2005), por exemplo, é o primeiro álbum a solo de bandolim de 10 cordas alguma vez registado, tendo sido distinguido com o prémio Choc, atribuído pela revista Le Monde de la Musique. Brasilianos (2007), já com o quinteto, foi nomeado para o Grammy Latino para Melhor Disco Instrumental.

O quinteto Hamilton de Holanda, grupo de maturidade do bandolinista, revela singular cumplicidade e um virtuosismo notável. Hamilton descreve-o como um grupo muito original pela formação instrumental que tem (bandolim, harmónica, guitarra, baixo e bateria), o único grupo no mundo com essa sonoridade. Diz-nos o músico brasileiro: “Os cinco músicos são solistas, com um virtuosismo direccionado para se fazer música e não o contrário. Já tocamos juntos há um bom tempo, o que nos dá uma intimidade que permite chegar a um ponto de emoção muito forte. E o mais importante, o incansável ímpeto de sempre dar o máximo para tocar bonito, de emocionar quem nos ouve, de falar com o divino”.

Hamilton de Holanda tocou já em Portugal em três ocasiões, duas com o seu quinteto (Matosinhos e Sines) e uma vez no Rock in Rio 2003, em Lisboa, integrado no grupo Curupira. Desta vez, o bandolinista apresenta-se com o seu quinteto para apresentar a música de Brasilianos 2, último registo da banda. O disco é constituído por composições de Hamilton nos últimos dois anos, interpretadas de forma diferente em cada local de concerto: aliás, segundo o músico, neste concerto no Porto o público português pode até esperar ouvir algum fado, na interpretação particular de Hamilton. Tendo em conta as semelhanças entre a guitarra portuguesa e o bandolim do brasileiro, o resultado será certamente interessante.

Quanto à perspectiva de tocar de novo em Portugal, e em particular na Casa da Música, Hamilton diz o seguinte: “Os concertos em Portugal são sempre memoráveis. Nunca é demais dizer da relação familiar que temos. E isso fica evidente na hora de fazer um show. A vontade de tocar aumenta, sinto uma cumplicidade do público. Parece que estão vibrando como num jogo de futebol, cada música ou cada solo é um golo comemorado de maneira emocionante. Quando estive em Matosinhos, tive a oportunidade de passar em frente à Casa da Música e fiquei impressionado. Dá orgulho ver o respeito como a música é tratada nesse templo dos sons. Espero passar uma grande noite por aí!”

**GISMONTI**  
**ORQUESTRA NACIONAL DO PORTO**

Jul  
 10 Sex 22:00  
 PRAÇA | 7,5 €  
 [Brasil] [Jazz]

**ORQUESTRA NACIONAL DO PORTO**  
 Egberto Gismonti piano e guitarra

Programa  
 Mestiço e Caboclo  
 Música de Sobrevivência  
 A Fala da Paixão  
 Memória e Fado  
 Frevo  
 Forrobodó

---

O multi-instrumentista e compositor brasileiro Egberto Gismonti apresenta-se na Casa da Música com a Orquestra Nacional do Porto num concerto que promete ser um espectáculo impressionante. A exuberante musicalidade do virtuoso artista brasileiro, cruzando as tradições indígenas e populares do Brasil com a música improvisada e a música erudita de tradição europeia, transcendeu há muito as fronteiras geográficas da sua terra natal e confirmou Gismonti como um músico de projecção internacional.

Nascido em 1947 de pai libanês e mãe italiana na cidade do Carmo, Rio Janeiro, Brasil, Gismonti obteve formação erudita de piano, com início aos seis anos de idade. Quinze anos volvidos, depois de uma participação no festival TV Globo com a canção O Sonho (que obteve aprovação da crítica e do público), o músico rumou a Paris para estudar com os compositores Jean Barraqué e Nádía Boulanger. Desta última, recebeu o conselho de ser mais irresponsável na sua música, de não ter medo de quebrar as regras, e essa atitude marcaria seguramente a sua produção vindoura.

A determinada altura, a influência artística da mãe e o seu interesse pelo género brasileiro choro levaram o músico a dedicar-se à guitarra, primeiro adoptando o instrumento convencional de seis cordas e mais tarde explorando as potencialidades da guitarra de oito cordas. O multi-instrumentalismo tornar-se-ia, de resto, uma marca de Gismonti, que recorreria, ao longo da sua carreira, a instrumentos tão díspares como o piano, as flautas, o harmónio ou a própria voz. Afirmou-se como um instrumentista absolutamente virtuoso, compondo e interpretando música de grande dificuldade técnica e artística. Desta forma, Gismonti tornou-se identificável como um dos nomes incontornáveis da chamada música instrumental brasileira, que encontra outros exemplos maiores em nomes como Hermeto Pascoal e, mais recentemente, Hamilton de Holanda. De uma forma geral, este género caracteriza-se por um recurso à música de raiz tradicional brasileira e a um vocabulário musical de grande complexidade e exigência técnica.

O seu primeiro LP, datado de 1969 e intitulado precisamente Egberto Gismonti, seria apenas o primeiro de cerca de sessenta edições discográficas, e porventura o seu

registo mais convencional, ainda bastante enraizado na música produzida nas décadas de 1950 e 60 no Brasil, nomeadamente a bossa nova.

A partir dos anos 70, Gismonti deu progressivamente largas à sua criatividade e ao experimentalismo, construindo uma sonoridade única de fusão entre diversas origens musicais, nomeadamente as tradições indígenas e os géneros populares do Brasil, a música erudita de tradição europeia, e até o jazz. Para Gismonti, o popular e o erudito não têm de estar em pólos opostos e a sua música espelha de facto esta visão abrangente.

Em 1977 iniciou-se a colaboração entre Gismonti e a editora alemã ECM, com a edição de *Dança das Cabeças*, um álbum que apresenta o músico em duo com outro artista brasileiro de renome, o percussionista Naná Vasconcelos. A visão singular de Manfred Eicher, fundador e produtor da ECM, é um espaço particularmente apropriado para a produção de Gismonti, ela própria híbrida e aglutinadora. A prova é a duradoura colaboração entre os dois, resultante em dezenas de edições discográficas com diversas formações: a solo, em pequenas formações, com orquestra de câmara, etc. O mais recente registo, o álbum duplo *Saudações*, é lançado em Junho de 2009 e tem a particularidade de apresentar Egberto ao lado do seu próprio filho, o guitarrista Alexandre Gismonti.

No entanto, a relação de Gismonti com a indústria discográfica tem sido pouco pacífica e até controversa. Na década de 1980, comprou os direitos de toda a sua produção musical, tornando-se um dos pouquíssimos artistas brasileiros a deter os direitos da sua própria música. Com base nesse acervo, criou a etiqueta discográfica Carmo, que tem servido não só para continuar a editar a música de Gismonti (frequentemente em parceria com a própria ECM) como também para lançar novos talentos musicais brasileiros. A etiqueta tem distribuição em cerca de trinta países (precisamente pela mão da ECM), embora controversamente o Brasil não seja um deles. De resto, a relação do músico com a indústria e os meios de comunicação social é de tal forma particular que nem ele nem a sua editora possuem página na Internet, o que, nos dias que correm, constitui para muitos uma autêntica heresia artística. O seu desânimo perante o sistema de produção discográfica é crescente: actualmente, Gismonti planeia lançar um conjunto de quatro ou cinco discos com uma grande diversidade de registos, para serem vendidos a preços módicos como forma de homenagear todos aqueles que, enquanto ouvintes e apreciadores, ajudaram a construir a sua carreira.

Da longa carreira discográfica, destacam-se vários registos e colaborações. *Sol do Meio-Dia* (ECM, 1977), por exemplo, surgiu na sequência de uma temporada de cinco semanas passada por Gismonti junto dos índios Xingu, na floresta amazónica. Esta experiência aproximou o músico das raízes indígenas do Brasil e fez realçar a dimensão espiritual da sua música.

O álbum duplo *Sanfona* (ECM, 1980) é um registo particularmente dedicado às raízes musicais brasileiras, incluindo alguns dos géneros típicos (como o maracatu ou o frevo) e muito do vocabulário musical característico.

No entanto, referir apenas o percurso discográfico de Egberto Gismonti é extremamente redutor. A sua produção musical é tão diversificada no vocabulário e na instrumentação como na finalidade da música: para além dos álbuns gravados nas várias editoras, tem composto e interpretado música para diversos fins, incluindo bandas sonoras para filmes, música para bailado, para teatro, para programas de televisão, ou ainda para exposições de artistas plásticos.

O concerto com orquestra não é de todo uma novidade na carreira de Gismonti. Ao longo dos anos recentes têm sido várias as apresentações em que o músico brasileiro aparece como solista à frente de um colectivo sinfónico. De resto, é este formato que está registado em *Meeting Point* (ECM, 1995), que conta com a Orquestra Sinfónica

Nacional da Lituânia. Neste álbum podemos encontrar duas das composições que serão interpretadas neste concerto no Porto: Música de Sobrevivência (encomenda da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo em 1990) e Frevo (encomenda da Orquestra Sinfónica de Córdoba em 1993).

O programa conta ainda com outras quatro composições: Mestiço e Caboclo, presente no álbum Zig Zag (ECM, 1995), A Fala da Paixão, que podemos encontrar em Alma (Carmo, 1987) e Infância (ECM, 1990), Memória e Fado, presente em Dança dos Escravos (ECM, 1988), e ainda Forrobodó, que encontramos novamente em Zig Zag e que também consta do álbum Amazónia (Carmo, 1990).

Jul

11 Sáb 22:00

PRAÇA | 10 €

[Brasil]

Festival Uma Casa Portuguesa

**SIBA E A FULORESTA Música de Pernambuco**  
**AMÉLIA MUGE**

### **SIBA E A FULORESTA**

Do Recife para o Porto, Siba e a Fuloresta

**E SE, SEMPRE QUE DESSE UM PASSO, O MUNDO SAÍSSE DO LUGAR?**

Natural do Recife, criado no seio de uma família que até hoje mantém uma forte ligação às origens rurais, Siba cresceu entre a cidade e o interior, dois mundos que fazem parte de um todo. Os primeiros contactos com as tradições da Mata Norte deram início a uma longa história de aprendizagem e colaboração que levaram Siba a aprofundar os fundamentos da poesia ritmada tornando-se num dos principais mestres da nova geração do maracatu e dos cirandeiros. Ao mesmo tempo, como membro da banda Mestre Ambrósio, desenvolveu um estilo musical inovador e singular, do qual o diálogo entre o tradicional e o contemporâneo, o passado e o presente, a rua e o palco são marcas distintas.

Depois de uma temporada de sete anos em São Paulo, o cantor, compositor, guitarrista, rabequeiro e mestre na poesia rimada – Siba - voltou para Pernambuco em 2002 para começar a “Fuloresta”, um grupo formado por músicos tradicionais de Nazaré da Mata, uma pequena cidade com 30 mil habitantes. Siba e a Fuloresta estrearam-se um ano mais tarde com Fuloresta do Samba, e do Recife partiram em digressão. Ao Brasil seguiu-se a Europa onde fizeram três digressões, entre 2004 e 2006, com a reacção do público a superar as expectativas. De acordo com Siba: “Nunca entendemos o nosso passado ou as nossas tradições como uma gaiola. Pelo contrário, a nossa tradição oferece-nos um vocabulário vasto e nós esforçamo-nos por usá-lo. É impossível explicar como conseguimos envolver toda a comunidade na nossa poesia e na nossa dança, mas a verdade é que resulta”.

Seguiu-se Toda vez que eu dou um passo/ O mundo sai do lugar (2007) composto por letras directas de uma poesia intensa, cirandas, cocos-de-roda e frevos misturados com dubs, guitarras, pianos eléctricos e uma orquestra de sopros executando arranjos inovadores. Um álbum com um inesperado toque cosmopolita, que extrapola e questiona as barreiras entre cultura popular e música pop, poesia oral e literatura e o já desgastado contraste entre tradição e modernidade.

E é com este registo que Siba e a Fuloresta se apresenta na Casa da Música. Uma oportunidade única para ouvir o poeta sambador, Siba (voz e percussão), e a nata dos

poetas e instrumentistas da Zona da Mata que compõem os Fuloresta: Biu Roque, Cosmo Antônio e Mané Roque (percussão e vozes), Zeca (percussão), Roberto Manoel e Galego (trombones), João Minuto (sax tenor) e Bolinha (tuba). Toda vez que eu dou um passo/ O mundo sai do lugar é um disco dançante e bem humorado, sólido de composição sobre o vocabulário do frevo, do coco e da ciranda. As percussões e os metais estão no centro das atenções da sonoridade deste registo onde o cheiro a Carnaval paira no ar.

Toda vez que eu dou um passo/ O mundo sai do lugar é composto por letras directas de uma poesia intensa, cirandas, cocos-de-roda e frevos misturados com dubs, guitarras, pianos elétricos e uma orquestra de sopros executando arranjos inovadores. Um álbum com um inesperado toque cosmopolita, que extrapola e questiona as barreiras entre cultura popular e música pop, poesia oral e literatura e o já desgastado contraste entre tradição e modernidade.

### **AMÉLIA MUGE**

#### 1 Autora, 202 Canções, o espectáculo que faz o ponto da situação **TODAS AS FACES DE AMÉLIA MUGE**

Nove meses depois de ter estreado o espectáculo 1 Autora, 202 Canções no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, Amélia Muge cumpre na Casa da Música a promessa de voltar aos palcos do Porto onde deixou saudades. Mas, por muita vontade que tenhamos em rever a cantora, compositora e letrista, não se espere ouvir todo o seu repertório. 202 corresponde ao número de músicas que Amélia Muge tem registadas na SPA (Sociedade Portuguesa de Autores), interpretadas por ela própria e por muitos outros intérpretes, na música e no teatro. Nacionais e estrangeiros. Com cinco álbuns editados – Múgica (1991), Todos os Dias (1994), Taco a Taco (1998), A Monte (2002) e Não Sou Daqui (2007), o primeiro de uma trilogia temática (o segundo abordará “música de tradição europeia” e o terceiro “as relações entre a música e a tecnologia”) – Amélia Muge foi seduzida a fazer uma abordagem inédita do seu repertório e, como que fazendo um ponto de situação, preparou em três meses um espectáculo que, apesar de deixar de fora 185 temas, recupera 15 e ainda nos premeia com dois inéditos.

202. Um número capicua que se tornou num bom ponto de partida para um concerto que pretende evidenciar a carreira de autora e compositora de Amélia Muge, onde o seu mundo próprio desafia estilos e épocas num caleidoscópio de cumplicidades. Singular. Versátil. Camaleónica. Culturalmente mestiça. Dona de uma extrema originalidade que a persegue, a obriga a reinventar-se. Não se parece com nada e pode estar em todas as coisas. Amélia Muge cedo conquistou o respeito e admiração do público e dos seus pares. O reconhecimento surgiu cedo, em 1999, quando começou a ser convidada a compor temas para outros intérpretes. O primeiro desafio partiu de Mísia. Desde então, já escreveu para Mafalda Arnauth, Ana Moura, Gaiteiros de Lisboa, Navegante, Cristina Branco, Hélder Moutinho e Ana Lains, Vozes Búlgaras, Uxia, Elena Ledda, Ester Formosa, entre outros. E nunca mais tocou nessas canções. Pelo menos até ao final do ano passado, quando resolveu concretizar este espectáculo. Em 1 Autora, 202 Canções, Amélia Muge recupera para a sua voz alguns desses temas, já cantados e registados por outros. Como se lhe estivessem a dar uma segunda oportunidade para os poder cantar. A responsabilidade dos novos arranjos para estas canções ficou a cargo de António José Martins (teclas e percussão), José Manuel David (sopros, teclados e percussão) e Filipe Raposo (piano e teclados). A estes, ao vivo, junta-se Catarina Anecleto (violoncelo) e Johannes Kriegger (trompete e fliscorne).

Para além da música, Amélia Muge envolveu-se em projectos de desenvolvimento local, teatro e cinema de animação, eventos multimédia e alargou o seu olhar até ao desenho ou à literatura. Como intérprete já participou nos trabalhos de Fausto, José Mário Branco, Júlio Pereira ou João Afonso. E Sérgio Godinho já compôs para poemas seus.

Presença assídua nas tradicionais listas de final de ano com que a imprensa gosta de distinguir os melhores trabalhos discográficos, Amélia Muge já foi mencionada nas listas do Público, Diário de Notícias, Blitz ou Expresso. O álbum Todos os Dias foi mesmo incluído nos «100 Melhores Álbuns de Sempre da Música Portuguesa», uma selecção e edição do Público.

202 corresponde ao número de músicas que Amélia Muge tem registadas na SPA (Sociedade Portuguesa de Autores), interpretadas por ela própria e por muitos outros intérpretes, na música e no teatro. Nacionais e estrangeiros.

A este concerto chama Amélia 'um conjunto de canções que se dão muito bem juntas'. Mas ele é, mais do que isso, prova de que a veia criativa de Amélia Muge continua aberta aos melhores sons do mundo. Que assim continue – Nuno Pacheco, in Público

Amélia não faz música – ela faz 'música'. E não, não é um trocadilho fácil. Há mesmo uma profundíssima originalidade no seu trabalho, o que pode afastar muitos, conforta como poucos os sentidos de quem realmente a aprecia e vê nela a única verdadeira herdeira do espírito errante de José Afonso. João Miguel Tavares, in Time Out Lisboa

Jul

12 Dom 12:00

SALA SUGGIA | Entrada livre

Festival Uma Casa Portuguesa

**BANDA SINFÓNICA PORTUGUESA**

Jorge Salgueiro, Luís Cardoso, Luís Carvalho direcção musical

Quarteto de Saxofones do Porto

Sérgio Carolino tuba

Mário Marques saxofone tenor

Jorge Salgueiro Concerto para quarteto de saxofones, op.160\*

(Direcção musical: Jorge Salgueiro)

Luís Cardoso Concerto para tuba e saxofone tenor\*

(Direcção musical: Luís Cardoso)

Joly Braga Santos (arr. José Ferreira de Brito) Variações Sinfónicas

(Direcção musical: Luís Carvalho)

Luís Carvalho Fantastic Variations\* (Direcção musical: Luís Carvalho)

\*Estreias mundiais

**BANDA SINFÓNICA PORTUGUESA**

Maestro Francisco Ferreira antecipa mais um concerto da Banda Sinfónica Portuguesa na Sala Suggia

## “HÁ POUCAS ORQUESTRAS PARA A QUANTIDADE DE BONS MÚSICOS QUE TEMOS”

Criada no final de 2004, no Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa (BSP) é um projecto musical multifacetado composto por cerca de 60 instrumentistas de sopro e percussão, violinos e contrabaixos, com uma média de 24 anos.

A estreia ao vivo aconteceu no dia 01 de Janeiro de 2005 no grande auditório do Teatro Rivoli do Porto, onde a BSP gravou o seu primeiro CD, com o apoio da Culturporto. Dois anos depois, o grupo foi convidado pela Fundação Casa da Música a apresentar-se na Sala Guilhermina Suggia, onde tem vindo, desde então, a interpretar um conjunto de obras originais de compositores de renome mundial, em estreia nacional.

Para além de Portugal, a BSP actua várias vezes em Espanha, país onde obteve, em Abril de 2008, o 1.º Prémio na 1.ª secção do II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia realizado na Catalunha.

Dirigida pelo Maestro Francisco Ferreira – natural de Brest (França) e diplomado em Saxofone pela Escola Superior de Música de Lisboa e pelos Conservatórios de Música do Porto e de Limoges (França) com as mais altas classificações – a BSP convida com regularidade outros maestros, dando a oportunidade ao também saxofonista Francisco Ferreira de tocar o seu instrumento de eleição. E as reacções têm sido as melhores. Recorde-se a prestação dos Maestros Jan Cober e Douglas Bostock, que consideraram a BSP um projecto extraordinário e de uma riqueza cultural enorme para Portugal. Em conversa com a Casa da Música, o Maestro Francisco Ferreira antecipou parte do repertório a interpretar que, para além das obras de Luís Carvalho, Luís Cardoso e Jorge Salgueiro a estrear mundialmente, vai recuperar peças de Carlos Marques, Silva Marques, Samuel Pascal e Manuel Ribeiro da Silva.

A Banda Sinfónica Portuguesa tem na Casa da Música um palco privilegiado. No concerto de dia 12 de Julho vão interpretar três obras em estreia mundial. O que podemos esperar?

Desde que Pedro Burmester, então director artístico, nos convidou para fazer um ciclo de concertos ao meio-dia, temos ido com frequência à Casa da Música, mas sempre com repertório diferente. Nunca repetimos uma obra e algumas delas são apresentadas em estreia nacional. Desta vez, dia 12 de Julho, vamos estrear mundialmente obras de Luís Carvalho (professor de clarine e compositor natural do Porto), Luís Cardoso (compôs uma obra para tuba e saxofone tenor) e Jorge Salgueiro (compôs para saxofones e banda, em homenagem ao quarteto de saxofones do Porto).

Em Portugal temos um repertório vasto que vos permita mudar com regularidade os alinhamentos?

No que concerne ao repertório para banda, em Portugal existe muita coisa escrita, mas para bandas filarmónicas, formações destinadas a tocar em festas e romarias que não têm a preocupação de tornar os musicais chamativos para quem os ouve. O mesmo não acontece com uma banda sinfónica quando se apresenta numa sala de espectáculos, onde há silêncio. Em Portugal, os compositores que escrevem para bandas filarmónicas têm linhas musicais muito interessantes, mas a instrumentação nem sempre é a melhor porque não está bem distribuída. No entanto, a mentalidade está a mudar e, se calhar, daqui a uns anos alguns compositores vão recuperar as composições de colegas antigos e fazer uma reinstrumentação. Acho que pode ter um efeito bastante interessante.

Como se processa a selecção dos temas a interpretar em cada concerto?

Os concertos que fazemos na Casa da Música têm sempre um tema. E a partir daí procuramos as peças. Em Setembro, por exemplo, vamos apresentar um alinhamento dedicado ao Brasil – que é o País convidado este ano da Casa da Música. Já para o

espectáculo de Julho, que é o que estamos a antecipar, elegemos como prioridade a música portuguesa. Desafiamos jovens compositores a escreverem para banda sinfónica e, com isto, pretendemos promovê-los dando-lhes uma oportunidade de se mostrarem nacional e internacionalmente. Nos últimos cinco anos, os nossos concertos basearam-se, essencialmente, em obras estrangeiras e não é por falta de vontade de interpretar autores nacionais. Em Portugal existe a tradição das bandas filarmónicas, cujo repertório não podemos adaptar à nossa formação. Antigamente as bandas filarmónicas, por exemplo, não tinham oboés ou trompas de harmonia. Eram bandas que viviam essencialmente dos trompetes, dos saxofones, dos trombones, das tubas e da percussão. Algo extremamente reduzido...

Formaram-se no final de 2004. Como tem visto a evolução da Banda Sinfónica Portuguesa nestes cinco anos?

Notamos que o leque de instrumentistas tem aumentado, principalmente, nos sopros e na percussão. Temos músicos de nível extraordinário que não ficam nada a dever aos estrangeiros. Por exemplo, nos últimos concursos da Orquestra Nacional do Porto para requisição de músicos, os lugares para sopros foram todos ocupados por músicos portugueses. E muitos da zona Norte. Infelizmente, em Portugal, temos poucas orquestras para a quantidade de bons músicos que existem. E é pena que não existam mais orquestras. As pessoas que participam no projecto da Banda Sinfónica fazem-no de alma e coração, porque as oportunidades que temos são muito poucas.

O trabalho de formação que têm vindo a desenvolver também é muito importante.

Temos todas as condições para termos músicos de excelência em Portugal. Recentemente convidámos dois maestros de reputação internacional – o inglês Douglas Bostock, que dirige a conceituada orquestra Tokyo Kosey Wind e o holandês Jan Cober – e eles ficaram estupefactos com a qualidade e profissionalismo dos nossos músicos. Disseram-nos que éramos um projecto com nível internacional. E não tenho dúvidas disso.

Para além de maestro também é diplomado em saxofone. Em que posição se sente melhor?

Já dirijo há muitos anos e tenho-me dedicado muito mais desde que peguei no projecto da BSP. Sinto-me realizado com os concertos que temos feito pelo país, assim como quando toco ao lado dos meus colegas, na banda. Obviamente que todos nós gostaríamos de tocar mais e fazer mais concertos a solo, mas em Portugal não é possível a toda a gente sobreviver só dos concertos. A maior parte tem de dar aulas e eu também o faço com muito prazer no Conservatório de Música do Porto, na Escola Profissional de Espinho e na Academia de Música de Costa Cabral. Mas é provável que passe a dedicar-me cada vez mais à BSP.

Em cinco anos de existência quais têm sido as principais dificuldades que este projecto, único em Portugal, tem enfrentado?

Se quisermos tornar a nossa actividade mais profissional temos de fazer um trabalho mais regular, semanal. Poder ter músicos a dedicarem parte do seu trabalho à BSP exige um orçamento elevado. Somos cerca de 60 músicos actualmente. O apoio da Casa da Música tem sido importantíssimo, é um palco bastante privilegiado para nos mostrarmos. Mas temos uma grande lacuna e estamos à espera do apoio da Câmara Municipal do Porto porque precisamos de um espaço para podermos trabalhar com regularidade. Esse trabalho tem acontecido essencialmente na Casa da Música, mas nem sempre é fácil porque eles têm os espaços ocupados com os seus projectos. A ver se dia 01 de Janeiro de 2010 podemos festejar o 5.º aniversário da BSP com a inauguração do desejado espaço... Prometido para esse dia fica já a apresentação de

dois CD's que vamos gravar em Agosto: um dedicado a alguns solistas portugueses e outro com obras para banda.

Jul  
12 Dom 22:00  
PRAÇA|10 €  
Festival Uma Casa Portuguesa  
**RENATA ROSA**  
**GALANDUM GALUNDAINA**

### **GALANDUM GALUNDAINA**

Galandum Galundaina preparam terceiro disco  
**DE MIRANDA DO DOURO PARA O MUNDO**

Com o objectivo de recolher, investigar e divulgar o património musical, as danças e língua das Terras de Miranda, nasceram, em 1996, os Galandum Galundaina. Desde então, o grupo de música tradicional mirandesa tem feito a ligação entre a antiga geração de músicos e os mais jovens, assegurando a continuidade da tradição musical desta terra que, durante anos, correu o risco de se perder.

Os elementos do grupo nasceram e cresceram nas Terras de Miranda (Fonte de Aldeia e Sendim), onde adquiriram conhecimento directo da música que interpretam através do ambiente familiar e do convívio com os velhos gaiteiros.

A par desta vivência tradicional, todos os elementos têm formação académica na área da música. Os instrumentos usados – gaitas-de-foles mirandesas, flauta pastoril, sanfona, caixa de guerra, conchas de Santiago, castanholas, pandeireta – são réplicas de outros muito antigos, mantendo o aspecto e a sonoridade dos mesmos. Além da música instrumental, os Galandum Galundaina apresentam um repertório de música com vozes, reproduzindo fielmente as melodias tradicionais, enriquecidas com timbres, ritmos e harmonias capazes de criar emoção e alguma modernidade.

Juntos, Paulo Meirinhos (voz, bombo, gaitas-de-foles galega, percussões tradicionais), Paulo Preto (voz, gaitas-de-foles mirandesa, sanfona, flauta pastoril e tamboril), Alexandre Meirinhos (voz, caixa de guerra, percussões tradicionais) e Manuel Meirinhos (voz, percussões tradicionais, flauta pastoril e tamboril) estão a gravar o sucessor de L Purmeiro [O Primeiro em Mirandês] (2002) e Modas i Anzonas (2005) e, no concerto na Casa da Música, esperam-se novidades.

13 anos de carreira com uma profunda ligação à história de Miranda do Douro, um dos locais mais singulares de Portugal - não só pelo espaço geográfico que ocupa, mas também pela cultura muito própria desenvolvida por tal isolamento.

Presença habitual em eventos de música tradicional, os Galandum Galundaina já actuaram na Expo 98, no festival Intercéltico e Folk (Porto, Sendim, Segóvia, Salamanca...), no Festival Sete Sóis Sete Luas na Ilha da Madeira, no Festival CIOFF em Cuba, entre outros.

"Música quelossal pertuesa. Bénen de terras de Miranda. Ye mais que música pertuesa. Ye la fetura raíç dun pobo. Bordai a ouro este nome na bossa memória fixa" - João Bonifácio in Y, Público

## RENATA ROSA

Cantora brasileira faz pausa na tour por França para se estrear ao vivo em Portugal

### RENATA ROSA TRAZ SONS E TONS NORDESTINOS

Representante da nova geração de cantadeiras e compositoras de Pernambuco, para onde se mudou há nove anos, Renata Rosa vive mergulhada no contexto poético musical da Zona da Mata Norte Pernambucana e do Baixo São Francisco Alagoano. Entre os sinuosos cantos caboclos do catolicismo popular, do samba de coco, dos rojões de roça, das polifonias vocais indígenas, das brincadeiras de maracatu-rural e do cavalo-marinho, a cantora-compositora-actriz tem vindo a desenvolver um trabalho notável com músicos do interior e da capital de Pernambuco. E o que encontramos no álbum de estreia, *Zunido da Mata* (2003), é disso um bom exemplo. Consagrado na Europa, este registo valeu a Renata Rosa o prémio Choc de L'Année (Melhor Disco do Ano), concedido pela revista mensal *Le Monde de la Musique*, em 2004. Foi a primeira vez na história do Brasil que um CD de um artista brasileiro recebeu o mais importante prémio da world music em França.

Natural de Brás, em São Paulo, mas com alma nordestina, a sua voz tem uma relação directa com as vozes femininas das muitas tradições da região de Pernambuco, especialmente o coco, o que faz dela uma das mais peculiares cantoras do momento. Além de cantar, toca rabeca (o violino rural brasileiro) e percussão e em *Zunido da Mata* apresenta um repertório de canções resultante da pesquisa de cultura tradicional de Alagoas e Pernambuco que tanto a fascina.

Com bastantes seguidores em França e Inglaterra, o espectáculo de Renata Rosa foi alvo de um programa da BBC inglesa. No Brasil, foi convidada para ser a protagonista da mini-série *A Pedra do Reino*, de Luiz Fernando Carvalho (TV Globo, 2007), para a qual também compôs e dirigiu os coros. Um projecto que teve bastante influência na preparação do segundo álbum da cantora, *Manto dos Sonhos*. Seduzida pela personagem Maria Safira, na versão global da obra de Ariano Suassuna, Renata Rosa afirmou que foi um projecto “algo denso, que me transformou”.

*Manto dos Sonhos* contou com produção de António Pinto (produtor e autor das bandas sonoras de *Central do Brasil*, *Cidade de Deus*, *Abril Despedaçado*, *Amor nos Tempos de Cólera*) e direcção musical da própria.

Na estreia em Portugal, a convite da Casa da Música, Renata Rosa vai fazer-se acompanhar por Pepê (viola nordestina, violão de sete cordas e bandola), Lucas dos Prazeres, Ana Araújo (percussão) e Hugo Linns (baixo).

Para além do Nordeste brasileiro, a cantora é influenciada pela música indiana, árabe, ibérica, cigana e indígena. Refira-se que Renata Rosa é das poucas mulheres a tocar rabeca, instrumento que aprendeu com o mestre Luís Paixão em 1998, e pelo qual se apaixonou aos 17 anos, quando começou a conviver e desvendar alguns dos segredos dos índios da tribo Kariri-Xocó.

Esta bela cantora incorporou os ritmos populares para criar um novo som, que passa a energia do transe e que conserva uma incrível força de comunhão festiva – in *Le Monde*

Jul

23 Qui 22:00

SALA SUGGIA | 10 €

Festival Uma Casa Portuguesa

RICARDO PARREIRA

ANTÓNIO ZAMBUJO

## Ricardo Parreira

Ricardo Parreira estreia novo conceito antes da edição em disco  
[A MÚSICA POPULAR VISTA PELA GUITARRA PORTUGUESA](#)

Depois da homenagem ao mestre da viola Fernando Alvim, Ricardo Parreira regressa à Casa da Música com um espectáculo especial que se divide em duas partes, como explica: “O primeiro momento consiste numa homenagem ao disco Com que Voz de Amália Rodrigues, que faz parte da minha vida enquanto músico. Convidei a Micaela Vaz e o Marco Oliveira para darem voz a este pequeno tributo à grande diva. Depois, na segunda parte do concerto, vou interpretar alguns temas da música popular portuguesa, com o Joaquim Teles (percussão), o Marco (guitarra clássica), o Yami (baixo) e a Micaela (Voz)”. O desafio de recuperar clássicos populares partiu de Helder Moutinho e vai resultar na edição de um novo registo, previsto para Setembro. Do alinhamento fazem parte temas ligados à música portuguesa de antigos e novos compositores como José Nunes, Martinho da Assunção, Carlos Paredes, Helder Moutinho, Marco Oliveira e Yami.

Com apenas 21 anos, o guitarrista português tem vindo a conquistar a admiração de todos com quem tem partilhado o palco e a sua mestria interpretativa. E assim pretende manter-se: “Tenho o objectivo de continuar a fazer música, de preferência com amigos, como tenho feito até agora”. No rasto de Carlos Paredes, José Nunes, Francisco Carvalhinho ou Armandinho, Ricardo Parreira iniciou os estudos de Guitarra Portuguesa com apenas sete anos e aos 13 acompanhou pela primeira vez a fadista Argentina Santos sendo, conseqüentemente, convidado a participar no Festival Um Porto de Fado, realizado no âmbito da Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura. Filho de um dos mais conceituados guitarristas de fado, António Parreira, Ricardo estreou-se a solo em 2007 com Nas Veias De Uma Guitarra, um tributo ao violista Fernando Alvim – que durante mais de vinte anos acompanhou Carlos Paredes – e que participa neste trabalho discográfico em 11 temas.

Eleito o guitarrista de alguns dos fadistas mais importantes do panorama actual, como Camané, Mísia, Mafalda Arnauth ou Argentina Santos, Ricardo Parreira acumula, ainda, o papel de director musical do último disco de Helder Moutinho, Que Fado É Este Que Trago. “Foi uma experiência fantástica. Trabalhar com o Helder é como tirar um curso intensivo de fado e bom gosto musical (ao nível de acompanhamentos e interpretação). Este disco viveu do trabalho de pessoas muito interessantes e largamente dotadas de uma sensibilidade muito fora da média”, recorda. Apesar da diferença de idades, a amizade nasceu cedo e o seu crescimento tem sido feito lado a lado. A afinidade musical entre os dois é notável e uma mais-valia nesta constante troca de emoções e experiências.

Dividido entre as inúmeras solicitações dos grandes fadistas e a sua carreira a solo, Ricardo Parreira conclui: “Sinto-me muito bem nos dois lados do rio. Gosto muito de tocar, mas também gosto de arriscar e a solo tento mostrar a minha música e as minhas ideias”.

Helder Moutinho fala de Ricardo Parreira, seu guitarrista e director musical  
“O Ricardo é a pessoa com quem mais me identifico”

“Conheço o Ricardo desde os sete anos. Encontrava-o muitas vezes na casa de fados onde a mãe trabalhava. Lembro-me de o ver, aos 11 anos, com uma guitarrinha a aprender a tocar. E na primeira vez que fiz direcção musical, na Mesa de Frades, encontrei-o a tocar e, desde então, tenho-o visto crescer. Recordo-me que lhe costumava dizer que haviam de ser os fadistas a ensinar-lhe o que um fadista precisa

para ser acompanhado, e não um outro guitarrista. E ele respondia-me que o pai, o grande António Parreira, já lhe tinha dito o mesmo. Partilhámos algumas vezes o palco e hoje é a pessoa com quem mais me identifico, portanto a direcção musical deste disco só podia ser entregue a ele. O Ricardo é altamente competente e tem uma sensibilidade acima da média”.

### **ANTÓNIO ZAMBUJO**

Para além de Outro Sentido, António Zambujo antecipa temas do próximo álbum

### **“A MÚSICA TEM DE SER TRANSFORMADA SENÃO ACABA POR MORRER”**

“O que se ouve em Zambujo é algo que vai mais fundo. É um jovem cantor de fado que, intensificando mais a tradição do que muitos de seus contemporâneos, faz pensar em João Gilberto e em tudo o que veio à música brasileira por causa dele”, escreve Caetano Veloso no seu blog *Obra em Progresso*

([www.obraemprogresso.com.br/tag/antonio-zambujo/](http://www.obraemprogresso.com.br/tag/antonio-zambujo/)). E continua: “Ouvir o CD do António Zambujo prendeu-me à necessidade de ouvir de novo, de novo e de novo. É a língua portuguesa. É a história do fado. É o facto de eu ter sempre só gostado de cantoras de fado, nunca verdadeiramente de cantores”. Um post escrito de manhã bem cedo, no final de Outubro do ano passado, depois de uma noite pouco descansada e antes do filho adolescente ir para a escola, que despertou a atenção de ainda mais brasileiros para António Zambujo. “Admiro os fadistas homens, mas nunca cheguei a amar-lhes o canto. Fado para mim era cantado por mulher. Desde Ester de Abreu, da minha infância, até Mariza: mulheres, sempre mulheres. Não é que o Zambujo me pegou de jeito? Há nele dois elementos que – para além do prazer imediato de se ouvir uma voz naturalmente musical e relaxada – compõem para mim um grande passo: que seja um homem a cantar fado tão lindamente – e que o diálogo com a música brasileira se apresente tão orgânico, já não-pensado, já resultante de forças históricas que se vêm expandindo há décadas”, expõe recordando referências da música portuguesa e mostrando-se familiarizado com Maria da Fé, Argentina Santos, Mísia, Teresa Salgueiro e Dulce Pontes. Entre os cerca de 300 comentários ao post de Caetano Veloso, pode ler-se que a música de António Zambujo é “um achado para orelhas” e há quem defina *Outro Sentido* como “disco apaixonante”.

Paralelamente na Europa, mais propriamente em França, *Outro Sentido* ocupa o terceiro lugar de vendas da Fnac Paris e é considerado um dos 10 melhores de 2008 pelo jornal de referência *Libération*. Um pouco mais acima, em Inglaterra, o terceiro álbum de António Zambujo foi distinguido como um dos melhores na world music no «Top of The World Album» da revista *SongLines*.

Por cá, continuam as raízes deste jovem fadista de 33 anos. Natural de Beja, Alentejo, António Zambujo começou a estudar clarinete na Academia de Beja com oito anos e rapidamente se juntou a um grupo de cantares. Apaixonou-se cedo pelo fado de Amália Rodrigues, Maria Teresa de Noronha, Alfredo Marceneiro, João Ferreira Rosa, Max, entre outros. Cantava entre família e amigos e aos dezasseis anos ganhou um concurso de fado local.

Finalizados os estudos de clarinete, mudou-se para Lisboa. Mário Pacheco, reconhecido intérprete e compositor de guitarra portuguesa, incluiu-o no elenco do seu prestigioso Clube do Fado, no bairro de Alfama. Pouco depois, realizou os testes para o musical *Amália*, dirigido por Filipe La Féria, onde interpretou o papel de Francisco Cruz, o primeiro marido de Amália. A obra esteve em cartaz durante quatro anos em Lisboa, para depois percorrer o país. Com este papel, António Zambujo obteve um grande carinho por parte do público, além de adquirir larga experiência e disciplina.

Em 2002 a sua vida toma um novo rumo com a edição do seu primeiro disco em nome próprio, O Mesmo Fado, onde as influências musicais do Alentejo são marcantes e lhe valeram o prémio de “Melhor Nova Voz do Fado” atribuído pela Rádio Nova FM. Dois anos mais tarde lança Por Meu Cante, onde aprofunda as suas raízes alentejanas, recuperando temas do cancioneiro da região e fundindo-os com as novas tendências do fado. Em 2006 é-lhe atribuído o prémio Amália Rodrigues na categoria de “Melhor Intérprete Masculino de Fado”. Nacional e internacionalmente as digressões intensificam-se e, no final de 2007, lança o seu terceiro álbum Outro Sentido, apontando outras direcções para a sua música. Editado recentemente no Brasil, este disco conta com mais três faixas onde podemos ouvir as participações de Roberta Sá e Trio Madeira Brasil, de Zé Renato e de Ivan Lins. É este o trabalho que António Zambujo (voz e guitarra) vem apresentar na Casa da Música, ao lado de Paulo Parreira (guitarra portuguesa), Ricardo Cruz (viola baixo e contrabaixo) e do músico convidado José Conde (clarinete).

Vai estrear-se na Casa da Música com Outro Sentido. Este disco foi editado há dois anos, já tem temas novos para apresentar? Este concerto vem no seguimento do que temos vindo a fazer desde a edição do disco. Será um concerto baseado nos temas do Outro Sentido, onde também recuperámos músicas de discos anteriores e apresentamos temas que não foram gravados. Gostamos de testar as músicas novas ao vivo para ver a reacção do público e para lhes dar rodagem. Assim, quando chegarmos ao estúdio, os temas têm mais sustentabilidade. Prevemos editar em meados de Abril de 2010.

A maioria das críticas ao seu trabalho realça o facto de ser um homem fadista e de isso ser uma agradável surpresa. Por exemplo, o Caetano Veloso escreveu que o António o “pegou de jeito”. Isso acontece um pouco por todo o mundo e é natural. A maior referência das pessoas é Amália Rodrigues e, recentemente, a Mariza. Ainda hoje, no Japão, é impensável um homem cantar fado. Isto acontece um pouco por “culpa” do sucesso que elas tiveram.

O Brasil não é um país, por tradição, adepto de fado. Os nossos fadistas viajam mais pela Europa e EUA. O António chegou lá e tem estabelecido várias parcerias com músicos brasileiros estando cada vez mais presente naquele mercado. Como se dá esta sinergia? A música brasileira é a minha principal referência e há cantores que são grandes influências a nível estético. Sou seguidor do João Gilberto, do Caetano Veloso (o cantor que mais me impressiona), do Chico Buarque, do Tom Jobim e do Vinicius de Moraes. Como tal, é natural que isso se reflecta cada vez mais nos meus discos, na minha forma de estar, de cantar e de tocar. Nós somos o reflexo daquilo que ouvimos. Sem qualquer pretensão, este disco foi feito com temas antigos da música popular brasileira, como Lábios que Beije que só tinha sido gravado por um cantor popular, Orlando Silva, e mais tarde pelo Caetano Veloso no disco Fina Estampa. Felizmente, as músicas que cantei tiveram repercussão no Brasil. Eles ouviram, gostaram e a partir daí quiseram conhecer melhor o meu trabalho. Entretanto já fui lá gravar e eles vieram a Lisboa conversar comigo, como o Ivan Lins, a Maria Gabriella, a Roberta Sá e alguns produtores. Esta ligação tem-se estreitado e para o próximo disco já estamos a pensar fazer uma coisa do género, mas com mais temas originais de autores e compositores brasileiros da nova geração, como o Marcelo Camelo, o Rodrigo Maranhão e até mesmo o Ivan Lins, intercalando-os com alguns autores portugueses que não tenham ligações com o fado ou com a música brasileira. Como o José Luís Peixoto, o JP Simões ou a Amélia Muge.... Vai ser engraçado!

Esta é mais uma prova de que o fado não é o que foi, mas o que se pode fazer dele...

Exactamente! Por vezes é complicado lidar com isso porque os puristas querem fechar o fado que se fez nos anos 50 num cofre onde ninguém pode mexer. O que é impensável. A música tem de ser transformada, senão acaba por morrer. Convém lembrar que os cantores que eles idolatram agora, a Amália Rodrigues e o Alfredo Marceneiro, também foram revolucionários no seu tempo. Eles mudaram o que já existia. Portanto o que eles fizeram na altura é o que nós estamos a fazer agora.

Seis anos depois da sua estreia em disco, quando olha para trás, qual o balanço que faz?

Vejo que as coisas aconteceram porque tinham que acontecer. Não sou saudosista, nem gosto de olhar para trás para ver o que já foi feito. Prefiro olhar para a frente e ver que é isto que quero fazer. Qual o caminho que quero para mim enquanto músico e espero que o público entenda porque é fundamental - precisamos dele para sobreviver.

O que se ouve em Zambujo é algo que vai mais fundo. É um jovem cantor de fado que, intensificando mais a tradição do que muitos de seus contemporâneos, faz pensar em João Gilberto e em tudo que veio à música brasileira por causa dele. Caetano Veloso

A música brasileira é a minha principal referência e há cantores que são grandes influências a nível estético. Sou seguidor do João Gilberto, do Caetano Veloso (o cantor que mais me impressiona), do Chico Buarque, do Tom Jobim e do Vinicius de Moraes. Como tal, é natural que isso se reflecta cada vez mais nos meus discos, na minha forma de estar, de cantar e de tocar. Nós somos o reflexo daquilo que ouvimos.

Os puristas querem fechar o fado que se fez nos anos 50 num cofre onde ninguém pode mexer. O que é impensável. A música tem de ser transformada senão acaba por morrer. Convém lembrar que os cantores que eles idolatram agora, a Amália Rodrigues e o Alfredo Marceneiro, também foram revolucionários no seu tempo. Eles mudaram o que já existia. Portanto o que eles fizeram na altura é o que nós estamos a fazer agora.

## **MÁRIO LAGINHA E BERNARDO SASSETTI**

Jul

25 Sáb 22:00

SALA SUGGIA | 15 €

[CICLO PIANO] [JAZZ]

Festival Uma Casa Portuguesa

**MÁRIO LAGINHA E BERNARDO SASSETTI** piano

Trago Fado nos Sentidos

Casa da Música encomenda homenagem a Amália Rodrigues aos pianistas Mário Laginha e Bernardo Sassetti

**"A AMÁLIA ENSINOU-NOS A OUVIR CANTAR PORTUGAL "**

A duas ou quatro mãos, a solo ou em duo, Mário Laginha e Bernardo Sassetti têm-se revelado compositores e intérpretes exímios capazes de traduzir uma linguagem nem sempre acessível, como a da música clássica ou do jazz, em algo bastante sedutor que nos prende a atenção e nos faz descobrir universos até então nunca visitados. Com

simplicidade e mestria, abordam grandes compositores dando-lhes nova vida, ao mesmo tempo que se impõem como autores.

Em palco, os pianos estão de costas voltadas, mas os olhares de Mário Laginha e Bernardo Sassetti cruzam-se, frente-a-frente, com cumplicidade. Uma amizade que conta já com 10 anos de partilha e improviso capazes de surpreender o público que, quando assiste a um concerto do duo, sabe que a qualquer momento pode presenciar algo único.

Com extrema sensibilidade e muito sentido de humor à mistura, os pianistas descobriram que, a par da sua carreira a solo, é possível alcançarem juntos novas afinidades e o sentido colectivo tem criado um novo terreno musical para ambos - é o que têm vindo a explorar há dez anos.

Apesar dos estilos distintos, e das diferentes influências, Mário Laginha e Bernardo Sassetti complementam-se e é isso que os estimula e incentiva a continuar. Duas personalidades fortes que defendem a liberdade de pensamento e expressão acima de tudo. Mentis abertas às outras músicas, à música no seu todo.

Depois do álbum homónimo editado em 2003, a dupla lançou Grândolas em 2004, aquando da comemoração dos 30 anos do 25 de Abril. Uma encomenda estreada na Festa do Avante onde os pianistas gravaram as seis possíveis “senhas” da revolução e mais quatro temas ligados a esta época histórica. Em conversa com a Casa da Música, Bernardo Sassetti confirmou que o projecto Grândolas tem evoluído em palco, ao longo dos anos: “Cada actuação traz elementos novos à nossa interpretação e é isso que desejamos fazer com o génio de Amália”.

No regresso à Casa da Música, Mário Laginha e Bernardo Sassetti vão homenagear Amália Rodrigues. Para marcar o 10.º aniversário do desaparecimento da fadista, a Casa da Música encomendou à dupla de pianistas um espectáculo que se antevê especial, como explica Bernardo Sassetti em entrevista.

Foram convidados pela Casa da Música a homenagear Amália Rodrigues. O que estão a preparar para marcar os 10 anos do seu desaparecimento? Vamos trabalhar a partir de uma série de canções celebrizadas por Amália, sobretudo aquelas que marcaram a história da música portuguesa de forma inquestionável - as que nasceram da extraordinária viagem musical que Amália fez com o Alain Oulmain\*. Além disto, também pretendemos homenagear o lado genuinamente português que caracteriza a voz de Amália e para isso vamos apresentar duas peças originais, uma minha e outra do Mário.

Do vasto repertório, como seleccionaram os temas a interpretar?

A única linha condutora é o nosso gosto pessoal que, tanto eu como o Mário, temos relativamente a cada uma das canções. Gostávamos que este trabalho fosse de liberdade interpretativa absoluta, criando arranjos e caminhos improvisados que caracterizam o nosso projecto há 10 anos.

Não é a primeira vez que respondem a encomendas. A última levou-vos a trabalharem o repertório de Zeca Afonso, um pedido de Ruben de Carvalho (deputado do PCP e membro da comissão organizadora da Festa do Avante). Como trabalham estas encomendas, individualmente ou juntos?

Primeiro conversamos sobre o tema em questão e depois trabalhamos, individualmente, nos arranjos e na composição original do projecto. Por fim, juntamo-nos para ensaiar as peças até chegarmos a um alinhamento definitivo... ou quase. O improviso no momento, ao vivo, também define os caminhos das músicas escolhidas. Ou seja, nem tudo pode ser definido durante a concepção do concerto. Existe muito espaço para os imprevistos, o que ainda nos estimula mais.

O que é mais gratificante: compor originais, sem nenhum ponto de partida que vos limite a criação, ou dar resposta a desafios como este da Casa da Música, com um tema a partir do qual terão de trabalhar? Nos dois casos o que fazemos é muito gratificante. Estes desafios estimulam a procura de novos caminhos, o que é francamente interessante. Mas o maior desafio é o imenso desejo de voltar à Casa da Música com uma música de raiz portuguesa. É muito bom pensar que vamos voltar com um projecto original a uma sala de espectáculos que elogia e desafia a música e, em última análise, os compositores e os intérpretes portugueses.

Tem sido, portanto, gratificante dar resposta a estes desafios. Que imagem tem da Casa da Música?

Sempre que vamos aí é fantástico! A Casa da Música acolhe-nos sempre com sincero respeito, profissionalismo e muita vontade de continuar a criar novos projectos. É uma casa de músicos e uma referência incontornável no panorama artístico/cultural europeu. Temos recebido um feedback muito positivo sobre a Casa da Música em qualquer canto do mundo por onde temos tocado.

Qual a maior dificuldade que se pode encontrar num trabalho destes, de homenagem a referências incontornáveis da música portuguesa? Sem dúvida, a responsabilidade de fazermos um bom concerto e, neste caso particular, de podermos divulgar da melhor maneira a grande Senhora que foi Amália.

Aceitar homenagear Amália Rodrigues implica conhecimento do vasto repertório da cantora. Como a recordam?

A Amália era uma senhora extraordinária, uma força da natureza, inesgotável de consideração e de comunicação com os outros. Ela ensinou-nos a ouvir cantar Portugal. Abriu muitos caminhos na nova música portuguesa e com ela aprendemos a essência da expressão, o respeito pelas palavras e pelo silêncio em música. Na sua voz ouve-se o respirar português. É um caso fora do comum de dignidade e presença artísticas.

Seis anos volvidos sobre a edição do primeiro disco, prevêem gravar um novo trabalho de originais a quatro mãos?

Estamos a trabalhar nisso com o desejo de voltarmos com novo repertório e, nunca é demais dizê-lo, com maior liberdade de expressão.

O que pode o público esperar do vosso concerto dia 25 de Julho?

A nossa total entrega a este novo projecto, o nosso respeito e genuína admiração por Amália – ou tão genuína quanto a própria Amália. Será, com certeza, um concerto de enorme partilha com o público, um elogio à identidade da música portuguesa.

\*Responsável por muitos dos grandes sucessos de Amália Rodrigues. Depois de conhecer Alain Oulman, em 1962, assinalou-se uma viragem na carreira da fadista. Este compositor levou Amália Rodrigues a cantar poetas que até então não cabiam no fado clássico. A compreensão entre ambos era tão intensa que Alain Oulman nunca deixou de escrever música para Amália.

A Amália Rodrigues era uma senhora extraordinária, uma força da natureza, inesgotável de consideração e de comunicação com os outros. Ela ensinou-nos a ouvir cantar Portugal. Abriu muitos caminhos na nova música portuguesa e com ela aprendemos a essência da expressão, o respeito pelas palavras e pelo silêncio em música. Na sua voz ouve-se o respirar português. É um caso fora do comum de dignidade e presença artísticas – Bernardo Sasseti

Jul  
26 Dom 22:00  
PRAÇA | 10 €  
Festival Uma Casa Portuguesa  
**CRISTINA BRANCO**  
**HÉLDER MOUTINHO**

### **CRISTINA BRANCO**

Conceituados autores portugueses escreveram sobre o Tempo e Cristina Branco canta-os no mais recente Kronos

#### **"HONRA-ME O CARIMBO DE FADISTA, MAS NÃO SEI SE O MEREÇO"**

É comum ouvir-se dizer que o tempo é o que cada um faz com ele. Tema recorrente nas conversas do dia-a-dia, o tempo, ou a falta dele, é uma das consequências da velocidade vertiginosa a que vive a sociedade de hoje. Indicativo de intervalos ou períodos de duração da nossa vida, o tempo é o mesmo para todos, diferindo apenas a forma como cada um escolhe vivê-lo.

O tempo. Este foi o tema escolhido por Cristina Branco, uma das vozes mais cativantes e sedutoras de Portugal, para o seu novo álbum, Kronos, que teremos oportunidade de ouvir na Casa da Música. E, a avaliar pelo seu percurso, podemos dizer que a cantora natural do Ribatejo vive o seu tempo de forma intensa. Em 12 anos de carreira, editou 10 álbuns e multiplicou-se em digressões pelo mundo.

Já apresentado em França, Bélgica, Holanda, Áustria, Alemanha e Suíça, Kronos é um álbum constituído por canções inéditas da autoria de diferentes criadores, unidos por um traço comum: todos têm percursos desenhados ao longo de muitos anos, com contributos extraordinários na afirmação de um cancionero português de qualidade. O décimo disco de uma longa carreira iniciada em Amesterdão, Holanda, em 1996, que sucede a dois trabalhos de homenagem a duas das maiores influências de Cristina Branco: Live, dedicado a Amália Rodrigues; e Abril, com versões de canções de José Afonso.

Ao lado de Ricardo Dias (piano e direcção musical), Bernardo Couto e José Manuel Neto (guitarra portuguesa), Alexandre Silva (viola) e Fernando Maia (viola baixo), Cristina Branco propõe-se a cantar o Tempo, segundo as palavras de autores convidados, referências no nosso país, como explica em entrevista.

Regressa à Casa da Música para apresentar o seu mais recente trabalho, Kronos. Como apresenta este disco?

É um trabalho onde a proposta é falar/reflectir sobre o Tempo. O grande mestre. Como passa por nós, que ensinamentos nos deixa.

O disco é composto por 14 temas inéditos de vários autores contemporâneos. Porquê José Mário Branco, Sérgio Godinho, Amélia Muge, Rui Veloso/Carlos Tê, Vitorino, Janita Salomé, Victorino d'Almeida, Mário Laginha, Carlos Bica, João Paulo Esteves da Silva e Ricardo Dias?

A ideia inicial era, em sequência do álbum Abril, convidar autores contemporâneos de José Afonso a comporem para este trabalho, que aborda a temática do Tempo.

Perceber a importância que tem para eles, uma vez que pertencem a uma geração bastante mais agitada e mobilizadora que a minha, uma geração que lutou pela liberdade de expressão, que permitiu que hoje eu e tantos outros nos sentíssemos libertos para criar sem tabus, sem censura. Não nos esqueçamos de Júlio Pomar ou Hélia Correia também. Neste disco falta o Fausto que não pode assinar nenhum tema por estar em pré-produção do seu próximo trabalho, para grande pena minha!

Autores com provas dadas em outras áreas musicais, que não o fado. É cada vez maior a sua abertura a outras músicas.

Não houve qualquer intenção de me afastar do fado. A ideia inicial era que compusessem fado, como já o fizeram antes, mas a verdade é que não aconteceu na maioria dos casos. Os autores consideraram que a minha expressão se poderia declinar também em outras cambiantes musicais e se, no “arrumar” do trabalho, isso me criou algumas dificuldades, certo é que o resultado é uma aproximação bastante fiel à forma como eu me olho. Adoro cantar fado, a expressão está impressa, aliás, na forma como eu abordo os temas. Mas também adoro fugir-lhe, escapar dos cânones instituídos. Essa é a minha marca e os autores convidados entenderam-no perfeitamente, apesar de lhes ter pedido que se cingissem a um género. Além disso, podemos sempre olhar para o disco como um todo onde se encerra a expressão da música e literatura portuguesas.

Elegeu os autores e encomendou-lhes as canções? Como reagiram quando os contactou?

Apesar da expressão encomenda não soar bem, será, provavelmente, a mais adequada. Fiz alguns telefonemas para os músicos que admiro e cujas carreiras sigo desde muito cedo. Foi o caminho lógico a percorrer, depois de 10 discos e 12 anos de estrada. Dificilmente lhes fugiria porque eles influenciam a minha música, determinam o meu gosto e entusiasmo pela música portuguesa. Algum dia teria de os convidar e pensei: Porque não agora? Além disso, há pessoas com quem convivo de perto, como o Júlio Pomar, com quem partilho opiniões e serões de conversa à volta dos livros e da amizade. Naturalmente trocámos “piropos” na linhagem do fado, eu muito séria e grave no tema e ele que brilha no alto da idade e satiriza de forma entre o pueril e o jocoso a expressão do Velho Fado. Ainda o Mário Laginha, o Vitorino ou o João Paulo Esteves da Silva, autores com quem já tive o prazer de partilhar palcos e músicas, ou ainda Vasco Graça Moura e o Manuel Alegre. O Vasco propôs-me o Tango logo depois de eu ter terminado o Ulisses, onde ele assina o poema Cristal e ficou assim até agora, bem guardado.

Para além dos autores convidados, faz um dueto com Jorge Palma. Foi a primeira vez que partilhou uma canção com um artista pop-rock?

Já tinha feito uma parceria com um grupo holandês chamado Blóf, há uns anos, e cheguei a incluir o tema num dos meus discos editados lá, o Corpo Iluminado. Quanto ao dueto com o Jorge Palma foi muito bom! É um homem profundamente talentoso e por quem tenho uma enorme e declarada admiração.

Ao longo de 12 anos de carreira, e já 10 álbuns editados, nunca se assumiu como fadista. Talvez por ter feito o percurso de fora para dentro, e pela Europa ser considerada uma cantora de world music.

Muito me honra o carimbo de fadista, mas não sei se o mereço. Canto outras coisas, tenho dentro de mim outros universos e não me dedico devotamente ao género. Vou timidamente à procura de saber mais, mas não ambiciono sê-lo. E é isso que sou no fado. Não quero criar trincheiras dentro do que faço. A minha música cresce comigo e vai aonde eu for, sem perder a noção do meu lugar e sem nunca perder o fado de vista!

Actualmente, o público do fado é mais aberto e aceita fusões e novas interpretações. Acredita que as novas gerações de fadistas acrescentaram pontos positivos ao fado de Alfredo Marceneiro e Amália Rodrigues? O fado não é só Marceneiro ou Amália. Estes deram-lhe asas, mas houve outros, muitos outros que lhe fizeram a história, que sulcaram um caminho árduo na procura de si próprios dentro das barreiras do fado. Estes são demasiadas vezes ignorados ou remetidos para terceiro plano. E o mesmo acontece hoje. Provavelmente daqui a uns anos só alguns serão recordados como fazedores de belos fados, sobretudo ao nível dos projectos mais ousados. Terá que se travar uma longa luta contra a omissão, contra o esquecimento. Espero poder contrariar a ideia de que o nosso povo transporta uma herança pesada, a amnésia! E sim, acredito que tudo o que se está a fazer em consciência e respeitando as raízes, trará frutos para a não estagnação do fado.

Nos quatro anos que separam Ulisses de Kronos gravou um disco dedicado a Amália Rodrigues e outro a Zeca Afonso. Qual o papel destas duas referências da música portuguesa na sua vida? Descobri-os em fases diferentes da minha vida. Amália tarde, aos 18 anos, sendo durante muito tempo uma obsessão pela vida, pelos refinamentos e pergaminhos da dura aprendizagem de quem nada tem, traça uma meta e com uma vontade férrea rumo até ao último pontinho do horizonte. O Zeca vem da infância, dos discos de casa dos meus pais, sempre, todos os dias, primeiro nas canções infantis, depois na mensagem política, depois na lição de vida. O José Afonso foi, como costume dizer, a banda sonora da minha infância. Depois os seus timbres, a sua capacidade de “agarrar” quem ouve. A vida deu-lhes razão e eu, como outros com certeza, estou atenta e agradeço o tanto que me deixaram descobrir.

Gosta de trabalhar repertórios tão particulares? Ter um objectivo, e menos liberdade criativa que o habitual? Perceber melhor e querer saber mais sobre algo não diminuiu a capacidade criativa. O meu objectivo não é fazer melhor do que o original, mas tentar, pelo depurar da música deles que me está mais próxima, percebê-los melhor, ouvi-los por um outro prisma.

Já estive na Casa da Música, o que recorda? Lembro-me que foi a primeira vez em que, ao olhar o público, reparei que alguns trauteavam as minhas músicas comigo. Isso fez-me perceber a importância daquilo que eu faço e como faço. Fiquei comovida!

Convidei contemporâneos de Zeca Afonso a comporem para o Kronos que aborda a temática do Tempo. Eles pertencem a uma geração bastante mais agitada e mobilizadora que a minha, uma geração que lutou pela liberdade de expressão, que permitiu que hoje eu e tantos outros nos sentíssemos libertos para criar sem tabus, sem censura.

Adoro cantar fado, a expressão está impressa, aliás, na forma como eu abordo os temas. Mas também adoro fugir-lhe, escapar dos cânones instituídos.

## **HÉLDER MOUTINHO**

Hélder Moutinho convida o público para uma viagem imaginária ao mundo do Fado

## “SER FADISTA É CONSEGUIR TRANSMITIR SENTIMENTOS”

Nascido e criado no seio de uma família tradicional, Hélder Moutinho cedo sentiu o apelo do fado e, apesar de outras músicas o terem cativado na adolescência, rapidamente percebeu que seria nas casas de fado que iria formar a sua identidade musical. Discreto, o irmão de Camané e Pedro Moutinho tem, no fado, um papel interventivo, mais do que qualquer outro fadista. Paralelamente à sua carreira em nome próprio, com cada vez mais provas dadas, Hélder Moutinho dedicou parte do seu tempo à HM Música, uma agência e editora que fundou em 1997 para promover a música popular portuguesa e a world music e cujo catálogo conta com Joana Amendoeira, Argentina Santos, Ricardo Parreira, Pedro Jóia ou Virgínia Rodrigues, entre outros.

Dez anos volvidos sobre a edição do seu álbum de estreia, Sete Fados e Alguns Cantos, e seis do premiado Luz de Lisboa (Prémio Amália Rodrigues 2005), Hélder Moutinho está de regresso aos originais com Que Fado É Este Que Trago que teremos oportunidade de ouvir na Casa da Música. Uma viagem imaginária ao mundo do fado que conta com a assinatura do fadista na maioria das letras das canções e ainda na composição da música para um poema de David Mourão-Ferreira.

Paralelamente aos álbuns originais, o fadista estreou em 2006 Maldito Fado e dois anos depois reconhece a influência que este espectáculo teve na sua carreira. Confrontado com a própria versatilidade, explica o desafio de cruzar o passado com o presente, perspectivando o futuro. Sem hesitar, assume como objectivo a divulgação do fado e da sua cultura. Talvez por isso se preocupe em dar oportunidade à nova geração de compositores, autores e músicos.

Acompanhado por Marco Oliveira (viola de fado), Ricardo Parreira (guitarra portuguesa) e Nando Araújo “Yami” (baixo acústico), a quem se juntam os músicos convidados Pedro Santos (acordeão) e Quiné (percussões), o fadista vai apresentar, no ciclo Uma Casa Portuguesa, Que Fado É Este Que Trago.

Prontos para uma viagem imaginária ao mundo do fado? – É este o convite de Hélder Moutinho!

Regressa à Casa da Música para um concerto integrado no ciclo Uma Casa Portuguesa e na bagagem traz o seu mais recente trabalho, Que Fado É Este Que Trago. O que podemos esperar deste espectáculo?

Vou convidar-vos a fazer uma viagem imaginária por uma cidade, um destino que cada um poderá escolher. Nessa cidade existe uma série de pequenas histórias, sentimentos e emoções tal como no próprio fado, que se transformam num pequeno roteiro de uma viagem.

E vocês, músicos, são os guias dessa viagem?

Cada um de nós tem um papel muito importante no decorrer do espectáculo, por variadíssimas razões. Por exemplo, há um momento em que o guitarrista faz um percurso onde se conta a história do fado tradicional, onde recupera vários tipos de acompanhamento de mouraria que os grandes guitarristas do passado fizeram como o Carvalhinho, José Nunes, Jaime Santos ou até mesmo o Armandinho fizeram. Antes de cantar eu explico a nossa intenção e as pessoas acabam por perceber que há diferentes formas de tocar, da mais antiga à mais moderna. Ao mesmo tempo, recordo a forma como os poetas populares escreviam na altura. Durante os meus espectáculos gosto de falar sobre os construtores do fado e tenho de ver como poderei encaixar dois ou três construtores do Porto.

Quem são para si os construtores do fado naturais do Porto?

Um dos grandes poetas de sempre é o Pedro Homem de Melo, e é incontornável falar dele num ano em que se recorda Amália Rodrigues. Há também o Alberto Janes... E

guitarristas temos o José Fontes Rocha, um dos guitarristas que mais vezes tocou com a Amália.

Para além dessa viagem pelo passado, onde recupera temas tradicionais, também há bastante espaço para os originais em *Que Fado É Este Que Trago*.

O próprio disco permite isso, já que o ponto de partida é uma viagem imaginária. Começo por onde, no meu ponto de vista, pode ter nascido o fado, recuperando os fados tradicionais; por onde pode ter passado, com os fados canções; e até onde pode ir, com os novos fados. E é neste momento do disco que introduzo os novos instrumentos, como a percussão e o acordeão.

Como surgiu este conceito? Lembrou-se de fazer esta viagem e procurou uma sustentação ou os temas foram surgindo e só depois encontrou um elo de ligação?

As coisas foram surgindo e só depois procurei ligar os sinais que encontrei. Neste caso, apercebi-me que tinha fados tradicionais, fados canções, fados tradicionais com letras novas, letras antigas como a do David Mourão-Ferreira com uma música nova minha... e percebi que aquele conjunto de temas podiam contar uma história.

O Helder é dos poucos fadistas que compõe música e letra dos seus fados...

Há uma grande fadista que também o faz, a Mafalda Arnauth. Creio que a tendência é começar a acontecer com mais frequência. A Joana Amendoeira também já assinou alguns fados. Mas é verdade que antigamente havia muitos mais...

Felizmente temos um vasto espólio de grandes poetas e autores para recuperar, além dos novos autores que vão surgindo com cada vez mais frequência.

Acho que devíamos todos prestar mais atenção aos novos compositores, apesar de muitos pensarem que é mais seguro recuperar temas conhecidos do grande público. Os temas antigos já foram muito cantados e há que dar oportunidade aos novos compositores. Por exemplo, os grandes temas do Paulo de Carvalho que ouvimos são os que ele fez há 20 anos, não os que ele faz agora. É importante pensarmos que as pessoas quando são jovens têm mais força para fazer coisas interessantes. No meu disco tenho isso retratado. Convidei alguns autores da nova geração para fazerem parcerias comigo. O *Fado à Janela*, por exemplo, é um tema fantástico feito por um jovem de 20 anos, o Marco Oliveira.

Este disco surge depois do espectáculo *Maldito Fado* que teve características bastante particulares. Teve alguma influência na elaboração de *Que Fado É Este Que Trago*?

Muita! Os músicos que estão agora comigo são os que tocaram comigo no *Maldito Fado*. A ideia de usar a percussão e o acordeão também nasceu aí e inclusive há temas que foram estreados no *Maldito Fado* e que agora fazem parte do disco.

Este espectáculo foi um projecto paralelo da sua carreira a solo ou parte integrante?

O *Maldito Fado* foi um projecto paralelo, mas muito importante porque me mostrou que é isto que eu quero fazer. Digamos que marcou o início do que está para vir. Foi nessa altura que percebi que tinha de começar a compor mais, musicalmente falando. Além disso toda a envolvimento do espectáculo cativou-me, da concepção à produção. O *Maldito Fado* foi muito importante para me afirmar como fadista perante o público. Foi um disco que correu por ser maldito, a saber: maldito porque gostamos tanto desta música, tal como se costuma falar do maldito cigarro; por ser uma música

maldita na história, na sua essência; e maldito hoje por ser um espectáculo que introduz novos instrumentos além da viola, da guitarra portuguesa e do baixo. Nos espectáculos apercebi-me de que as pessoas aderiram e até os próprios puristas, que no início se assustaram quando viram uma bateria no palco, adoraram e disseram que aquilo era mais fado que outra coisa qualquer. Claro! Eu sou fadista e os músicos base do projecto também o são, portanto a essência do fado está lá. Ser fadista é conseguir transmitir os sentimentos que se tem. E ter a capacidade de contar histórias. Acontece no fado e em qualquer música portuária urbana.

O ciclo Uma Casa Portuguesa homenageia Amália Rodrigues, 10 anos após o seu desaparecimento. Já pensou como vai recordá-la no seu concerto? Prefiro não desvendar tudo o que vai acontecer, mas obviamente que vamos falar e cantar coisas da Amália.

O que significa Amália Rodrigues para si?

Bastante. Costumo dizer que a Amália significa para o fado aquilo que o Ástor Piazzolla pode representar para o tango. Ela trouxe uma série de influências e novos compositores para o fado. Tinha uma forma diferente de cantar que fez o fado evoluir muito. Além disto, representou o nosso país no mundo e onde quer que se fale de fado, o nome de Amália é uma referência.

O Hélder tem a HM Música onde agencia e edita outros projectos. Também compõe, interpreta e descobre novos talentos. Como tem acompanhado a evolução do fado nos últimos anos?

Os jovens estão a ter um papel muito importante no desenvolvimento do fado, porque arriscam digressões pelo mundo para divulgar esta música. Conquistam as pessoas e levam-nas a querer ouvir mais, trazem-nas cá e elas acabam por descobrir no “ghetto” os mais antigos. Mais antigos hoje, mas que no tempo deles fizeram exactamente o que estes jovens estão a fazer agora. É cíclico. No entanto, ainda há coisas que faltam fazer. Por exemplo, o tango é uma música que se devolveu pelo mundo fora graças aos grupos e artistas que, nos seus espectáculos, faziam questão de divulgar aquela cultura. E acho que o fado precisa disso. Os músicos quando vão em digressão fora do país têm de divulgar o fado. Nos meus espectáculos falo do fado, conto a sua história, faço tributos aos fadistas e aos guitarristas e digo que o fado não é só cantado por mulheres, também há homens. O que nem toda a gente sabe. Este é o meu projecto, em nome próprio, divulgar o fado.... Este fado que trago, como o nome do disco. O fado é de todos, não é de ninguém.

Qual a sua percepção da Casa da Música, onde já actuou e assistiu a espectáculos?

O público do Porto é bastante rigoroso e não se deixa enganar com facilidade, o que é interessantíssimo. Para quem faz as coisas com verdade é agradável sentir isso. Tenho visto bastantes concertos de fado na Casa da Música, alguns deles produzidos por mim e o público é fantástico.

Neste espectáculo convido as pessoas para viagem imaginária. Começo por onde, no meu ponto de vista, pode ter nascido o fado, recuperando os fados tradicionais; por onde pode ter passado, com os fados canções; e até onde pode ir, com os novos fados. E é neste momento do disco que introduzo os novos instrumentos, como a percussão e o acordeão.

Devíamos prestar mais atenção aos novos compositores, apesar de muitos pensarem que é mais seguro recuperar temas conhecidos do grande público. Os temas antigos já foram muito cantados e há que dar oportunidade aos novos autores.

O público do Porto é bastante rigoroso e não se deixa enganar com facilidade, o que é interessantíssimo.

O Maldito Fado foi um projecto paralelo, mas muito importante porque me mostrou que é isto que eu quero fazer. Digamos que marcou o início do que está para vir.

01 Sáb Agosto 18:00

PRAÇA

Festival Uma Casa Portuguesa

**ENCONTRO DE BANDAS FILARMÓNICAS**

18:00 – BANDA MUNICIPAL DE VALPAÇOS

19:00 – ORQUESTRA FILARMÓNICA DE VERMOIM

21:30 – BANDA MUSICAL DE AROUCA

22:30 – SOCIEDADE MÚSICAL ALVARENSE

Ago.

02 Dom 18:00

PRAÇA

Festival Uma Casa Portuguesa

**ENCONTRO DE BANDAS FILARMÓNICAS**

18:00 – SOCIEDADE MUSICAL DE PEVIDÉM

19:00 – ASSOCIAÇÃO BANDA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ESPOSENDE

21:30 – ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO COUTO MINEIRO DO PEJÃO

22:30 – BANDA MUSICAL DE MONÇÃO

As bandas filarmónicas são um excelente espaço comunitário de sociabilização, ensino e produção musical nos cerca de 800 agrupamentos que existem espalhados pelo país. O movimento filarmónico português, cujas raízes provêm principalmente da zona litoral e urbana, encontra-se actualmente mais difundido nas regiões rurais e especialmente a norte do país, de onde são as bandas presentes neste encontro. A segunda metade do séc. XIX foi o período em que surgiu grande parte deste tipo de agrupamentos, mas é no fim do século anterior que aparecem as primeiras bandas em Portugal. É este o caso da Banda Musical de Monção, que encerra o segundo dia deste encontro. Apesar do registo mais antigo datar de 1792, designando-a como Banda de Música da Vila, pode mesmo ter sido fundada numa data anterior.

Com um inestimável valor cultural e social, as bandas apresentaram-se durante muitas décadas como o único instrumento de divulgação e aprendizagem da música em Portugal fora dos centros urbanos e acessível a todas as classes sociais. Na opinião de Francisco Ferreira, maestro da Banda Sinfónica Portuguesa e envolvido na selecção dos agrupamentos presentes neste evento, as bandas desempenham ainda hoje “um papel fulcral na vida recreativa e associativa de muitas populações”. Um sentido de identificação que terá reflexos certamente no Encontro na Casa da Música: “Muitas bandas vão, sem dúvida, organizar as suas excursões com a vinda de muitos acompanhantes a apoiar as suas instituições”, tal como acontece noutros eventos semelhantes.

Desde a sua génese, estes grupos estão intimamente relacionados com as actividades religiosas, como as tradicionais romarias e festas populares portuguesas. Mas apesar destas actividades serem maioritárias na agenda das bandas de música, existem actualmente várias que atravessam uma fase de transição de um tipo de grupo

considerado amador, que toca essencialmente ao ar livre, para um grupo semi-profissional. Por este motivo, o carácter tipicamente popular fica em segundo plano quando se privilegia as performances em espaços interiores como as salas de concerto. A disponibilização de um espaço outrora reservado às orquestras motiva a procura de uma maior perfeição e qualidade artística, tanto nos repertórios como nas interpretações. Como nota Francisco Ferreira, “quando chega a hora de tocarem em ambientes mais formais, a mentalidade muda um pouco e nota-se uma preocupação muito maior quer na forma de se apresentarem em palco, quer na escolha do repertório”. Os seus instrumentistas procuram também aprofundar os estudos muitas vezes iniciados nas escolas do agrupamento: “O nível das bandas tem evoluído drasticamente nos últimos dez, quinze anos graças à proliferação de escolas do ensino especializado da música que existem pelo país fora”.

Desde Janeiro de 2007, a Casa da Música inclui na sua programação um concerto mensal dedicado às bandas de música, dando-nos a conhecer algum repertório original de compositores internacionais e nacionais que dedicam obras a este ensemble. Deste modo ficamos a conhecer um outro universo para além dos tradicionais arranjos e adaptações próprias para as diversas funções que apenas as bandas desempenham (procissões, romarias, arruadas, touradas, etc.).

Com este encontro que se realiza nos primeiros dias de Agosto, surge a oportunidade para várias bandas filarmónicas se apresentarem em concerto na Casa da Música, desfilando no palco da Praça ao longo de dois dias. Os programas incluem composições de diferentes géneros musicais: paso dobles, aberturas (transcrições de obras sinfónicas para banda), obras com solistas no eufónio e trompete, bandas sonoras de filmes e música popular portuguesa. Entre estas obras, destacam-se a Divina Comédia de Robert Smith, o Camiño de Santiago de Gomez Deval, as Variações sobre o Carnaval de Veneza por um jovem trompetista da Banda Musical de Monção e as Czardas de Monti em bombardino. São dois dias que trazem a oportunidade não só para o convívio entre os agrupamentos, mas também para a promoção de intercâmbios valiosos, mais do que qualquer objectivo competitivo. Francisco Ferreira acredita ainda que “haverá seguramente, do ponto de vista pedagógico e artístico, um estímulo e empenho muito grande da parte de todos quantos integram aquelas formações, desde dirigentes a maestros e músicos”.

H.L.

Com um inestimável valor cultural e social, as bandas apresentaram-se durante muitas décadas como o único instrumento de divulgação e aprendizagem da música em Portugal fora dos centros urbanos e acessível a todas as classes sociais.

### **Férias com Música\*\*:**

Jul

13 -16

Férias com Música

Uma iPhone Orchestra e um Skate Ensemble: as duas propostas compõem a edição deste ano das Férias com Música. Realizada pelo Serviço Educativo da Casa da Música

em parceria com a Universidade Júnior da Universidade do Porto, a iniciativa destina-se a jovens em idade escolar.

Quem pensa que a tecnologia não tem sensibilidade artística, engana-se. Ao longo de quatro dias os participantes nas actividades vão trabalhar para provar exactamente o contrário. Ambas as experiências radicais, por partirem de esquemas de composição singulares e precursores, são apresentadas ao público no dia 16 de Julho.

Informações e inscrições: [www.universidadejunior.up.pt](http://www.universidadejunior.up.pt)

## **iPhone Orchestra**

### **IPHONE ORCHESTRA**

Rui Penha e Filipe Lopes

Parceria com a Universidade Júnior

Público Alvo: alunos do 9º -11º ano

### O CONCERTO FAZ-SE NA PALMA DA MÃO

Pegue nos instrumentos musicais que quiser, eléctricos e acústicos; vá buscar sintetizadores, amplificadores, gravadores de todos os sons... e carregue-os no bolso. Quando lhe apetecer, coloque-os na palma da mão e, voilá, faça música. Mais: dê um concerto sentado no sofá ou no meio da montanha. Isto parece-lhe irreal? Lembre-se do iPhone. Ah, o iPhone... Pois é por este território que se desenvolve a iPhone Orchestra.

Dotado de enésimas funções, este dispositivo móvel permite a qualquer cidadão criar o seu próprio repertório, quando e onde quiser, mesmo que não tenha conhecimentos formais de música. Aliás, nunca se tornou tão simples compor. Com diversos sensores integrados – acelerómetros, ecrã sensível ao toque, microfone, GPS –, o altifalante embutido no iPhone pode ser usado para muito mais do que simples toques de telemóvel. Fazer tocar uma flauta com um sopro, despertar as teclas de um xilofone na lisura do visor, localizar sons com o GPS (e controlá-los), reclamar nova dimensão para ruídos de passos e vozes são exemplos de opções possíveis.

Orientada por Rui Penha e Filipe Lopes, a iPhone Orchestra vai permitir a um grupo de jovens elaborar um repertório próprio que será apresentado ao público num modelo de concerto inovador – algo natural, atendendo a que tudo aqui é inteiramente novo, sem paradigma em que basear o trabalho. A apresentação poderá ocorrer na Casa da Música ou num lugar mais inesperado, quem sabe se com a orquestra dispersa: com o wireless, há possibilidade de ligar em rede os “iPhoners” que se desejar.

A experiência vai permitir explorar projectos associados ao Serviço Educativo da Casa da Música: a interacção com os softwares de criação musical da Digitópia; o controlo de instrumentos através de meios inovadores (sendo exemplo o Gamelão Robótico, sistema tecnológico e sensorial adaptado ao gamelão para o Ao Alcance de Todos 2009 e que agora poderá ser controlado a partir do iPhone); e no contexto ideológico a abertura da criação musical a não músicos. Sobre este último item, Rui Penha sublinha que nesta Orquestra “a liberdade de composição é total”, havendo espaço ao experimentalismo de novas sonoridades, mas também à integração, se assim for desejado pelo grupo, a sons ditos mais comerciais.

## **Skate Ensemble**

## Skate Ensemble

Carlos Guedes

Parceria com a Universidade Júnior

Público-alvo: alunos do 9º -11º ano

### CRIAÇÃO MUSICAL SOBRE RODAS

Quem passa pela Casa da Música bem vê os skaters nas ondas da arquitectura, em acrobacias na pedra lisa. Eles já fazem parte da “imagem” da instituição, já constam em postais ilustrados e viajam nas máquinas fotográficas dos turistas. Agora vão criar música literalmente com o pé na tábua. Vão criá-la enquanto deslizam sobre rodas, numa experiência em que o movimento se traduz em sons e imagens gráficas.

Integrar a comunidade de skaters em experiências musicais fecundas tem sido um objectivo do Serviço Educativo da Casa da Música. À luz da realidade e da vontade, surge agora o Skate Ensemble, um projecto concebido por Carlos Guedes, do Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores (INESC). Tecnologia, música e desporto estão unidos através de uma instalação ambiental interactiva e multimédia colocada em locais públicos frequentados por skaters. Com este equipamento, designado Skynth, geram-se sons sintetizados e gráficos a partir de movimentos de skate, num espaço previsto para o efeito.

Cada elemento do Skate Ensemble vai ter um dispositivo que capta o som do seu skate, enviando-o para um computador que o processa e difunde em tempo real. Este dispositivo envia também informação sobre a posição do skater no espaço de interacção, o que permite criar efeitos de espacialização do som, bem como gerar gráficos por computador que são projectados num ecrã em grande formato.

Concluindo, nesta instalação o skater conduz a música como deseja, criando sons à medida do seu andamento (depressa, devagar, para trás, para a frente...). Se o processo é aliciante numa incursão solitária, imagine-se como resulta em grupo, em movimentos sincronizados ou não, em conjuntos de instrumentos-skate, em interacção de ritmos e exibições.

Durante quatro dias, esta orquestra vai aprender os segredos electrónicos do Skynth com o intuito de criar um repertório que, dia 16, é apresentado ao público. Uma apresentação incomum, experimental, feita de coreografias que rodam pelo chão da Praça, produzem sons e constroem imagens com cor e movimento.

A instalação Synth é concebida por Carlos Guedes, em parcerias com Kirk Woolford e INESC-Porto e tem o apoio da Direcção Geral das Artes, INESC-Porto, Companhia do Som, ESART-IPCB e do Programa UT Austin – Portugal.

### **DRUMMING\_ Curso Internacional de Percussão**

16-19 Jul

DRUMMING\_ Curso Internacional de Percussão

Este curso é dirigido a todos os percussionistas, músicos em geral e compositores que queiram conhecer, experimentar e especializar-se nas áreas da percussão, em particular nas mais inovadoras e menos comuns nas instituições europeias de ensino. Contemplará formação em gamelão (conjunto de instrumentos da Indonésia) por

Andy Channing e Paulo Zé Neto; em percussão digital do Médio Oriente, Sul da Índia, Mundo Mediterrânico Antigo e Moderno (diversos frame drums, bodhrans, tars e bendirs), por Glen Velez; e em improvisação nas percussões de lâminas por Jeffery Davis.

Haverá a possibilidade de assistir a ensaios abertos do Drumming-GP e estabelecer contactos com os compositores presentes. Este evento representará uma grande oportunidade para todos os que queiram expandir o seu conhecimento musical de forma mais diversa e experimental.

### **DRUMMING – GP 10º aniversário**

Jul

17 Sex 19:30 Sala 2 | 5 €

#### **DRUMMING – GRUPO DE PERCUSSÃO**

Com Glen Velez e Jeffery Davis

18 Sáb 22:00 PRAÇA | 7,5 €

#### **DRUMMING – GRUPO DE PERCUSSÃO**

Miquel Bernat direcção musical

Best of Drumming e solistas

Nos últimos 10 anos o panorama da percussão em Portugal mudou radicalmente, quer no âmbito da formação de jovens músicos, quer ao nível profissional e de actividade em concertos. Esta transformação deve-se em grande parte a Miquel Bernat e ao grupo que este percussionista catalão fundou em Portugal, o Drumming. Numa mostra alargada do que foram estes anos de franca actividade, o Drumming promove entre os dias 16 e 19 de Julho um evento internacional com concertos, master classes e ensaios abertos. Merece destaque o concerto com a presença de Glen Velez e Jeffery Davis, no dia 17, bem como um “best of Drumming-GP” que no dia 18 revisita os maiores sucessos do grupo.

### **10 ANOS DE DRUMMING ... 10 PERGUNTAS A MIQUEL BERNAT**

Porque escolheu ser percussionista?

Acho que sempre gostei do movimento e da dança (disseram-me que fui bailarino numa outra reencarnação), os astros ligaram-me ao Teatro (disse-me um amigo astrólogo) e se acrescentarmos o facto de nascer numa aldeia de Valência, onde as bandas de música são o pão do quotidiano, com o meu pai e avô músicos e eu a assistir aos ensaios a partir dos 4 anos... O meu pai sentava-me ao lado do Tío Boro, o percussionista ... acho que não podia ter sido outra coisa!

Tem instrumentos preferidos dentro da percussão?

Cada época um instrumento, uma paixão. Agora tenho peças preferidas independentemente (ou quase) do instrumento.

Como começou a sua actividade em Portugal ?

Através da Escola Profissional de Música de Espinho. A direcção da escola foi a Genebra (Suíça), a um festival-encontro de percussão onde eu participava e encontrámo-nos lá. Foi quase um amor à primeira vista!

Como surgiu o Drumming?

Tanto em Espinho, numa primeira fase, como depois na Escola Superior de Música (onde fui convidado a criar o primeiro curso superior de Percussão do país), a música de câmara e de grupo de percussão era (e é) uma aposta importante e fundamental no plano pedagógico. Aquela experiência e energia (que já desde o seu início

ultrapassavam as portas das instituições) não podia parar no plano pedagógico e deu origem ao grupo.

Que momento destaca na vida do agrupamento?

Vários; Concerto no Rivoli em 1999. Concerto com estreia e gravações em La Pedrera de Barcelona (Fundação Caixa Catalunya), a nossa residência artística na Porto 2001 e as nossas residências em Faro - Um Mundo de Percussões - e Tarragona em 2003, 2005 e 2008, os nossos vários projectos com o TNSJ, sobretudo o Pas de Cinq e o Caixa da Música. O projecto com músicas de John Cage com o extinto Ballet Gulbenkian. Também, os apoios que recebemos do Ministério da Cultura português e do Ministério da Cultura espanhol com uma quantia atribuída maior do que a vários grupos do nosso país vizinho e com um historial superior ao nosso. São detalhes que nos indicam que não vamos pelo caminho errado.

Qual foi o maior sucesso perante o público?

Também destaco vários; Pléiades, no Auditório Nacional de Espanha (em Madrid) e a nossa interpretação de Drumming Plays Drumming no Teatro Albéniz de Madrid (Ciclo Opera de Hoy), algumas actuações em Barcelona e Campinas (Brasil). Também destaco as actuações nos concertos Promenade do Coliseu do Porto entre 2006 e 2008.

Qual foi o momento mais difícil?

Os momentos difíceis também não foram poucos; acontecem quando algum concerto não está a correr como gostava, quando não conseguimos condições de trabalho e ainda não as temos (sobretudo a nível de espaços). Quando não posso assegurar os nossos músicos, porque eles têm outros compromissos (mais bem pagos por estarem institucionalizados).

Já teve vontade de desistir?

Sim, mas sou muito persistente, por isso dou sempre mais uma, duas ou três oportunidades àquilo que levo em mãos e dessa forma tenho dado a volta aos problemas e desânimos.

O que gostava de fazer que ainda não fez com o Drumming?

Tenho mais de 25 projectos em stand-by, à espera de condições ou apoios que garantam a sua concretização. Isso é o que gostava fazer. A outra coisa é começar a gravar (em CD, DVD, etc.) os nossos projectos, os melhores, e editar em partitura (ou via Internet) todas as peças que já temos encomendado e que não têm publicidade nem forma de chegar a outras partes do mundo (a não ser com contacto directo com o compositor ou conosco). Por último, e como dizia antes, é estabilizar o Drumming em condições de espaço, continuidade e qualidade.

E a nível pessoal?

Na minha vida artística própria, é terminar um CD com peças de percussão e electrónica e editar a recompilação de estudos para marimba. Depois queria ter capacidade para separar a parte burocrática (que o grupo exige) da parte artística e privada, para poder ter maior e melhor rendimento. E finalmente construir um refúgio de descanso, um lugar tranquilo e sossegado para descansar das cidades, da vida tão intensa e rápida que levo e da exposição a tanta poluição, sobretudo da que não se vê: o ruído!

**HIP-HOP SINFÓNICO**  
**ORQUESTRA NACIONAL DO PORTO**

Jul  
17 Sex 22:00  
PRAÇA | 7,5 €

### ORQUESTRA NACIONAL DO PORTO

Alexander Shelley direcção musical  
Miki coordenação e arranjos  
Sam the Kid  
Ono  
NBC  
New Max

Já imaginou a Orquestra Nacional do Porto em concerto ao lado de alguns dos principais rappers portugueses? Pois é isto mesmo que vai acontecer. O encontro entre a música sinfónica e o hip-hop não se vai limitar a samples manipulados por DJs. A música de Mahler, Chostakovitch, Stravinski ou Rimsky-Korsakov é tocada ao vivo, com a direcção do conceituado maestro Alexander Shelley, a partir de partituras, essas sim, manipuladas pelos arranjos do alemão Miki. No palco está ainda uma banda de apoio com bateria, percussão, baixo, guitarra, teclados e vozes. Os solistas convidados são bem conhecidos no panorama hip-hop português: Sam The Kid, NBC e New Max, para além do convidado internacional Ono.

Miki é Mihalj Kekenj, concertino da Niederrhennische Sinfoniker e, ao mesmo tempo, destacado produtor na área do hip-hop alemão. Em 2007 apresentou em Düsseldorf o projecto Opus1, um concerto inédito que juntou a Schumann Camerata a vários MCs. O sucesso foi enorme. Miki assume não só a coordenação do projecto e os arranjos, mas é também solista no violino e rapper. Em conversa com a Casa da Música, revelamos algumas das ideias que estão por trás deste concerto e as suas impressões sobre o hip-hop português.

O que leva um violinista clássico a sentir-se atraído pelo hip-hop?  
Não tem a ver com “hip-hop” ou com “música clássica”. Tem a ver com a música em si mesma. Aos doze anos de idade arranjei a minha primeira gravação de uma banda chamada Public Enemy. Senti-me atraído por aquela música de imediato. Tinha tanto poder, energia e aspereza. Era exactamente o que precisava naquele momento como um rapaz que andava no seu skate. Então a minha “segunda vida” começou a desenvolver-se. De um lado tinha a minha formação musical, do outro a prancha de skate e os Public Enemy. Perdi a habilidade para o skate, mas nunca perdi de vista a música hip-hop.

Sendo um músico da área clássica que é também produtor de hip-hop, já tinha certamente procurado o cruzamento destas linguagens. Como decidiu criar este concerto com uma orquestra sinfónica?

Na verdade, ao longo dos primeiros anos como produtor tentei sempre manter as coisas separadas. Era um violinista clássico e era um produtor/rapper hip-hop. Eram coisas totalmente diferentes na altura. Achava que o violino não era suficientemente “cool” para participar. Sabe como são os miúdos (eu tinha 15 anos quando comecei a produzir). Mas, claro, fui usando o violino cada vez mais para criar os meus samples, porque nunca gostei muito de samplar outras gravações. Então um dia (há cerca de 4 anos) pensei comigo mesmo: Porque não fazer simplesmente aquilo que sei? Produzir faixas de hip-hop e tocar violino? Foi assim que nasceu a ideia para o meu Opus1.

O concerto foi estreado em Düsseldorf há dois anos. Houve entretanto mais apresentações?

Tive três concertos muito agradáveis desde essa altura. Um ponto alto foi um concerto em Berlim, onde tive a oportunidade de tocar com lendas urbanas como os Beatnuts. Foram uma espécie de ídolos hip-hop nos anos 90.

Estamos a falar de hip-hop com uma ênfase nos instrumentos tocados ao vivo, creio que os recursos electrónicos têm um papel menos relevante do que habitualmente ouvimos neste estilo. Qual é o papel da banda que traz da Alemanha?

A banda é a minha espinha dorsal! É neles que eu me apoio. Era importante para mim ter um grupo de instrumentistas em vez de um DJ, embora o DJ seja um elemento importante do hip-hop. Sempre gostei da energia e flexibilidade de uma banda ao vivo. A banda e a orquestra têm que construir o “groove” juntas. As pessoas tocam melhor com outras pessoas do que com máquinas. Mas não nos abtemos completamente dos recursos electrónicos. É importante a presença de alguns sons característicos nas canções, por isso temos um percussionista que controla também um sampler que funciona num laptop.

O concerto inclui excertos de compositores como Mahler, Rimsky-Korsakov ou Chostakovitch, transformados com os seus arranjos de modo a servir a performance dos rappers. Como descreve a sua abordagem a estes clássicos?

A samplagem de música clássica não é nova no hip-hop. De todo. A minha abordagem talvez seja diferente, porque conheço a música samplada de a tocar. Por isso não é difícil para mim adaptá-la às necessidades dos artistas hip-hop. Mas a razão principal que me leva a usar excertos clássicos é a ponte que podemos construir entre estes dois géneros. Quero que as pessoas experienciem directamente a ausência de fronteiras. Que a música clássica não é velha e poeirenta.

Já foi alguma vez desconsiderado por causa desta ‘profanação’ do repertório?

Claro. Verifiquei que os músicos clássicos são mais cépticos do que os músicos de hip-hop. Alguns tendem a acreditar que o hip-hop não é arte, porque a interpretação é menos perfeccionista, dizem eles. Respondo sempre que simplesmente não fazem ideia do potencial criativo necessário aos músicos pop/hip-hop para escreverem uma única linha. A música clássica precisa de muitos mais cuidados, porque é baseada numa execução perfeita, mas o hip-hop (e outra música pop) é frequentemente mais intuitivo e requer mais criatividade. É uma explicação um pouco simplificada, mas conheço os dois lados muito bem.

Que ideia tem dos rappers portugueses que vão actuar consigo? Sei que fez um arranjo para um tema de Sam The Kid.

Tenho que confessar que quando comecei a procurar artistas hip-hop portugueses não sabia o que esperar. Tinha a arrogância de alguém que vem de um país com uma cena hip-hop bastante grande. Mas fiquei impressionado quando encontrei vários artistas com grandes canções na Internet. Ok, não compreendia uma palavra do que eles diziam, mas julgo sempre a música antes de mais pelas suas características musicais. Depois preocupo-me com as letras. Os rappers odeiam-me por isto. Mas não o consigo evitar, sou músico.

Na minha opinião, Sam é o artista mais interessante que descobri até agora na cena hip-hop portuguesa. Tem um conceito musical e um som – como o meu – menos digital e mais ‘live’. E sei que produz a sua própria música. Portanto eu sabia que ele tinha ideias musicais e que não íamos ter problemas em trabalhar juntos. E – o mundo é pequeno – temos um amigo comum neste meio, que me disse que é óptimo trabalhar com ele...

O que nos pode dizer sobre Ono, o rapper que convidou para se juntar aos artistas portugueses?

Ono é um rapper sul-africano radicado na Alemanha. Nunca conheci alguém no país que apresente textos em inglês de forma tão autêntica. Conheci-o numa tournée pela Rússia, demo-nos muito bem e decidimos de imediato trabalhar juntos. Tenho a certeza de que Portugal o vai adorar!

Alguns músicos clássicos tendem a acreditar que o hip-hop não é arte, porque a interpretação é menos perfeccionista, dizem eles. Respondo sempre que simplesmente não fazem ideia do potencial criativo necessário aos músicos pop/hip-hop para escreverem uma única linha. Miki

## **6ª CONFERÊNCIA DE TECNOLOGIAS DA MÚSICA**

Jul

22 a 25

### **6ª CONFERÊNCIA DE TECNOLOGIAS DA MÚSICA INESC PORTO PROMOVE VERÃO MUSICAL**

A 6ª Conferência de Tecnologias da Música (6th Sound and Music Computing Conference) e a Escola de Verão em Design de Interação Sonora (Sonic Interaction Design Summer School) são as duas propostas que o INESC Porto (Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores do Porto) tem para todos os aficionados pelo estudo de tecnologias da música no próximo Verão. A organização destes eventos conta com a participação do Centro de Investigação em Ciências e Tecnologia das Artes da Universidade Católica Portuguesa – Centro regional do Porto, da Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, do Departamento de Engenharia Electrotécnica e de Computadores da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto e da Casa da Música, que acolhe ambas as iniciativas. Uma conferência multifacetada, com keynote speakers, tutoriais, sessões especiais sobre os principais desafios nesta área e concertos de música experimental. Destaque para a network performance que vai ter lugar no arranque do evento, onde músicos espalhados pelo mundo e ligados entre si através das mais recentes TIC's são desafiados a criar música e improvisar.

As inscrições para a Sonic Interaction Design Summer School já terminaram, mas ainda vai a tempo de se inscrever para assistir à 6th Sound and Music Computing Conference. Bruce Pennycook, Professor de Música e Rádio/Televisão/Cinema na Universidade do Texas em Austin, apresenta uma comunicação com o título sugestivo Who will turn the knobs when I die?, enquanto José Carlos Príncipe, especialista em Engenharia Biomédica e Eléctrica na Universidade da Flórida, vem ao Porto discutir o tema Perception as Self Organization in Space Time. Esta iniciativa que o INESC Porto traz pela primeira vez a Portugal vai na sua quinta edição apresentar, além destes keynote speakers, papers, posters, três tutoriais e quatro concertos de música experimental curados pelos músicos e compositores internacionalmente reconhecidos Evan Parker, Nicolas Collins, Pauline Oliveros e Robert Rowe. Os concertos contam com a participação instrumental de António Augusto de Aguiar (contrabaixo), Nuno Aroso (Percussão), Jonathan Ayerst (Piano) Vítor Pereira (clarinete), Franziska Schroeder (Saxofone) e Stephanie Wagner (Flauta). Ainda ao nível das performances musicais, destaque para a network performance que músicos espalhados pelo mundo e ligados entre si através da Internet vão protagonizar. Este será um concerto pioneiro a nível mundial não só pela interação dos músicos em rede, mas também pela combinação inovadora de instrumentos e tecnologia. Todos aqueles que pretenderam ter uma presença activa nesta conferência apresentaram propostas para as quatro

special sessions subordinadas aos temas da Visualização de dados de música, Desafios actuais nas tecnologias de som e música, Som Interactivo e Composição Algorítmica e Música Interactiva. As inscrições para as apresentações científicas e para os concertos estarão abertas até ao arranque da conferência (22 de Junho para quem adquirir os bilhetes através do site da conferência (<http://smc2009.smcnetwork.org/>) e poderá usufruir de preços mais acessíveis). Estes eventos contam com o apoio financeiro do Instituto Politécnico do Porto (IPP), da Universidade Católica Portuguesa (UCP), do Programa UTAustin|Portugal, da Acção COST IC0601 Sonic Interaction Design (financiada pela European Science Foundation), da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e da Universidade do Porto.

### **JORMA PANULA: Masterclass e concerto**

Jul.

22 Qua a 30 Qui

SALA SUGGIA e SALA 2

Masterclass de direcção de orquestra com **Jorma Panula**

31 Sex 21:00

SALA SUGGIA

**ORQUESTRA NACIONAL DO PORTO**

Concerto da masterclass de Jorma Panula

### **O MEU REINO POR UMA ORQUESTRA!**

Quando abres uma partitura, há o nome da obra. O número do Opus, o nome do compositor, talvez uma indicação de tonalidade ou de tempo? E o menu...instrumentação. Por onde começar? Jorma Panula

Esta introdução de Jorma Panula ao seu curso de direcção representa apenas o início de um dilema cuja resposta requer anos de preparação e levanta um problema verdadeiramente difícil de concretizar. Ao contrário de todos os outros estudantes de música que têm um instrumento para praticar horas a fio por dia, os maestros em formação não têm à sua disposição uma orquestra para ensaiar. Quando chega a hora da verdade, como pode o maestro expressar com as mãos todas as ideias que tem na cabeça?

Com a sua longa experiência, Jorma Panula sabe que os jovens maestros “têm muitas ideias e querem-nas transmitir o melhor possível, sem perder nada. Por vezes com alguma impaciência. É bom ter uma visão sobre a música, não ficar apenas a bater o tempo. Se isso acontecer as orquestras sentem.”

As orquestras são organismos complexos. “Qualquer que seja o tipo de formação (ensemble, orquestra sinfónica, companhia de ópera ou coro), há artistas no grupo que pensam de maneiras muito diferentes e têm uma ideia própria sobre a música.”

Jorma Panula prossegue a introdução ao seu curso dando exemplos dos muitos problemas práticos e teóricos com que um maestro se depara. Encontrar uma solução para cada um desses problemas não tem uma receita pré-definida. Primeiro é necessário compreender cada partitura dentro dos moldes estéticos em que foi concebida. “Na Música Antiga não eram necessárias indicações de tempo. As danças eram conhecidas e as suites seguem os seus tempos. Mas quem sabe hoje em dia como se dançavam o menuet, a allemande, a gavotte ou a sarabande – talvez um curso de dança ajude. Basta ouvir um tango ou uma valsa para perceber que são geralmente tocados muito depressa. Nos primórdios da valsa as senhoras usavam vestidos compridos, não usavam minissaia (waltz musette). Os homens tinham os seus uniformes. Estas são apenas algumas pistas para compreender os tempos adequados à música desses períodos.”

Mas isto são apenas questões de tempo e nem sequer falámos ainda de transições entre diferentes partes da obra ou sobre relação de tempo entre andamentos. E o carácter de uma obra? Para Jorma Panula, “a instrumentação pode dar pistas preciosas. Um bom começo é ler a peça de fio a pavio, deixar depois a marinar durante uma semana ou mais. Regressar novamente, num tempo mais lento – as ideias tornam-se mais claras. Se não se consegue ouvir a música interiormente deve-se recorrer à ajuda de um instrumento até que se tenham todas as harmonias dentro da cabeça. Depois exploram-se as frases, as arcadas, o balanço...” Isto tudo decorre com as múltiplas questões que as partituras deixam em aberto, tendo em conta centenas de referências históricas, ideias feitas sobre como tocar Mozart, Beethoven ou Sibelius. E tudo se deve questionar como forma de afirmar as nossas certezas. Este é apenas um ponto de partida para estar preparado para enfrentar as dezenas de músicos profissionais que compõem uma orquestra.

Em tudo isto deverão ter pensado os 10 jovens maestros que foram seleccionados para o Curso de Direcção de Orquestra que Jorma Panula vai dar na Casa da Música e que culminará com um concerto público dirigido pelos alunos no dia 31 de Julho. O repertório foi anunciado previamente e as candidaturas chegaram de todo o mundo. Os maestros seleccionados por um painel de músicos da ONP através da visualização de vídeos vêm de Portugal, França, Bulgária, Roménia, Itália, Polónia, Alemanha, Estados Unidos da América e Coreia do Sul.

Entre o dia 22 e 30 de Julho vão correr muitas ideias sobre interpretação na Casa da Música. Muitas vão cair por terra, ali mesmo em frente à orquestra. Outras vão ganhar forma, como uma escultura que procura o momento em que alcança a perfeição. Não deixe de vir ouvir as jovens promessas da direcção de orquestra provenientes de todo o mundo que vão ter a oportunidade de dirigir a Orquestra Nacional do Porto pela primeira vez num programa construído sob a orientação de um dos mais importantes formadores de maestros a nível internacional.

### Jorma Panula

Jorma Panula é um dos mais consagrados professores de direcção de orquestra a nível mundial. Entre os seus alunos constam maestros tão célebres como Esa-Pekka Salonen, Jukka-Pekka Saraste, Osmo Vänskä ou Sakari Oramo, todos eles com carreiras internacionais de grande prestígio e titulares de grandes orquestras mundiais. O maestro Jorma Panula foi Professor da Academia Sibelius em Helsínquia entre 1973 e 1993 e leccionou igualmente na Academia Real de Estocolmo e na Academia Real de Copenhaga.

Foi Maestro Titular da Filarmónica de Helsínquia entre 1963 e 1997 foi director artístico da Orquestra Filarmónica Turku na Finlândia e da Sinfónica Aarhus na Dinamarca. Hoje em dia, Jorma Panula trabalha como Maestro Convidado e forma maestros em todo o mundo, muito regularmente nos Estados Unidos, Rússia, Itália, Espanha, França e Austrália.

Entre o dia 22 e 30 de Julho vão correr muitas ideias sobre interpretação na Casa da Música. Muitas vão cair por terra, ali mesmo em frente à orquestra. Outras vão ganhar forma, como uma escultura que procura o momento em que alcança a perfeição.

Agosto

Ago.

Segunda 10 a Sábado 15

Vários Espaços

CLARINETFEST 09

CONGRESSO MUNDIAL DO CLARINETE

Entre os dias 10 e 14 de Agosto o Porto transforma-se na Capital Mundial do Clarinete e a Casa da Música é o ponto de encontro de alguns dos mais prestigiados concertistas e professores da actualidade internacional.

Numa preenchida agenda de actividades que ocupa diariamente, de manhã à noite, vários espaços da Casa da Música, há lugar para conferências, master classes, concertos com orquestra, a solo e em música de câmara, bem como para os mais diferentes géneros musicais, desde o jazz à música clássica. Acontecimento imperdível para praticantes do clarinete, estudantes e profissionais, este é um momento para tomar contacto com diversas realidades da actividade, desde questões relacionadas com a saúde até às mais recentes inovações na construção dos instrumentos. Para o público em geral, os concertos dão a conhecer um repertório bem diverso.